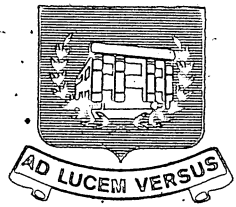
A N R L



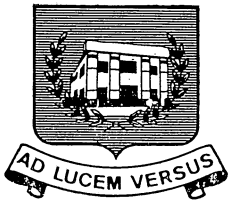
REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

ANO XXV - Nº. 13

Editora Universitária. - Natal - RN

NOVEMBRO — 1977

A N R L



José Ozildo
14-07-2002

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

ANO XXV — N.º 13

EDITORA UNIVERSITÁRIA — NATAL — RN
NOVEMBRO — 1977

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS. Natal

Editora Universitária, 1951 — anual

Academia Norte-rio-grandense de Letras

Rua Mipibu, 443

59.000 — Natal — Rio Grande do Norte, Brasil.

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, v. 1 -

n.º 1 — 1951 —

Natal, Editora Universitária, 1951 —

V. 16 x 23 cm

CDU - 869.0(81):061.232(813.2) (05)

SUMÁRIO

SAUDAÇÃO A MAURO MOTA
João Medeiros Filho 09

DISCURSO EM HOMENAGEM À MEMÓRIA DE CAROLINA WANDERLEY
Maria Eugênia Montenegro 21

DISCURSO DE AGRADECIMENTO por
Jaime dos G. Wanderley 31

CANTADOR DE VIOLA
Manoel Rodrigues de Melo 35

QUATRO POEMAS de
Esmeraldo Siqueira 41

NÍSIA FLORESTA
Nilo Pereira 47

EVOCANDO MOREIRA BRANDÃO E EDGAR BARBOSA
Ascendino Almeida 53

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO ASCENDINO ALMEIDA
José Melquíades 69

ANTÍDIO DE AZEVEDO, POETA E TROVADOR
Antônio Soares Filho 83

EM MEMÓRIA DE EDINOR AVELINO
Diógenes da Cunha Lima 101

DISCURSO DE AGRADECIMENTO
Gilberto Avelino 107

TRÊS SONETOS DE LUIZ RABELO 113

DISCURSO DE POSSE DE DOM NIVALDO MONTE 115

D. NIVALDO MONTE: TRAÇOS DE SUA CULTURA
Hélio Galvão 123

ORAÇÃO CONGRATULATÓRIA
Pe. Jorge O'Grady de Paiva 129

EDGAR FERREIRA BARBOSA
Hélio de Albuquerque Mello 133

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO ANTÔNIO SOARES FILHO
Veríssimo de Melo 143

SAUDAÇÃO AO ESCRITOR HÉLIO DE ALBUQUERQUE MELLO
Veríssimo de Melo 153

RAIMUNDO NONATO DA SILVA 155

REGISTROS E INFORMAÇÕES 189

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

PRIMEIRA DIRETORIA: 1936

Presidente — **Henrique Castriciano**

Secretário Geral — **Luís da Câmara Cascudo**

1.º Secretário — **Edgar Barbosa**

2.º Secretário — **Aderbal de França**

Tesouriero — **Clementino Câmara**

Comissão de Contas — **Ivo Filho, Virgílio Trindade e Francisco Palma**

Comissão da Revista — **Juvenal Lamartine, Floriano Cavalcanti e Antonio Soares.**

DIRETORIA ATUAL: 1976

Presidente — **Onofre Lopes**

Secretário Geral — **Otto de Brito Guerra**

1.º Secretário — **Veríssimo de Melo**

2.º Secretário **Meira Pires**

Tesoureiro — **Enélio Petrovich**

Bibliotecário — **Oswaldo de Souza**

Comissão de Sindicância — **Paulo Pinheiro de Viveiros**
Alvamar Furtado de Mendonça
Américo de Oliveira Costa

Comissão de Contas — **D. Adelino Dantas, Diógenes da Cunha Lima e Maria Eugênia Montenegro.**

Comissão da Revista — **João Medeiros Filho, Mariano Coelho e José Melquíades de Macedo.**

PATRONOS ACADÊMICOS

CADEIRA	PATRONO	ACADÊMICO
1	Padre Miguelinho	Raimundo Nonato da Silva
2	Nísia Floresta	Hélio Galvão
3	Conselheiro Brito Guerra	Otto Guerra
4	Lourival Açucena	Enélio Petrovich
5	Moreira Brandão	Ascendino Almeida
6	Luis Carlos L. Wanderley	Gumercindo Saraiva
7	Ferreira Nobre	Mariano Coelho
8	Isabel Gondim	Walter Wanderley
9	Almino Afonso	Peregrino Júnior
10	Elias Souto	Bruno Pereira
11	João Maria	Onofre Lopes
12	Amaro Cavalcante	Veríssimo de Mélo
13	Luis Fernandes	Luís da Câmara Cascudo
14	Joaquim Fagundes	Antonio Fagundes
15	Pedro Velho	Umberto Peregrino
16	Segundo Wanderley	Maria Eugênia Montenegro
17	Ribeiro Dantas	Aluizio Alves
18	Augusto Severo	D. Nivaldo Monte
19	Ferreira Itajubá	Nilo Pereira
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley
21	Antonio Marinho	Luis Rabelo
22	Leão Fernandes	D. Adelino Dantas
23	Antônio Glicério	Jaime G. Wanderley
24	Gotardo Neto	Antônio Soares Filho
25	Ponciano Barbosa	Meira Pires
26	Manoel Dantas	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa
28	Padre João Manoel	Paulo Pinheiro de Viveiros
29	Armando Seabra	Esmeraldo Homem de Siqueira
30	Padre Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades de Macedo
32	Francisco Fausto	João Batista Cascudo Rodrigues
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza
34	José da Penha	Alvamar Furtado de Mendonça
35	Juvenal Antunes	Gilberto Avelino
36	Benício Filho	João Medeiros Filho
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro
38	Luís Antônio	José Tavares
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros

O NÚMERO 13

Este número da nossa Revista traduz a continuidade de esforço da Academia para manter a chama votiva da produção intelectual dos que representam as letras do Rio Grande do Norte. Não é um número cabalístico. Nem tão pouco a importância algébrica dos quantidades negativos. Representa uma soma, uma ordem, um calendário das forças de criação do homem de pensamento.

Desde a sua aparição, em 1951, inicialmente sob a Presidência do confrade Paulo de Viveiros e, depois, com Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa e Manoel Rodrigues, a Revista tem, sem esmorecimento, e com fidelidade, mantido o ânimo dos idealistas e a firmeza dos seus primeiros passos. As gerações dos imortais, velhos e novos, agora ou no futuro, serão sempre o exemplo do aprimoramento e da valorização das nossas letras.

Este número é mais uma presença no tempo, uma constante testemunha de trabalho fecundo que, hoje, como moeda preciosa, cunhamos na vida cultural do Rio Grande do Norte, como expressão de trabalho e de estímulo.

ONOFRE LOPES
Presidente

SAUDAÇÃO A MAURO MOTA

(Discurso pronunciado pelo acadêmico João Medeiros Filho na solenidade de celebração do quadragésimo aniversário da Academia Norte-rio-grandense de Letras) 14-11-1976

Diz-se que as celebrações aniversárias residem na idéia da recorrência cíclica dos fenômenos naturais, inspirando-se na necessidade de romper periodicamente a rotina que tornaria a vida prosaica demais e talvez insuportável.

Assim, quebramos hoje a rotina e comemoramos o primeiro fato de uma série que se continua até hoje, agrupando-nos nesta casa.

O primeiro acontecimento, segundo as notas do arquivo, se deu no dia 14 de novembro de 1936, reunindo na sede do Instituto de Música do Estado, na rua Vigário Bartolomeu n.º 630, os seguintes intelectuais: Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes, Antonio Soares de Araújo, Juvenal Lamartine de Faria, Floriano Cavalcanti de Albuquerque, Luiz da Câmara Cascudo, Francisco Ivo Filho, Edgar Barbosa, Matias Maciel, Oto de Brito Guerra, Waldemar de Almeida, Clementino Câmara, Bezerra Junior e Aderbal de França. Lido o projeto de estatutos por Câmara Cascudo, foi aprovado. Nessa reunião, Câmara Cascudo declarou "ter se desincumbido da missão que lhe havia confiado a Academia Carioca de Letras para animar a fundação de um Associação de Letras no Rio Grande do Norte. Finalizando, disse o mestre Cascudo que, considerando aquela sessão como sendo a da fundação, congratula-se com os presentes e surgeria a necessidade de eleger-se imediatamente

a Diretoria", assim constituída: Presidente — Hnrique Castriciano; Secretário Geral — Luiz da Câmara Cascudo; 1.º Secretário — Edgar Barbosa; 2.º Secretário — Aderbal de França; Tesoureiro — Clementino Câmara. Para as Comissões de Regimento Interno, de Contas e Redação da Revista foram eleitos, respectivamente: Sebastião Fernandes, Matias Maciel e Oto Guerra; Francisco Ivo, Virgilio Trindade e Francisco Palma; Juvenal Lamartine, Floriano Cavalcanti e Antonio Soares.

Apesar de certa confusão que o pronome demonstrativo na flexão feminina **aquela**, constante de ata redigida por Aderbal de França, poderia gerar, supomos que a data de fundação desta Academia deve ser considerada a que hoje celebramos. **Se houve outra reunião a que estivessem presentes os intelectuais que figuraram nas comissões acima aludidas, ninguém pode afirmar com segurança na falta de prova documental.** Realmente, **aquela** sessão tanto indicava coisa mais ou menos afastada do congratulante Câmara Cascudo, como um indefinido com o valor de **tal**, em lugar de **esta**, sendo possível ainda que o pronome **aquela** fosse apenas uma referência á sessão dantes mencionada no cabeçalho da primeira sessão preparatória equivalente **a esta** sessão. São questões de vernáculo que ficam à conta dos entendidos, certo de que a linguagem, ontem como hoje, não diminui o valor dos acontecimentos, embora possam modificá-los na interpretação histórica, se não for isenta de dúvidas.

Afirmamo-lo, sem nenhum desar para aquele que redigiu a ata, Aderbal de França, que foi um dos maiores jornalistas do Estado, no seu gênero.

* * *

Achamos que, se nos reunimos em assembléia, homens que se consideram de mentalidade superior, não avançada nem retrógada, mas equilibrada, usando o passado para dar base ao presente, temos que analizar todos os fatos com o desejo de acertar e de realizar, fazendo justiça comutativa e dando aos acadêmicos que nos antecederam o que lhes é devido, na grandeza moral de suas vidas e na estesia de que eram portadores. Simplesmente, como investigador ou pesquisador, fazendo da literatura instrumento de ação, entendemos que a interpretação das leis se assemelha à intrepretação dos fatos culturais ou literários, das artes, da ciência. Se o direito é a expressão das vantagens do corpo social, tudo o que age sobre a sociedade repercute sobre o direito, uma vez que o direito est; intimamente solidário com todas as expressões da vida social, artística, científica, enfim, com todas as manifestações da cultura, considerada esta como uma herança social. Dessarte, será

ingenuidade desprezar o valor do livro, da literatura escrita, da linguagem, do vernaculismo, sob o pretexto de **contestação.**

No caso, o texto escrito deve ceder lugar á imagem do som, á grandiosidade da idéia, porquanto a **cultura** tem que ser entendida num contexto somático em relação com os organismos humanos, e extrasomático, quando as coisas e acontecimentos, dependentes de simbolização, são considerados nesse contexto em face de sua relação com outras coisas e acontecimentos semelhantes. E a razão por que, pertencendo a esta Academia, procuramos fazer cultura sem hipocrisia, como um comportamento aprendido, num todo complexo que inclui conhecimentos, crença, arte, moral, leis, costumes e todas as outras capacidades adquiridas pelo homem em sociedade.

Colocada a questão nestes termos, volta-se nossa atenção para as pessoas, para os indivíduos denominados centros dinâmicos do processo de irradiação de inteligência, de arte, de literatura, que se expandiu no Rio Grande do Norte desde 14 de novembro de 1936.

* * *

Por estarmos em exultação, em comemoração à data da fundação desta Academia, mais que um jubileu de prata e quase um jubileu de ouro, ficou deliberado realizar-se nesta oportunidade, num adiantamento justificado pelas eleições municipais, verdadeira festa jubilar, com a presença de MAURO MOTA, das Academias Pernambucanas e Brasileira de Letras.

* * *

Mauro Mota é um escritor que nos conquista à primeira fala, ao primeiro escrito, pela linguagem escorreita, pela estrutura narrativa.

Conta-nos ele, no "CAPITÃO DE FADANGO", que certa manhã viajou num ônibus com um filósofo que, pela descrição, era um garimpeiro de solecismos. E, entre próteses, epênteses, paragoges e sinalefas, Mauro Mota quase o arrebentou com um apóstrofe na cabeça...

Mas essa ogerisa à gramática ou mesmo à filologia não é outra coisa senão uma atitude simbólica, pois o escritor pernambucano faz "obra de arte verbal" na qual a linguagem exerce grande papel.

Para Todorov, uma disciplina inteira, a estilística, criou-se nos confins dos estudos literários e da lingüística.

Ou, segundo as palavras de Benveniste, a configuração da linguagem determina todos os sistemas semióticos. Sendo a arte um

desses sistemas, poderemos estar certos de nela descobrir a marca das formas abstratas da linguagem.

Claro é que a linguística negligenciou a noção do sentido; verdade é também que o estruturalismo linguístico está prenhe de beleza artística no mérito dos trabalhos de Mauro Mota. Dele poder-se-ia dizer que "nenhuma fase da sua obra literária pode ser, em sí, uma expressão direta dos seus sentimentos pessoais, pois essa obra é sempre construção, organização. Por isso é que afirmam permitir essa observação uma distinção nítida entre literatura e folclore.

Numa palavra, a força bimensional da obra literária de Mauro Mota, nos conceitos literário e folclórico, oferece razões para considerarmos o escritor que nos honra hoje com a sua presença e a "valoração" da literatura que tem o sabor das coisas puras, de nível merecedor da nossa admiração estética em qualquer dos livros que já escreveu: "CANTO AO MEIO", "ESPITAFIOS", "OS BICHOS NA FALA DA GENTE", "VOTOS E EX-VOTOS", "CAPITÃO DE FANDANGO", "O CAJUEIRO NORDESTINO", "IMAGENS DO NORDESTE", "ELEGIAS" e tantos outros.

Mauro Mota não é propriamente um folclorista. O folclore, segundo os especialistas, é uma ciência em função da pesquisa. Dessarte, "constituindo o fato folclórico a maneira de pensar, sentir e agir de um povo, tudo preservado pela tradição popular, sem influência dos circulos eruditos e instituições que se dedicam à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica", conforme foi conceituado no I Congresso Brasileiro de Folclóre, reunido no Rio de Janeiro, em 1951, dele se afasta o escritor pernambucano ao empregar métodos próprios no estudo da vida popular do seu livro "TERRA E GENTE". É o que ocorre também com os etnógrafos no jogo de conceito e explicação dos fatos, unindo-se em tudo a cultura popular.

Interessa a Mauro Mota, especialmente, a tradição, como atividade no campo das ciências sociais. Dizia Artur Ramos que as formas ergológicas ligadas aos meios tradicionais da vida e aglutinadas a um **corpus** de tradições ou de filosofia costumeira, se tornaram folclore. Por isso, Mauro Mota, jornalista, professor de Geografia do Brasil, ex-Presidente do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, poeta, cronista, ensaista e memorialista, é um espírito privilegiado no mundo que escolheu para exercer o seu trabalho à luz de uma real "contribuição para a história da cultura".

A tradição, não a recordação, a memória, mas a transmissão oral de lendas, de fatos, de geração em geração, de idade em idade, é, como ensina o mestre Cascudo, a dinâmica fundamental do Direito Consuetudinário.

Dos costumes, repetidos nos tempos, tornados tradição, nascem os códigos, disciplinas, exigências, punições. E também as primeiras interpretações ao sabor do interesse de cada grupamento, classe, casta, dinastia.

Conta Cascudo, na monografia "Etnografia e Direito":

"Ainda no século XIV há uma anedota expressiva — Um arcediago de Sevilha matou um sapateiro e o Juizo eclesiástico, com fôro especial, condenou o assassino a não celebrar missas durante um ano. O filho do morto foi queixar-se ao Rei D. Pedro, o Cruel, de Castela, que o orientou. O rapaz matou o arcediago. O Bispo de Sevilha reclamou justiça. O Rei condenou o moço a não fazer sapatos durante doze meses". Essa anedota, ao que se diz, correu mundo no século XVI, especialmente na Italia e Espanha.

Afirma-se, então, que o maior índice de inteligência é a compreensão desinteressada do fato alheio ao próprio complexo cultural, estranho à sua civilização.

Mauro Mota, que traz consigo a tradição da cultura da terra de Joaquim Nabuco, de tantos homens ilustres, cujos nomes seria fastioso enumerar nesta hora, Mauro Mota que nos lembra a velha Faculdade de Direito em que nos bacharelamos, vem à cidade do Natal estreitar cada vez mais os laços que nos unem a sua gente.

Transcrevemos a seguir os versos de Mauro Mota do seu livro "CANTO AO MEIO", em que, usando linguagem popular e linguagem literária, cria magistralmente imagens sensoriais e visuais no "Boletim Sentimental da Guerra no Recife":

BOLETIM SENTIMENTAL DA GUERRA NO RECIFE

Meninas, tristes meninas,
de mão em mão hoje andais,
Sois autênticas heroínas
de guerra, sem ter rivais.
Lutastes na frente interna
com bravura e destemor.
À vitória aliada destes
o sangue do vosso amor.

Por recônditas feridas,
não ganhastes as medalhas
Terminadas as batalhas
de glórias incompreendidas.
Éreis tão boas pequenas
éreis pequenas tão boas!
De várias nuanças morenas,
ó filhas de Pernambuco,
da Paraíba e Alagoas.

Tinheis de quinze a vinte anos,
tipos de colegiais,
diante dos americanos,
dos garbosos oficiais,
do segundo time vasto
dos fuzileiros navais
prontos a entregar a vida
para conseguir a paz,

Varrer da face do mundo
regimes ditatoriais
e democratizar todas
as terras continentais
a começar pelos sexos
das meninas nacionais.

Iniciou-se então a fase
de convocação e treino
todos os dias na Base
Ah! com que pressa aprendíeis
Só pela conversa quase!
Dentro de menos de um mês,
sabíeis falar inglês.

E os presentes? Os presentes
eram vossa tentação
coisas que causavam aqui
inveja e admiração:
bolsas plásticas, a blusa
de alvas rendas do Havaí,
bicicletas **Made in USA,**
verdes óculos **Ray Ban.**
era um presente de noite
e outro dado de manhã,
verdadeiras maravilhas
da indústria de Tio Sam

E as promessas? As promessas
eram vossa sedução.
Acreditáveis que elas
não eram mentira, não.
Um **Frazer** no aniversário
passeios de **Constellations,**
num pulo alcançar Miami,
almoçar na Casa Branca

descer na Quinta Avenida,
Fazer **piquet** pela Broadway,
ver a **première** no Cine
junto dos artistas, com
êles todos na platéia.
Ouvir, no **Opera House,**
numa noite Toscanini,
na outra noite, Lili Pons.
Com tanto **it** e juventude
podieis testes ganhar,
ser estrelas de Hollywood,
ciúmes de Hady Lamarr.

Ah! bom tempo em que corríeis,
"pés descalços, braços nus,
através das asas ligeiras
das borboletas azuis".
Ó prematuras mulheres,
fostes, na velocidade
dos **jeeps**, às **garçonnières**
da Praia da Piedade.

Quase que se rebentavam
vossos úteros infantis
quando veio o telegrama
da tomada de Paris.

Ingênuas meninas grávidas,
o que é que fostes fazer?
Apertai bem os vestidos
pra família não saber.
Que os indiscretos vizinhos
vos percam também de vista.
Saistes do pediatra
para o ginecologista.

Babies saxonizados,
que só mamam vitaminas,
são vossos **babies**, meninas,
em vários cantos gerados,
nas **mapples** dos automóveis,

no interior das cantinas,
da praia na branca areia,
nas noites sem lua cheia.
Meninas, tristes meninas,

vossos dramas recordai,
quando eles, no armistício,
vos disseram **Good bye.**
Ouvireis a vida toda
a ressonância do choro
dos vossos filhos sem pai.

* * *

Estas anotações nos fazem relembrar as palavras de Gilberto Amado no livro MINHA FORMAÇÃO NO RECIFE sobre a tomada de consciência do Brasil no século vinte, precisamente na década de 1920 a 1930. Afirmava ele que nessa época a consciência literária brasileira atingira a maturidade, entre as duas tendências, a que se refere Afranio Coutinho, — a que arrastava para a Europa e a que buscava estabelecer uma tradição local nova. Era a longa marcha para a conquista do autodomínio, entre a fase romântica realista do século XIX e o período modernista conteporâneo.

O problema das relações entre o escritor e a natureza, assumindo uma **cor local** e aumentando o poder de assimilação, levou Gilberto Amado a afirmar naquele ano: "A Europa é hoje para nós a viagem, estudo ou recreação, o prazer do clima, o encantamento artístico, a variedade dos dias animados longe das obrigações cotidianas, o atrativo intelectual, a curiosidade simplesmente".

Alguns anos depois, lia a INTRODUÇÃO À LITERATURA BRASILEIRA em que o mestre apresentava o Brasil voltando ao exílio intelectual, e aí surgiu a idéia de, algum dia, focalizar o assunto, o que fazemos neste instante, exaltando a tradição, cultuando a tradição, pondo a natureza em função da terra natal (até este nome lembra romantismo, nativismo, indianismo), sem "retornar à Europa", na expressão de Afranio Peixoto, citado por Coutinho, Europa a que nunca fomos e que conhecemos sem ir lá.

* * *

O livro de Veríssimo de Melo, "PATRONOS E ACADÊMICOS", é uma colaboração inestimável às letras norte-rio-grandenses. Encontramos, nos seus dois tomos, toda a história desta casa, todo "o labor dos primeiros vinte e cinco anos de 1936, aos trinta solidários, de 1943, alcançando a tarefa realizada dos Quarenta, e seus sucessos no tempo", como está escrito no prefácio de Câmara Cascudo.

Se não tivessemos homens com essa obstinação, com essa paciência, com esse atilamento de espírito de Veríssimo de Melo, não

teríamos a metade do que se conhece relativamente à identificação dos que contribuíram no plano literário, artístico e científico, para o desenvolvimento da literatura, do prazer estético, da ciência política, da juridicidade, da universalidade de sentimentos e de pensamento em íntima união com a representação mental do passado e do presente.

É um trabalho esse que eleva o seu autor e exalta a comunidade.

A obra coletiva, realmente, inspira-se na idéia de que não é mais possível a história literária senão como tarefa de cooperação (A. Coutinho).

Outro Veríssimo, José Veríssimo Dias de Matos, paraense de Óbidos, crítico literário caracterizado pelo autodidatismo, dizia haver lido todas as obras de que tinha de falar.

PATRONOS E ACADÊMICOS nos fez conhecer o passado, nada passando despercebido ao autor. Sem desprezar o conjunto, com unidade de planejamento e concepção, essa contribuição histórica constitui uma tarefa ingente e deve ser colocada, sem favor, entre as investigações mais significativas que já se fizeram no Estado.

Desses quarenta **patronos** (escritores, artístas ou cientistas sob a égide dos quais estão as cadeiras das Academias), um, Joaquim Eduvirgens de Melo Açucena, mais conhecido por Lourival Açucena, nascido em 1827, poeta humorista, boêmio, satírico, cuja fotografia não foi encontrada para compor a galeria que hoje se inaugura, deixou, há mais de cem anos, este retrato dos políticos do século XIX iguais aos de hoje.

"Nas vésperas de eleição
Vão à casa do cumpadre,
Dão beijos no afilhado,
Rompem sedas à comadre.

E o pobre diabo
Entra na enrascada
Tomando sopapos,
Servindo de escada.
Eles vão à Côrte
E o cumpadre fica
Bebendo jucá
Ou doses de arnica...
Já ouviu Yayá?

Viva Pedro e morra Paulo
É muita gente p'ra festa:
Com pouco mais, viva Paulo,
Morra Pedro que não presta"

Foram estes os Presidentes da Academia Norte-Riograndense de Letras, de 1936 a esta data: Henrique Castriciano, Antonio Soares de Araújo, Juvenal Lamartine de Faria, Paulo Viveiros, Edgar Ferreira Barbosa, Américo de Oliveira Costa, Manoel Rodrigues de Melo e o atual Onofre Lopes. Todos se esforçaram para que a Academia atingisse seus objetivos. Manoel Rodrigues de Melo, que quase se perpetuou no cargo, prestou relevantes serviços a esta agremiação nos seus vinte anos de direção administrativa, dando-nos a estrutura do que hoje vemos neste palácio. E Onofre Lopes, que vem de uma administração soberba na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, já demonstrou em poucos dias o valor de quem nasceu para construir e realizar.

* * *

Todos sabemos que as Academias foram as sociedades que no século XVII e XVIII se fundaram com o objetivo de aprimorar o estudo da língua e o culto das letras, da história e da ciência. Umas, de curta duração, se destinavam à celebração de acontecimentos. Outras se organizaram apenas como simples reuniões literárias.

O nome academia, ensina a tradição, provém do Jardim de Academus, onde platão dava aulas aos seus discípulos.

A primeira Academia sem fins didáticos foi a francesa, fundada pelo Cardeal Richelieu em 1634.

Depois de muitas Academias efêmeras, foi fundada, no Rio, em 1896, a Academia Brasileira de Letras, sendo Machado de Assis seu primeiro presidente; Joaquim Nabuco — Secretário Geral; Rodrigo Otávio — 1.º Secretário; Silva Ramos — 2.º Secretário e Inglês de Souza — Tesoureiro.

Não sofremos, nunca sofremos de absenteísmo e, por conseguinte, sempre estivemos presentes aos fatos que se desenrolam na sociedade, especialmente os que se rlacionam com a cultura, em qualquer sentido. Assim, foi com o maior orgulho que ingressamos nesta Academia. Tinhamos poetas, escritores, estadistas, artistas, mas nos faltava o centro de irradiação, uma vida literária organizada. Foi esse o papel que se permitiram realizar aqueles homens reunidos em 1936 no Instituto de Música. Daí para cá, nestes 40 anos, procurou a casa de Henrique Castriciano fazer a história da literatura norte-riograndense, sistematizando-a, do que dá provas a Revista que serve de veículo de comunicação e divulgação da vida intelectual do Rio Grande do Norte. Até então não se tinha notícia de influência maior, do predomínio nas artes, na ciência, na política, na literatura, a não ser em jornais e livros esparsos, de estadistas do porte de Augusto Tavares de Lira, de um José Au-

gusto Bezerra de Medeiros, de um Juvenal Lamartine de Faria, de um Pedro Velho, de um Alberto Maranhão; também pouco se conhecia do valor de homens da estatura mental de um Amaro Cavalcanti, de um Rodolfo Garcia, de um Felipe Neri de Brito Guerra, de um Tobias Monteiro; e muito se ingnorava da arte poética de um Henrique Castriciano, de um Otoniel Menezes, de um Ferreira Itajubá, de um Gothardo Neto, de um Ponciano Barbosa, de uma poetisa do quilate de Auta de Souza, e de Nisia Floresta Brasileira Augusta, de um Cosme Lemos, de um Esmeraldo Siqueira, de um Segundo Wanderley — que sabemos lá! — de todos estes escritores, jornalistas, juristas — Luiz da Câmara Cascudo, Miguel Seabra Fagundes, Américo de Oliveira Costa, Aderbal de França, Edgar Barbosa, Sebastião Fernandes de Oliveira, Hélio Galvão, Veríssimo de Mélo, Nilo Pereira, Manoel Rodrigues de Melo, Romulo Wanderley, Palmira Wanderley, Raimundo Nonato da Silva, Francisco Bruno Pereira, Eloy de Souza, Luiz Gonzaga do Monte, enfim, de todos os nomes ilustres que projetam a grandeza da terra potiguar, sem que nos possam acusar de **ufanismo.** Que nos perdoem alguma omissão na relação exemplificativa de pessoas, pois não temos agora a missão de analisar em profundidade tudo o que se fez no Estado, firmando conceitos e citando todos os intelectuais em todas as manifestações de inteligência. O próprio orador que vos fala se põe à margem de tudo isso, para ser pregoeiro das virtudes dos seus coestaduanos pelo espírito e pelo coração.

Que as bênçãos do céu nos protejam e aos que trabalham pelo engrandecimento da terra comum.

DISCURSO EM HOMENAGEM À MEMÓRIA DE CAROLINA WANDERLEY

MARIA EUGENIA MONTENEGRO

Exmo. Sr. Presidente da ANRL
Digníssimas autoridades
Senhores Acadêmicos
Senhoras e Senhores
Ilustres membros da família da homenageada

A Academia Norte-Riograndense de Letras, nesta noite solene, abre novamente suas portas para prestar homenagens à memória de mais um dos seus ilustres membros.

Relembramos, hoje, emocionados, Carolina Wanderley, que no término dos dias de luz e sombras de sua trajetória radiosa pela terra dos viventes, deixou o corpo material para integrar-se, em espírito, à outra vida imortal, aquela que os séculos não consomem, sem noites nem sois, sem presentes e futuros, sem outros dias que não sejam os da Glória Celestial.

Sensibilizada pelo honroso convite do Presidente desta Casa — o dr. Onofre Lopes — para fazer a saudação póstuma à tristonha e meiga Carolina Wanderley, no cumprimento dos estatutos que regem esta Academia, eis-me aqui, Sr. Presidente, caros Acadêmicos, Senhoras e Senhores, a ocupar novamente esta tribuna.

Se da primeira vez aqui cheguei numa noite linda e memorável, enfeitada de crisantemos amarelos, hoje volto trazendo saudades. Poderia, muito apropriadamente, repetir a quadra filosófica, tão decantada pela alma popular:

Até nas flores se encontra
a diferença da sorte
umas enfeitam a vida,
outras enfeitam a morte.

Trago pois, neste momento solene, uma braçada de saudade — a flor triste que meu coração plantou — para saudar á mística e terna Carolina. São flores brotadas do coração, oferecidas pelo mais modesto dos imortais. São flores que falam, não apenas de tristezas e amarguras, mas de amor, de ternura, de lutas e de derrotas, de sentimento cívico, de quem se transformou, suavemente, dolorosamente, em estrela de raro brilho, a refulgir, nova, no célico azul da glória potiguar.

Falar da Presença Fria, da companheira eterna da vida é condição humana. A ela estamos interligados, como almas gêmeas que se abraçam, indissolúveis e inquebrantáveis na rotina do tempo e da eternidade.

Carolina Wanderley, a mística e lírica poetisa, a "formosa romântica", evolou-se para outras paragens mais altas, como pluma que o vento leva, planando sua alma sofredora no azul da eternidade. Faleceu num dia triste do mês do desgosto, o mês dedicado ao nobre imperador romano, as horas do dia recebendo os sagrados sacramentos da Igreja que tanto amou, rodeada de parentes e amigos. Levou consigo a dor de uma separação e a glória literária de uma imortal. Como estrela recém-nascida, quem sabe ouvirá no astral o eco longínquo do seu:

GRITO DA ALMA

E embalde cismo... Em que consiste aqui na terra,
O mais perfeito ideal, a suprema ventura!
Das glórias o esplendor a angústia não desterra,
E o amor nos traz somente uma grande amargura!

Quando terminará essa entranhada guerra
Que em nossa alma se agita e a torna imbele e escura?
A augusta aspiração de paz que a vida encerra,
Onde existe, se o bem é vário e o mal perdura?

Paira por sobre tudo a sombra da incerteza;
Vem ferir a existência os cardos da tristeza
E apenas o pezar nosso caminho junca.

Se tudo se dissipa e se a dor tudo invade,
Onde vive, onde reina essa felicidade
Que eu desejo, que eu busco e não encontro nunca?

Segundo Alexis Carrel, em seu livro científico e filosófico, O Homem, Esse Desconhecido, ele traz em si, no amálgama das origens, nos fenômenos de sua perturbante complexidade, a eterna interrogação do seu "id" insondável.

Assim procuramos desvendar a alma de Carolina, sem, ter outros propósitos que não sejam o de mostrar as muitas facetas de sua personalidade, sem, contudo, chegar à conclusão do tumulto de emoções que tornaram-na a flor melancólica da lira potiguar.

Carolina nasceu a 4 de janeiro de 1891, na Atenas Norte-Riograndense, no velho e tradicional Açu. Foi a primogênita do casal — Professor Luís Carlos Lins Wanderley — Maria Amélia Wanderley. Teve dois irmãos: o vibrante jornalista e teatrólogo Sandoval Wanderley — o de saudosa memória e Alberto, o caçula, que traz no "genes" o amor à cultura no caminho do saber dos ancestrais.

Aqui, nos Verdes Vales, viveu Carolina os primeiros anos, transferindo-se depois para a Capital.

Muitas circunstâncias aproximam-me de Carolina. Estou ligada à nobre família por laços imortais de admiração e de sincera amizade. Ocupando a Cadeira n.º 16, cujo Patrono é o eclético Segundo Wanderley, tive a responsabilidade maior de substituir Rômulo Wanderley — o telúrico cancioneiro da Terra dos Verdes Carnaubais. Agora, no estudo da vida de Carolina tive a emoção de saber que a casa onde habitou no Açu é vizinha a que resido. São casas gêmeas abraçadas num só bloco de cimento e cal, de sólidas paredes, nas mesmas linhas do estilo colonial. São largas as janelas, e nos frontispícios, os mosaicos portugueses, a marcarem uma época, dão-lhe um aspecto senhorial.

Eu vejo Carolina a brincar de esconde-esconde pelos largos corredores, outras vezes, balançando-se nas alvas redes, nos quartos amplos da velha casa. Posso ouví-la também na voz melodiosa das cantigas infantis, a brincar na Praça da Matriz.

Certamente, Carolina, debruçando-se nos umbrais da antiga casa via as mesmas cousas que menos olhos vêem, marcadas a época e a distância nas transformações naturais. Naturalmente, via as mogumbeiras com os ninhos de amor dos trepidantes canários e dos cabecinhas de fogo. Quantas e quantas vezes não deveria ter observado, com seus olhos de menina poetisa, no alto da torre da Matriz, o decantado carneirinho a rodar, ao sabor dos ventos! Imagino também, que os velhos umbrais ouviram-lhe ternos segredos, de uma juventude em flor, sedenta de um amor que feneceu muito antes de florir. Quem sabe, a recordar esse tempo, foram feitos esses versos:

SEM AMOR

Sempre essa fria, atrós indiferença,
Esse desdem acerbo, esmagador,
A vogar, a vogar na noite imensa
Do teu olhar tristonho e enganador.

Porque em tua alma de ternura intensa
— Cofre de riso, em que não vive a dor,
Não surge no horizonte azul da crença
A rósea aurora do primeiro amor?

Na existência onde o goso não perdura
Sem encontrar a luz fulgente e pura
Da esperança a brilhar na solidão,

Desolada não fiques, flor bendita;
O coração é como a parasita,
Vive da vida de outro coração

Eu imagino Carolina sentada nas velhas calçadas do lugar, aurindo os ares puros do vento norte. Nós acompanhamos seus olhos de poeta, vislumbrando balões subindo, estrelinhas e fogos de artifício pipocando nos céus do Açu, nas telúricas noites de festas do seu ínclito Padroeiro São João Batista.

De sua saudade os versos à terra amada:

Terra bendita que abriguei ditosa,
da minha infância as ilusões fagueiras,
coroada qual rainha magestosa,
das verdes palmas das carnaubeiras;

Terra gentil, que acolhes carinhosa
nas oiticicas, densas e altaneiras
bandos de aves gazís, que em voz maviosa
cantam do sol as radiações primeiras;

Se eu, algum dia, trêmula velhinha,
Presa à mágoa que aos poucos me definha
ao teu solo volver, berço risonho,

Agasalha-me ainda com ternura,
como outrora, nos dias de ventura
agasalhaste o meu primeiro sonho!

Diplomando-se pela Escola Normal de Natal, em 1911, iniciou o seu magistério no Grupo Escolar Tte. Cel. José Correia de Açu. Após um ano foi removida para o Grupo Escolar Frei Miguelinho, da Capital, onde permaneceu até aposentar-se.
da Capital, onde permaneceu até aposentar-se.

Como professora escolheu Moral e Cívica, meta prioritária, para inculcar na alma da juventude o sentimento pátrio que fervia em suas veias. Compunha o quadro da Associação dos Professores. Amava a sua profissão e fez dela a razão de sua vida. Escreveu centenas de versos, dramas escolares, diálogos e monólogos que eram encenados nas escolas. Essa coletânea literária encontra-se em seu primoroso livro Rimário Infantil, publicado em 1926. Desfraldava em cena o Simbolismo da Nossa Bandeira e decantava o Escudo do Rio Grande do Norte na pujança dos elementos. Canta o Mar: na música dos seus versos:

As ondas marulhantes
revoltas, espumantes
arremeço num ímpeto fremente
mas, ao chegar a praia
o meu furor desmaia
e beijo a areia carinhosamente

Neste escudo figuro
fiel, representando
o sal mais precioso, o sal mais puro
— tesouro valioso,
que sempre dadivoso
as terras deste Estado vou deixando.

Entra a Jangada em cena.

As verdes aguas sulcando
vai a vida procurando,
confiante, o pescador.
Sem temer nenhum perigo,
da vela branca ao abrigo,
enfrenta todo o fragor.

E assim fala com amor e graça de todos os símbolos, enaltecendo-os nas figuras representativas de seu estado natal.

O seu Rimário Infantil tem uma originalidade: os retratos das crianças de sua época que apresentam os poemas, em fotos expressivos, condizentes com os versos.

O altruismo do seu espírito espalhava felicidade ao redor. As crianças sentiam-se realizadas, no palco ou nas escolas, recitando seus versos. Via-os corados de palmas, nas expressões de júbilo da infância que não sabia fingir.

As crianças amavam-na. Certa vez, recebeu de um aluno, uma carta declarando-lhe amor. Carolina, entre revoltada e confundida, dizia: "... e que diabo ele vai querer com essa carcaça velha?

Em Natal, Carolina encontrou um ambiente propício para desenvolver seus pendores literários. Publicou em 1919 Alma em Versos, que recebeu da crítica os melhores elogios:

De Nestor Lima: Carolina Wanderley faz poesia pela poesia, o verso pela arte, a rima e metro pelos seus méritos próprios. Não é rabuscada nem tem complicações. Seus versos ressoam limpidamente, sonoramente, agradavelmente, como o marulho de ondas do Grande Rio — o Açu — naquelas enchentes diluviais de invernos passados.

De Eloi de Souza: Seus versos revelam uma grande alma, corajosa no sofrimento e enterneceram a mim, pela sinceridade que traduzem, na formosura e na graça de um estilo sem artifícios, como o próprio sentimento que neles palpita.

A tônica dos versos de Carolina foi a tristeza. Essa, incontida, jamais a abandonou. Desejava, certamente, ser jovial, alegre, extrovertida, mas era tímida, e moodesta. Em seu pooema, Meu Retrato imaginava-se diante do espelho, a observar outra Carolina, porém retrata-se fiel, como o fiel espelho, a ouvir vozes que não a sua. Ouçamos alguns versos:

Fui tirar o retrato. Um tempo havia
que eu estava ensaiando
deveras estudando,
uma expressão de vida, de alegria,
que ocultasse a eternal melancolia
gravada em meu semblante pesaroso,
recordando uma viúva desolada
que tendo poucos meses de casada
num momento fatal perdeu o esposo.

Imaginava-se retratada por alguém que a visse risonha, feliz. Finalmente, desiludida, completava o poema:

Como triste fiquei!
Os gestos que estudei
para ficar alegre,
como castelos no ar

por terra vi cair
Apesar de mulher, não sei fingir!
Depois de ter lutado inutilmente,
concluí, finalmente:
Procure vezes me retratar,
tenha a escolher fotógrafos diversos,
o meu semblante sempre há de mostrar a tristeza que exprimo nos meus versos.

Sr. Presidente, Acadêmicos, senhoras e senhores:

Se Carolina Wanderley muito amou o seu trabalho, se fez da lira válvula de escape por onde transbordasse os seus sentimentos, dedicava todo carinho aos seus queridos ao redor. Não se casando, transferiu o seu amor para os sobrinhos de quem dizia: "A quem Deus não deu filhos, o diabo deu sobrinhos, mas a mim, deu-me quatro raios de sol". Ei-los descritos nos versos dedicados ao Alberto e Francisquinha:

Tenho na solidão de minha vida
— murcho rosal entre ásperos espinhos
tornando-a de alegrias esquecida
quatro raios de sol: são meus sobrinhos.

Aimee — farol da noite de minha alma
de olhar tranquilo e sorrisos francos
lembra a bondade ingênua e calma
um campo em floração de lírios brancos

Sempre festiva na expansão vaidosa,
vencendo a vida sem temer escolhos,
guarda Cenira, envolto em luz radiosa
um mundo de ideais dentro dos olhos

A minha mente muita vez inquieta
interroga: José ao que é que vai?
Será soldado... apóstolo... um poeta?
Hoje é apenas a sombra do Papai.

Vendo-os do meu afeto na amplitude,
da minha dor se fecha a cicatriz;
renova-me na sua juventude
e se os sinto felizes — sou feliz.

Natal, Nov/39

Outros dons se uniram ao espírito de esteta de Carolina. Estudou piano e bandolim. Compunha músicas para muitos dos seus versos e dramas escolares. Muito contribuiu para a popularidade da Modinha, musicando poemas de amigos que se imortalizaram nas serestas da época. Na sua modéstia, oferecia aos colegas as partituras, como conhecedora do pentagrama, dos rítmos e compassos, sempre humilde e oculta como as violetas entre sombras.

Jamais pude me esquecer das impressões que me causou Carolina, ao fazer-lhe uma visita. Encontrei-a alquebrada pelos anos, cabelos longos e brancos, olhos embaçados a esconderem uma jovem introspectiva, tristonha, de cabelos pretos e ondulados e traços regulares. Sua beleza maior surgia do seu âmago, espontâneo e natural como a água nas fontes. Encontrei-a confusa, a se perder no tumulto das recordações do mar da inteligência que sempre foi o apanágio de sua vida. Falava-lhe de sua cultura, de seus versos, de sua arte. Ela respondeu-me, com a voz quase inaudível, num tom de mágoa, de ironia: — "Maria Eugênia, de nada me valeu tanta inteligência. Pareço-me acaso com uma imortal?"

Nobre Carolina! Hoje reverenciamos a tua memória! Bem sabias que a imortalidade está no tempo inacabado e permanece no espírito que se evola, como luz que emana da inteligência a iluminar o mundo. Deixaste, Carolina, uma página eterna nos anais desta casa, e na alma da terra potiguar. Hoje, Carolina, a tua alma refulge neste lindo e nobre salão azul, límpida e pura, a mostrar a ilha do teu coração.

Não poderíamos falar de Carolina, sem lembrar Palmira Wanderley. Duas primas, duas amigas, ligadas por afetos fraternais e laços de afinidade mil do espírito e do coração.

Nós sentimos a extensão dessa amizade, na dedicatória do seu livro Alma Em Versos, quando diz:

A meus pais,

A meus irmãos,

Toda a minha alma em versos

A Palmira,

Todos os versos de minha alma.

Duas grandes mulheres. Ambas são membros fundadores da nobre Casa de Henrique Castriciano. Carolina, ocupante da Cadeira n.º 6, cujo Patrono é o seu ilustre avô — Dr. Luís Carlos Lins Wanderley, o 1.º médico do Rio Grande do Norte, homem público e nobre cidadão que foi agraciado com a Ordem da Rosa e

o título de Comendador da Ordem de Cristo, pelos gestos filantrópicos e humanitários, durante os surtos de cólera e varíola em nosso Estado.

Palmira e Carolina, duas almas que se abraçaram, mas que não foram gêmeas. Uma, sempre risonha a decantar o amor, a outra a trancar-se na redoma de vidro da tristeza dos seus versos.

Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos:

É louvável a atitude da Academia ao abrir suas portas à mulher, num descortínio de alta visão, quando todas as portas de cultura do Brasil, mantinham-nas fechadas para a eterna companheira do homem. Os acadêmicos sabiam que Palmira e Carolina não eram mulheres comuns. Elas formavam, juntamente com os Patronos das Cadeiras nºs. 2, 8 e 23, respectivamente de Nisia Floresta, Izabel Gondim e Auta de Sousa, um quinteto feminino de radiosa expressão literária e social, não apenas em nosso Estado, mas em todo Brasil.

Elas honram as letras da terra potiguar e abrilhantaram com a sua arte, em ditosos dias, em reuniões cívicas e sociais, as casas de cultura e os nobres salões do Palácio Potengi. Apareciam como flores vivas de Minha Alma em Versos e Roseira Brava, Palmira a extravar amor e sorrisos de sua alma exrtovertida e Carolina, nostálgica e modesta, a esconder o seu valor.

Foram ambas amigas íntimas de Bertha Lutz, e juntaram-se a ela no movimento libertador, cívico e social da mulher brasileira. Marcaram suas presenças no feminino nacional, no Governo de Juvenal Lamartine. Dizia Carolina, que subia as escadarias do Palácio Potengi, como se estivesse galgando os degraus de sua própria casa, tal a recepctividade do ilustre homem público, a quem a mulher brasileira deve a sua emancipação política.

Sr. Presidente. Srs. Acadêmicos. Sras. e Srs.

Encerrando esta emocionante solenidade, volto à saudação primeira com meu "bouquet" de saudades à memória da tristonha Carolina. Coroando essa saudade ouviremos nos sons plangentes do bandolim e do piano que seus dedos de artista dedilharam, o rítmo e a melodia dos versos que, realmente, tornaram-na uma:

IMORTAL

Não morreu. Inda a lírica ardentia
de sua alma vibra alta e sonora.
Não teve a alma decerta, pois a enchia
lindo sonho de amor que é pranto agora.

Morrer é o esquecimento e o fim de um dia
sem que de um outro surja uma outra aurora.
E o fulgor do seu rosto inda irradia
centelha de emoções no mundo em fora

Subiu da vida a íngreme montanha
onde encontrou, em profusão estranha
rosas e espinhos, sombras e esplendor.

Não. Não morreu. A rubra claridade
do sol glorioso da imortalidade,
revive o poeta, canta o sonhador!

Natal, 28 de setembro de 1976

DISCURSO DE AGRADECIMENTO POR JAIME DOS WANDERLEY

Exmo. Sr. Presidente da Academia de Letras
Exmos. Srs. Acadêmicos
Minhas Senhoras, Meus Senhores

A ilustre acadêmica Maria Eugenia Macieira Montenegro, a maviosa cotovia egressa dos leques verdes dos carnaubais da ubertosa varzea do Açu, com seus papeios ternos e embaladores, com o pipilar sonoro de sua cavatina embevecente, com o trinolejo de sua garganta feiticeira, irmã dos uirapurús, que povoam as florestas da ponta extrema do norte, acabou de cantar, em tom maior, para nosso fascinio, em orquestração original, um hino de louvor, de carinho e de saudade, em memória da acadêmica Carolina Wanderley, aquela que, martirizada pelo sofrimento, no dia 25 de agosto próximo findo, partiu para a eternidade, para juntar-se ao coro das Onze Mil Virgens, no grande madrigal dos justos, dos puros e dos bons.

A brilhante e fecunda oradora, que tão bem teceu o perfil doméstico, social e cultural da querida extinta, não é açuense nata. É natural das alterosas, tendo, por uma contigência do destino, repartido o seu coração em duas metades.

A primeira, entregou-a ao município do Açu, unidade tradicional do nosso Estado, onde há longos anos permanece, recebendo de seus numerosos amigos, carinhosas homenagens de apreço e es-

tima e querendo bem a terra que não, apenas, a hospeda, mas, a acolhe como se dileta filha o fosse, pelas afinidades espirituais e pelas virtudes de coração de que se faz mensageira a talentosa e culta autora do "Saudade — teu nome é menina, "Alfar" e outros preciosos trabalhos literários de grande valimento que, ao lado de suas primorosas pinturas a oleo, craion e pastel, completam a beleza e as sugestões que ela traz escondidas no seu grande espírito criador.

E a outra metade, Maria Eugenia Macieira Montenegro deixou plantada no coração da terra mãe, perdida nos confins da distância — onde abriu os olhos, encandeados de luz, para surpresas que o destino lhe reservou, na sua vitoriosa peregrinação pelos quadrantes da terra, pelos caminhos do mundo.

Senhoras e Senhores: Carolina Wanderley, açuense de nascimento, batizada na hopocrêne do Puaçá, através dos conceitos bordados pela fascinante dialetica da talentosa interprete desta Academia, nesta tertulia, resurgiu, na fluência de sua imaginação, como uma figura viva, como uma aparição espiritual, engastada numa redoma de camafeu, que se guardasse num cofre de lembranças como uma relíquia de família.

Apareceu como filha extremosa e dedicada de um casal modesto, porém feliz, e mestra, insigne, de diversas gerações estudantis, cuja formação espiritual devem as suas aprimoradas lições.

E por fim, esplende como poetisa consagrada, dentro e fora das nossas fronteiras, estrelando os circulos intelectuais brasileiros.

A renomada mensageira desta homenagem, nesta tertulia de coração e de saudade, não conviveu intimamente com Carolina Wanderley, não privou de sua amizade, não conheceu a fascinação de seu temperamento introspectivo, não sentiu suas angustias, seus tormentos, as suas dores sofridas em silêncio, não conheceu as manifestações de seu coração amantissino, não apalpou a sua sensibilidade nem tampouco constatou as amarguras sofridas na clausura da "Correia Teles", onde viveu, como professora aposentada, longos anos, uma grande parte de seu voluntário exílio social.

Todavia, o trabalho de pesquisa procedido pela acadêmica Maria Eugenia Maceira Montenegro, focalizando a vida e a obra da grande sonhadora falecida, é um fragrante de inedito colorido que, afastada de seu ambiente, murchou para despetalar-se e despetalou-se para morrer.

Senhoras e senhores: Ocupo, no ensejo, a tribuna desta poderosa e renomada casa de letras, desta vez, para cumprir uma obrigação ou, melhor, para desincumbir-me de um dever de gratidão.

Trago, nas minhas palavras e no meu sentimento, o testemunho do sincero reconhecimento da família Wanderley, agradecida por esta comovedora homenagem tributada à maneira de via latea, que é o caminho por onde os poetas mortos, tranzitam para a glória.

Cumpre-me, ainda, agradecer a Acadêmica Maria Eugenia Macieira Montenegro, oradora desta solenidade, o brilhante panegírico tecido em torno da memória da homenageada desta noite, aquela que, num rito longo de amargura e de saudade, disse adeus à terra e, pelos caminhos do além, sem um ai, sem um lamento, sem um gemido, com a beatifica resignação dos justos, partiu para sua longa viagem sem retorno.

Muito obrigado.

O CANTADOR DE VIOLA

MANOEL RODRIGUES DE MELO

Os nossos cientistas sociais têm o hábito de dar por concluído e acabado, antes mesmo de qualquer exame mais atento, todo fato social que está em fase de **mudança** ou **transformação**, quando não é o caso de **transmigração** de uma para outra área geográfica.

Esta posição tem levado muita gente a erro de observação sobre coisas e pessoas do Nordeste.

O fato, por exemplo, do desaparecimento do cantador de viola da nossa paisagem regional, é um deles.

Vivemos, sem dúvida, uma fase de **transição** da vida brasileira, em que as coisas que pareciam **fixas** e **paradas** no tempo, não passavam de coisas suceptiveis de **deslocamento**, de **mudança**, de **transformação** ou mesmo de **transmigração** que é o caso mais comum.

É o caso, não há dúvida, do cantador de viola do Nordeste: ele não desapareceu da paisagem rural, como querem alguns observadores apressados, mas tão somente deslocou-se, mudou-se, emigrou para outras regiões do país, onde a vida lhe poderia sorrir mais próspera e mais feliz.

Tendo o seu **habitat** no sertão do criatório, sem escola, sem estradas, sem transporte, no sentido em que o entendemos hoje, aqui ficou insulado, durante três séculos, movendo-se dentro da sua armadura primitiva e do seu estatus social, sem possibilidade de conhecer outros centros culturais do país.

Quando essas possibilidades surgiram, ele, qual bicho da seda envolvido no seu casulo, rompeu a membrana exterior e emigrou para longe, para outras regiões mais prósperas e mais ricas.

E ali sentou tenda de ferreiro, pedreiro, marcineiro, mecânico, motorista, garçon, sem contudo abandonar a sua viola, o seu instrumento favorito de trabalho e de arte.

É o que se constata agora da pesquisa que a Folk, empresa brasileira de comunicação popular, acaba de fazer em São Paulo, reunindo em Congresso, vinte e seis repentistas do Nordeste, moradores e residentes na periferia da capital bandeirante.

A pesquisa, realizada em 30 de novembro de 1973, teve como seu principal inspirador e orientador, o sociólogo José Luiz Silva, ex-vigário de Pendências, no Rio Grande do Norte, e atual professor da Tuca, em São Paulo, com curso de extensão universitária em Paris, França.

Essa pesquisa, feita em versos de sete e de dez sílabas, se desenvolve, ao longo do trabalho, ora em sextilhas, ora em oitavas, ora em décimas, sem excluir o martelo agalopado, escrito em versos de dez e onze sílabas, de uso corrente na poesia popular do Nordeste.

O trabalho do professor José Luiz Silva recebe o título sugestivo de **Nordeste, Capital São Paulo,** sabido que aquela cidade, no dizer do próprio autor, "reune o maior contingente de nordestinos do País: dois milhões, espalhados pelo Brás, São Miguel Paulista Itaquera, Carapicuiba, Perus, Moóca, Ipiranga, Pinheiros Bela Vista, Santo Amaro, Socorro, Piraporinha e todo o ABCD".

Iniciando sua pesquisa por uma pergunta em verso rimado no estilo do cantador nordestino, o professor José Luiz Silva vai direto ao assunto do seu interesse, interrogando:

"Quantos filhos você tem?
Qual é o seu ordenado?
Se vive de cantoria...
Ou é assalariado?"

Pela pergunta se evidencia logo a preocupação do pesquisador em saber do violeiro expatriado do seu torrão natal, quantos filhos tem, quanto recebe de ordenado, se vive de cantoria ou é assalariado.

Dos dez cantadores que responderam esta pergunta, oito disseram que vivem de cantoria, possuem filhos e não têm emprego certo, enquanto dois afirmaram que têm emprego, possuem filhos e dependentes, mas o ordenado não dá para o sustento da família.

Não obstante essa afirmação, dizem viver felizes.

A segunda pergunta enfoca numa oitava o problema da moradia do cantador, com os benefícios decorrentes da urbanização, como sejam endereço, bairro, nome de rua, transporte, esgoto, escola, correio, eletricidade, telefone público, mercado e maternidade.

Vejamos a pergunta:

"Escreva seu endereço
O bairro onde você mora
O nome de sua rua
Se o seu transporte demora
Se há esgoto e escola
Correio, eletricidade
Se tem telefone público
Mercado e Maternidade".

Responderam a esta pergunta doze violeiros, ora confirmando, ora negando os serviços públicos realizados nos seus bairros e nas suas ruas.

A terceira pergunta é uma evocação à vida pretérita do sertão nordestino em confronto com a vida atual na cidade de São Paulo.

E o pesquisador interroga:

"No alpendre da fazenda
Lá no sertão bem distante
A poesia era constante
Nela você residia
Mas aqui, o que se passa
Onde está a sua raça
No negrume da fumaça
Como vai sua poesia?"

A este mote responderam quatro violeiros.

O primeiro disse:

"O cantador de repente
Se inspira muito mais
Cantando pra sua gente".

Enquanto o segundo, depois de louvar

"As noitadas alegres que eu cantei
No alpendre da casa da fazenda"

confessou:

"Mas que eu entrei numa contenda
Os gracejos que eu faço não têm graça
E os versos que eu faço se misturam
Com barulho de carro e com fumaça".

O terceiro disse:

"O alpendre da fazenda
Não sai do meu pensamento
Eu não esqueço um momento
A velha fazenda renda
Também sei que a bandeirante
Tem fumaça e tem garôa
Nada disso me atordôa
Sou poeta todo instante".

Finalmente, o quarto violeiro concluiu dizendo:

"Desde quarenta e seis
Que em São Paulo eu moro
Não me falta inspiração
Pois meu Brasil eu adoro
Sou poeta repentista
Aqui na terra paulista
Não escrevo nem decoro".

Depois de tentar saber o estado de espírito dos violeiros na terra roxa de São Paulo, o pesquisador mergulha no subconsciente dos expatriados nordestinos e indaga:

"Aqui você encontrou
O caminho do progresso
Pois na vida tem sucesso
Quem trabalha pra vencer
Me responda se São Paulo
Ajudou você crescer".

A esta indagação responderam quatro poetas, os quais foram unânimes em proclamar o progresso da cidade e manifestar o desejo de crescer com ela para grandeza e felicidade do grande Brasil.

Essa pesquisa do professor José Luiz Silva é, talvez, a primeira que se faz nesse estilo e nesse gênero, enfocando dados e pessoas que viveram sempre à margem das preocupações dos estudiosos de sociologia e comunicação.

Espírito inquieto, dinâmico, comunicativo, realizador, o professor José Luiz Silva possui todas as qualidades de um autêntico líder de massa, no domínio da comunicação, do folclore e da sociologia.

Nordestino de boa tempera, vive o drama da sua terra e do seu povo, e com ele se mistura e solidarisa, esteja em París, São Paulo ou Pendências.

A sua pesquisa, destoando de todos os prognósticos mais ou menos duvidosos e apressados, veio provar que o violeiro não desapareceu, mas está em toda parte, nas cidades e nos campos, nas serras, nas várzeas, mudando apenas de lugar, de profissão, de indumentária, e talvez de hábitos, mas mantendo acima de tudo o espírito do menestrel, do cantador do sonhador dos nossos sertões três vezes secular.

O autor deste trabalho não é só o pesquisador arguto e original que se revela neste ensaio, é, sobretudo, o professor de comunicação, o sociólogo, o folclorista, o poeta, o líder carismático, que desce às raizes do seu povo, para melhor conhecê-lo, interpretá-lo e amá-lo.

Eis o que me parece ser o autor deste livro — um sonhador que não perdeu o sentido da realidade nordestina e brasileira.

QUATRO POEMAS DE ESMERALDO SIQUEIRA

O DÉCIMO CORTEJO

Estava a Morte sentada
À porta do cemitério,
Ocultando a feia ossada
Num longo manto cinério.

Também a foice escondia,
Para a ninguém assustar,
Pois apenas pretendia
Ver algum morto passar.

Memorava o que fizera
Nas casas, nos hospitais,
Por toda a cidade, à espera
De sempre ir fazendo mais.

Ali, modesta e sozinha,
Assim retraidamente,
Era uma inútil velhinha
Aos olhos de toda gente.

Nenhum, de fato, notava
Aquela humilde presença
Que aos transeuntes causava
À mais fria indiferença

Na sua muda ironia
Diante da humana sorte,
Intimamente ela ria,
Sabendo-se eterna e forte.

Nove cortejos já vira,
Desde que ali se sentara,
Mas, a tudo a que assistira
Faltava uma cena rara.

Foram quadros sem beleza
Onde a miséria perpassa,
Que até na morte a pobreza
Francamente não tem graça.

O dia quase acabava
Do sol ao último beijo,
Quando na estrada apontava
Brilhantíssimo cortejo.

Vinha soberbo na frente
O coche fúnebre. Atrás,
A fila resplandecente
Dos carros, sem findar mais.

A marcha mui vagarosa,
Solene, cadenciada,
Parou à entrada espaçosa
Da sempiterna morada.

O luxuoso caixão,
De coroas recoberto,
É logo levado a mão
Para um mausoléu aberto.

Na lousa — mármore fino —
Nomes havia em doirado,
Em que também o destino
Do morto estava gravado.

Dizia: "Deu Esperança
Aos pobres. Está no Céu.
Soube viver quem descansa
Neste rico mausoléu".

Discursou-se. Um orador
Referiu-se ao deputado,
Um outro ao governador
De maior fama no Estado.

Depois de discurso tanto,
Rios de pranto correram,
Quebrando o sossego santo
Daqueles que já morreram.

O cortejo dispersou-se.
Entre os túmulos, em breve,
A noite baixou de leve
Como saudário que fosse.

No seu cantinho encolhida,
A Morte espiara tudo,
Rindo das farças do entrudo
A que os bobos chamam vida.

GALERIANOS

(Intelligenti pauca).

Aos duros bancos sujeitos,
Dias, noites, meses, anos,
Curvam-se aos velhos preceitos
Os tristes galerianos.

No mar das Conveniências,
Remam, remam, sem parar.
Têm braços, não consciências,
Já deixaram de pensar.

Castigo infame, em verdade,
Fazer sempre a mesma cousa,
Eterna inutilidade
Que nunca, nunca repousa.

Ai deles sem covardia,
Pobres servos do Dinheiro.
Nada no mundo os faria
Livrar-se do cativeiro.

Comem, bebem... Porventura,
Inda exercem função mais.
Que importa a existência escura?
Basta serem animais.

Quem sabe? Nessa labuta,
Como autômatos perfeitos,
Calejaram-se na luta,
Estão, talvez, satisfeitos.

IDEAL

Não. Nem tudo está perdido
Para quem trouxe de herança
Um coração bem nascido,
Uma alma que o mal não cansa.

Pode de toda desgraça
A fúria bater-lhe à porta.
Firme, altaneira, sem jaça,
Alma assim tudo suporta.

Não apenas ela enfrenta
Os golpes brutais da vida,
A ingrata luta sangrenta.
Em que se veja envolvida.

Sabe existir mais além
Dessa aspérrima batalha
A causa santa do Bem
Pela qual vive e trabalha.

É o Ideal! E ela o sente
Que vai, guiando-lhe os passos,
A levá-la para a frente
Nos luminosos espaços.

Ele é a força que palpita
Nas consciências mais puras,
Que os espíritos agita
Para as conquistas futuras.

Não. Nem tudo está perdido
Para quem trouxe de herança
Um coração bem nascido,
Uma alma que o mal não cansa.

VELHAS NOITES

As velhas noites de Natal...
Os de hoje, filhos do Progresso,
Nada sabem dessa poesia do passado,
Aturdidos no barulho das ruas,
Sufocados de poeira,
Alagados de suor,
Em correrias loucas.

As velhas noites, as velhas noites!

A cidadezinha, mal alumiada,
Dormitava sob a bênção das estrelas.
Que silêncio nos grandes sítios!
As árvores pareciam maiores,
A folhagem mais densa,
E no ar puríssimo
Os frutos maduros rescendiam...
Vinha da praia, cadenciadamente,
O marulho das ondas.
A natureza transfigurava tudo,
Quando havia luares.
Ó serena mudez das noites claras!
Petrópolis, Tirol, cobertos de matas,
Tinham ares de mistério e assombração.
Ao longe, raras e dispersas,
As luzes mortiças da cidade,
E às horas mortas,
Rompendo o silêncio enorme,
Gemiam violões ao canto dos trovadores...

NÍSIA FLORESTA (*)

NILO PEREIRA

Nísia Floresta foi a mais notável mulher de letras do Brasil, na afirmação de Oliveira Lima, em sua conferência de 1919, proferida em Natal, no Teatro "CARLOS GOMES". O Brasil se debatia então com os graves problemas do após-guerra, dos quais ele magistralmente tratou no seu discurso de Paraninfo, por ocasião da Colação de Grau da primeira turma de concluintes da Escola Doméstica de Natal, no mesmo ano de 1919.

A conferência de Oliveira Lima, que é, em síntese, a melhor contribuição sobre esta escritora e poetisa consagrada no Brasil e na Europa, foi publicada na REVISTA DO CENTRO POLIMÁTICO, que se editava em Natal sob a direção do professor Jerônimo Gueiros.

Nísia Floresta — salienta Oliveira Lima — era uma revolucionária de idéias sem deixar de ser uma romântica de sentimentos.

Sofria do que então se chamava "o mal do século", que era o romantismo. Talvze soubesse, como George Sand, conciliar as duas tendências — o século romântico de Jean Jacques Rosseau e a revolução Francesa de 1789, sem esquecer que, na França de 1848,

---

Discurso proferido no Instituto "Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no Recife, em 29 de abril de 1977, na oportunidade da aposição do retrato da escritora naquela instituição.

ela estimaria o liberalismo Socialista como uma solução para problemas políticos.

Mulher europeizada, amiga de Augusto Comte, de Lamartine, de Litré frequentetadora de grandes salões parisienses, amante de grandes viagens para as quais teve sempre uma ótica universal, nunca deixou de ser tão ardentemente brasileira que, mudando de nome, imortalizou-se como NISIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA. Seu nome era Dionísia Pinto Lisboa. Nisia vinha de Dionísio; Floresta, do sítio onde nasceu, em Papary, no Rio Grande do Norte; Brasileira, do seu amor à Pátria, mais acendrado depois da INDEPENDÊNCIA, quando a antroponímia representou vivamente o sentimento nacional em nomes de família como Oiticica, Sucupira, Citirana, Ajuricaba, e principalmente em Francisco Gê Acayaba de Montesuma; e Augusta, finalmente, do nome do seu marido Augusto. Lembrado também no colégio "Augusto", que ela fundou e dirigiu no Rio de Janeiro, revelando-se grande educadora.

Nisia Floresta teve, a princípio, vida atribulada. Seu pai, o "marinheiro" Dionísio, viu-se perseguido até o ponto de ser assassinado por implicações na Revolução Pernambucana de 1817 e na Confederação do Equador de 1824.

A futura escritora sentiu-se atraída pelos sentimentos liberais que então agitavam o Recife, já nessa época a capital cultural e política da REGIÃO.

Em 1832, está no Recife. Traduz então o livro de Godwin, intitulado DIREITOS DA MULHER E INJUSTIÇAS DOS HOMENS. Segundo a tradição esse seu primeiro trabalho teria sido revisto pelo padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, o famoso CARAPUCEIRO. Seria interessante uma pesquisa sobre as relações intelectuais entre Nisia Floresta, que se iniciava como escritora já filiada ao movimento feminino, e o padre Lopes Gama, notável crítico de costumes que, certamente, admirou a então jovem Norte-Rio-Grandense, que chegava de Papary, mais tarde, em 1849, NISIA FLORESTA, em homenagem à sua ilustre filha.

Do Recife transfere-se Nísia Floresta para o Rio Grande do Sul. Começava, assim, o seu vasto itinerário, que teria em Paris um ponto determinante da sua atividade intelectual, já então fixado em duas reivindicações máximas de sua vida: — o humanitarismo e o feminismo.

No Rio Grande do Sul a Guerra dos Farrapos lhe fornece uma visão nítida do seu liberalismo quase republicano. Para ela, nessa jornada, a Constituição de Piratinin era uma identificação com as idéias de liberdade, que vinha alimentando desde o Recife, cidade que deixou no seu espírito as marcas das revoluções libertárias.

No Rio de Janeiro, onde se fixa, reponta com maior dedicação a educadora que ela foi. O Colégio AUGUSTO, homena-

gem ao marido sempre lembrado, se não é modelar, pode ser considerado como um estabelecimento de ensino avançado para a época. Não era de admirar que assim fosse, pois quem escreveu CONSELHOS À MINHA FILHA, traduzido para o Italiano e para o Francês, e adotado nas escolas da Itália, inclusive nas do Vaticano, mostrava a sua capacidade de educadora singular, com métodos renovadores que davam a sua medida de mulher inteligente e perspicaz.

Neste discurso, que está sendo proferido por ocasião da inauguração do retrato de Nisia Floresta, na Galeria de honra do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, dispenso-me da crítica às suas obras e até mesmo da enumeração delas: — o que importa, aqui, é lembrar, mesmo de espaço, essa personalidade que se alteia no seu século como revolucionária e reformista, vivendo uma transição histórica sempre assinalada por um comportamento romântico, até no próprio socialismo, chamado utópico, como salienta Oliveira Lima.

Nisia Floresta é fundamentalmente brasileira. Não esquece a sua terra. Os livros que escreve no Brasil são bem a prova de que ela não se deixou europeizar de todo: — guardou nitidamente, castiçamente, os sinais de sua individualidade de brasileira do Nordeste, nascida em Papary, de onde trouxe, indelével, a recordação do sítio Floresta, que incorporou ao seu nome, uma espécie de pseudônimo.

De qualquer modo, nome consagrado nas rodas literárias do Rio de Janeiro e de Paris, principalmente. Sua obra literária exprime os grandes momentos vividos no Brasil e na Europa: — a Independência, a revolução Francesa de 1848, a consolidação do reinado de Pedro II, a unidade italiana, de que foi adepta, apoiando o **Risorgimento**, combatendo o SYLLABUS e o poder temporal dos Papas.

O Rio Grande do Norte lhe dedicou um culto de admiração que teve em Henrique Castriciano o seu ponto mais alto. Henrique pensou sempre em escrever um livro sobre Nisia. Era a sua paixão de esteta e de poeta. No LIVRO DO NORDESTE, organizado por Gilberto Freyre para o centenário do **Diário de Pernambuco**, em 1925, Henrique Castriciano publicou breve ensaio sobre Nisia. Não parece ser capítulo de livro em preparo. Nem é o que se podia esperar de mais profundo de um escritor e de um humanista de tão grande significação intelectual. O livro sobre Nisia Floresta, que é o resgate de uma dívida, foi escrito por Adauto da Câmara. Trata-se de uma Biografia crítica do mais alto valor.

Foi em 1910, no Governo Alberto Maranhão, quando do centenário de nascimento de Nisia Floresta, que surgiu a idéia de

trazer os seus restos mortais para o Rio Grande do Norte, para o repouso idílico do sítio Floresta, em Papary.

Henrique Castriciano logo se pôs à frente da idéia. Só em 1954 Nisia voltou à Pátria. No Recife, onde iniciou a sua carreira literária, esteve exposta à visitação pública no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, onde também funcionava a Academia Pernambucana de Letras.

O Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Paulo Pinheiro de Viveiros, veio recebê-la em nome dessa Instituição Cultural, que a tem como patrona. Abrimos, Paulo de Viveiros e eu, ajudados por Nestor Lima, funcionário do Instituto e da Academia, o ataúde. A escritora se achava em perfeito estado de conservação, depois de sessenta e oito anos de morta. Ela nasceu em Papary no dia 12 de outubro de 1810 e faleceu em Rouen, na França, em 24 de abril de 1885, com 75 anos de idade.

A lei que mandou repatriar os restos mortais de Nisia Floresta é de autoria do senador Luiz Lopes Varella. Foram numerosas as dificuldades burocráticas encontradas nas Docas do Porto do Recife para retirar o corpo de Nisia Floresta. Num tom a seu modo pitoresco de argumentar burocraticamente, alegava-se que a "mercadoria" (!) tinha vindo sem o competente "manifesto".

Dirigi-me, então, em telegrama, ao Presidente Café Filho, que, há menos de um mês, havia assumido a Presidência da República. A resposta foi imperiosa: — mandava entregar imediatamente o corpo da escritora à Academia Pernambucana de Letras e ordenava que uma corveta da Marinha de Guerra o transportasse a Natal, onde chegou no dia 11 de setembro de 1954.

Repousa, hoje, na sua cidade natal, em mausoléu mandado erguer pela Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, então presidida pelo escritor Manuel Rodrigues de Melo.

Todo o Rio Grande do Norte, aqui representado pelo seu eminente Governador Tarcísio Maia, se comove com a homenagem que à escritora conterrânea presta o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, inaugurando o seu retrato na sua Galeria de notáveis personalidades brasileiras.

É a primeira mulher que ingressa nessa Galeria. Isso acontece no ano em que a Academia Brasileira de Letras reconhece à mulher o direito de se candidatar à "imortalidade sous la coupole". Vitória do feminismo pregado por Nisia Floresta Brasileira Augusta.

Orgulho-me de ser o orador desta solenidade, que é uma das maiores homenagens prestadas a Nisia Floresta, mulher de letras por quem sempre tive grande admiração. Lembro-me do quanto conversei sobre ela com Henrique Castriciano, que parecia invejar os mais íntimos de Nisia(sobretudo Augusto Comte, que nela teria visto uma Clotilde de Vaux.

Membro do Conselho Diretor desta Casa ilustre, na qual Nabuco e Gilberto Freyre se reunem para um renovado serviço à cultura brasileira, minha condição de norte-rio-grandense em geral e ceará-mirinense em particular se exalta ao poder ver que a grande escritora aqui está no retrato pintado por Baltazar da Câmara.

Coube ao Jornalista Orlando Dantas identificar o seu túmulo em Rouen. Cabe, agora, a Gilberto Freyre e a Fernando Freyre dar-lhe agasalho nesta sala nobre da inteligência brasileira.

Mas há algo a dizer, para terminar, sobre Nisia Floresta. Ela deixou livros que permanecem inéditos, tais como — INSPIRAÇÕES MATERNAS, VIAGEM NA ITÁLIA, SICÍLIA E GRÉCIA, e MEMÓRIAS DE MINHA VIDA. Onde estão esses inéditos? Assim como sugerí, no começo, que se faça uma pesquisa sobre o relacionamento cultural entre a escritora e o Padre Lopes Gama, sugiro que esses livros sejam publicados como complemento das homenagens que estão sendo prestadas a essa mulher excepcional, que firmou o nome do Rio Grande do Norte nos grandes centros da Cultura mundial.

Lamenta Henrique Castriciano, no seu artigo para o LIVRO DO NORDESTE, já mencionado, que a correspondência de Nisia com intelectuais do seu tempo não tenha sido publicada, salvando-se apenas algumas cartas escritas a Augusto Comte. Será outra grande tarefa a empreender, como outra também é a própria reedição de suas obras. Quem sabe se a Fundação "José Augusto", em Natal, tão benemérita, não podia encarregar-se dessa empresa, que a consagraria ?

Gilberto Freyre dá mais uma demonstração do seu grande amor à cultura regional, mandando colocar o retrato de Nisia Floresta na explêndida Galeria do Instituto Joaquim Nabuco, que é uma espécie de Universidade do Nordeste.

Única mulher aqui existente, ela é a Nisia de sempre entre tantos homens notáveis, como foi em sua vida. Foi sempre assim que ela viveu sem deixar de ser mulher exemplar de Augusto, que afinal, a compreendeu e incentivou, depois do desastre doméstico que sofreu e quando a ele se ligou por laços legítimos.

Está ainda incompleta a sua obra literária e filosófica. Poemas e conferências — estas últimas proferidas quando ela estava no Rio Grande do Sul, sobre a Abolição — clamam por publicação que lhe complete o perfil de educadora e de escritora.

Ela merece as honras desta Galeria. Mas não estaria aqui se Gilberto Freyre que a compreendeu como Oliveira Lima e Henrique Castriciano, Luiz da Câmara Cascudo e Adauto da Câmara, não sentisse, com todo o poder de sua Regionalidade, que esta era a hora de a colocar neste pórtico do espírito brasileiro.

EVOCANDO MOREIRA BRANDÃO E EDGAR BARBOSA (*)

ASCENDINO ALMEIDA

Sr. Governador do Estado,
Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos,
Demais Autoridades Componentes da Mesa,
Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Na noite da minha eleição, vários acadêmicos foram à minha residência, alguns dos quais me saudaram e à minha esposa. Em resposta, afirmei-lhes que, naquele momento, me sentia feliz pela votação, mas não estava emocionado, e justificava: candidato único, a certeza do resultado me subtraíra a emoção, que se condiciona, quase sempre, à subitaneidade do móvel determinante. De outro lado, entretanto, eu pressentia que a noite de hoje, também feliz, me seria sobretudo emocional, não em virtude de surpresas, que não as havia, mas pela solenidade do ambiente e ritual da posse, envolvendo-me e me tomando o espírito. Esta noite ainda me traz a impressão de estar vencendo uma longa e exaustiva viagem. Até aqui, foi o itinerário de uma aspiração que não envelheceu, porque as coisas do espírito não envelhecem; foi o caminho

(*) — Discurso de Posse na Cadeira n.º 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, na noite de 25 de fevereiro de 1977.

de um ideal que não se perdeu, porque a bússola do coração indicou permanentemente o rumo certo; foi a trajetória de um propósito que não se desviou, porque se manteve preso, todo o tempo, nos trilhos de uma vontade férrea.

Tenho uma testemunha ainda viva e de todos conhecida, o Professor Grácio Barbalho, meu colega de turma no Ateneu, que, anunciada pela imprensa local a fundação desta Casa, ouviu de mim, na hora, este vaticínio: "Um dia ingressarei nessa Academia", afirmação que o pensamento instantâneo formulara, que os lábios sopraram imediatos, mas que, em verdade, nascera no coração e recebera o impulso invencível daquela aspiração, o ímpeto inconquistável daquele ideal, o excitamento indefinível daquele propósito.

Tereis decerto entendido agora aquela afirmativa inicial de que esta noite se me afigurara o término de longa viagem. Chego cansado, trazendo nos pés o pó da estrada; nos olhos, a visão limpa ou nublada das noites leves ou densas; nas mãos sangradas de espinhos, restos de flores.

Cabendo-me o direito de fixar a data para ficar entre Vós, Senhores Acadêmicos, não foi por acaso que escolhi este 25 de fevereiro, pois a minha posse, nesta noite, constituiria meu melhor presente de aniversário, também hoje transcorrido.

Recebo este instante como um privilégio dos mais altos. No dia cansado do caminhante, é como se lhe apontassem, de repente, para um instante de demora, a sombra repousante. E a minha emoção cresce, na grande noite desta paragem, quando tenho de produzir o elogio acadêmico de Edgar Barbosa, pois o mantenho, sobreposto, na galeria da minha admiração. Nunca usei o pensamento que não fosse para exteriorizar o que realmente sentisse, e assim não terei a tarefa embaraçosa de elogiar quem não mereça a minha estima nem possua valor real na mensuração do meu conceito. Não me candidataria, afirmo-o categórico, a uma vaga nesta Academia, se o antecessor desaparecido não pudesse afrontar o meu julgamento.

Numa extensão como que dessa noite emocional de recepção, quem me vai descerrar as cortinas da imortalidade é o Acadêmico José Melquíades, a quem me ligam mais de vinte anos de grata intimidade sem que tenha havido, sequer, um minuto de dúvida em nossa convivência afetiva e intelectual. Gêmeos no gosto artístico e social, tanto nos rendemos à leitura de uma página primorosamente escrita, quanto aos sorvos de uma cerveja "primorosamente" gelada. Ser introduzido na Academia Norte-rio-grandense de Letras por José Melquíades, companheiro leal de tantos momentos bons e bem convividos, ser-me-á, pois, um prazer, que proclamo enfaticamente.

MOREIRA BRANDÃO

Antes de estudar a personalidade do meu antecessor, cabe-me fazer o elogio do Patrono da Cadeira n.º 5 desta Academia, JOSÉ MOREIRA BRANDÃO CASTELLO BRANCO, nascido a 04 de setembro de 1828, na então vila de Goianinha, e falecido em Natal, a 16 de julho de 1895, com 67 anos de idade.

Exercendo atividades variadas em época bem distanciada da minha geração, tive, evidentemente, que buscar subsídios para estudar-lhe alguns aspectos da vida trepidante em autores que o conheceram pessoalmente, ou que, não o conhecendo, o estudaram antes de mim, valendo-se, como eu, de fontes indiretas. Luís da Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Augusto Tavares de Lyra, Edgar Barbosa, Eloy de Souza e José Moreira Brandão Castello Branco, este último seu neto de mesmo nome, pesquisaram-lhe a vida multiforme, e foi a eles que tomei, por empréstimo, alguns dados biográficos, certas ocorrências e breves transcrições.

Jornalista, poeta, advogado e político, Moreira Brandão, em cada um desses itinerários, marcou traços predominantes e inapagáveis.

JORNALISTA

Ainda acadêmico, em Olinda, de cuja Faculdade de Direito saiu bacharel em 13 de novembro de 1849, já fundava, com outros, o mensário "Aurora", publicação que foi lembrada elogiosamente por Clóvis Beviláqua, Professor da referida Faculdade. O primeiro artigo dessa revista, sob o título "Introdução", vem assinado por Moreira Brandão. O artigo é longo, numa série contínua de argumentações sobre "A Arte de Escrever", demonstrando já, aos 21 anos de idade, sua tendência para as letras, que, desde cedo, era nele dominante e decisiva. Em plena fase do romantismo literário, usa linguagem empolada, bem ao gosto da época. Em Natal, para onde trouxe um prelo, que seria o primeiro, fundou, segundo Veríssimo de Melo, os seguintes jornais: "O Argus Natalense", "Jaguarari", "O Fagote" e "Liberdade", mas o grande jornal de Moreira Brandão — informa Cascudo — foi o "Rio Grande do Norte" que circulou de 1858 a 1862. José Moreira Brandão Castello Branco, de mesmo nome e seu neto, em biografia ampla que traçou sobre o avô, cita ainda outros dois jornais fundados por ele: "O Liberal" (1872-1873), órgão político-partidário, e o "Ceará-Mirim" (1877).

POETA

Como poeta, a sua produção foi variada, obedecendo a uma linha ascensional, iniciando, sob a inspiração da mocidade, com

versos febris, estuantes, afrontosos e agressivos, para depois declinar, na velhice glacial, onde a expressão dos versos já se apresenta indefesa, desarmada, inofensiva e exânime, como se o calor do *estro* ardente tivesse evaporado e resultasse em fogo morto, sem brasas sob as cinzas. Um belo exemplo da sua produção inicial é a poesia BELLIZA, onde se revela um poeta do amor, desafiante e esgrimista. Um modelo da sua produção final, são os versos sem título que foram recolhidos por seu bisneto, Cônego Jorge O'Grady de Paiva, entre os papéis de sua avó materna, Estefânia O'Grady, filha do poeta. Nesses versos, manifesta-se desencantado e triste, marcado pela decepção. A transcrição desses fragmentos da sua poesia quanto da sua prosa fogem ao escopo desse discurso, pois foi na área política que Moreira Brandão mais se destacou, e é a esse aspecto que quero dar mais ênfase.

ADVOGADO

Como advogado, Moreira Brandão "ocupou posição de relevo, sendo uma das glórias da nossa tribuna forense".

"Certa vez, em Angicos, patrocinou seguidamente a causa de seis réus: três, perante o Tribunal do Júri e três, ante o Juiz de Direito, conseguindo, pela sua capacidade intelectual e brilhante eloqüência, a absolvição de três acusados à apreciação do júri e a de um dos julgados pelo juiz singular". "De outra feita, em Natal, e em dois dias seguidos, 25 e 26 de agosto de 1876, fez a defesa de dois réus, absolvendo ambos".

POLÍTICO

A política foi a sua proecupação dominante. Inoculado, fez-se um lutador tenaz, incansável, obsessivo, mas altaneiro. Enfrentou, com elegância e galhardia, adversários temidos, do porte de Pedro Velho.

Tavares de Lyra encontra nele o "político de largo prestígio".

Câmara Cascudo, que o estudou sob vários ângulos, situa-o na direção do Partido Liberal, por ele estruturado e fundado aos 22 anos de idade, afirmando: "Moreira Brandão sempre se mostrou cauteloso, vigilante, bem educado, maneiroso, suportando as adversidades e confortando os amigos, sem nunca abandonar o posto de verdadeiro sacrifício, respeitado continuamente pelos seus adversários sendo de notar que os mais impetuosos oradores das hostes conservadoras, como Henrique Câmara e Luís Souto, desabusados e habituais derribadores de contrários, poliam a linguagem e tomavam ares cavalheirescos quando esgrimiam com Moreira Brandão". E finaliza: "Moreira Brandão dá um bom exemplo de raridade po-

lítica, de figura original de polidez e de decoro numa época em que o insulto era eloqüência e a mentira, heroísmo".

Veríssimo de Melo, para mostrar a dimensão do prestígio político que ele desfrutava na Província, acentua que "foi dez vezes Deputado Provincial, três vezes Deputado Geral e Secretário do Presidente de Pernambuco".

Moreira Brandão foi sempre um enamorado do seu Estado natal. Há um episódio, lembrado por todos os seus biógrafos, que fixa bem esse amor à terra potiguar: Honório Hermeto Carneiro Leão, depois Marquês de Paraná, no período em que exerceu a Presidência de Pernambuco (1849-1850), ficara impressionado pela competência do jovem estudante Moreira Brandão que, à época, era Oficial Maior da Secretaria do Estado. Posteriormente, "escolhido para ir ao Rio da Prata como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil no Prata, o Marquês do Paraná, necessitando de um secretário, lembrou-se dele e o convidou. Moreira Brandão declinou do convite, porque desejava retornar ao Rio Grande do Norte, onde pretendia ingressar na sua política. O Marquês de Paraná, diante da recusa, levou então como seu secretário o Dr. José Maria da Silva Paranhos, futuro Visconde do Rio Branco. Eloy de Souza, em suas "Memórias", recentemente publicadas, narra assim o episódio: "Moreira Brandão, recém-formado, recusou o convite do Marquês de Paraná para função pública que talvez lhe tivesse aberto o caminho nos triunfos granjeados pelo Visconde do Rio Branco, seu sucessor no posto recusado". "Não creio", continua Eloy de Souza, "tivesse atingido tal ascenção, pois sempre se mostrou inibido nos avanços do tirocínio político".

"Data vênia", discordo aqui do nosso saudoso Eloy de Souza, que conheci bem e a quem admirei como um dos mais perfeitos jornalistas da nossa terra. Não encontrei em qualquer outro biógrafo de Moreira Brandão referências a esse tipo de inibição. Todos o apresentam polido, sensato, leal, tolerante, mas, sem perder essas características, defendendo seus pontos de vista com calor e segurança. O próprio Eloy de Souza afirma adiante: "Moreira Brandão não era um orador de palavras sonoras e vazias. Era discutidor eloqüente e hábil, qualidades que lhe deram notoriedade na Província e no Parlamento. Foi jornalista doutrinário e combativo".

Câmara Cascudo afirma sentencioso: "Jornalista político de incessante participação, doutrinador, polemista, escrevendo com inegável sobriedade e uma polidez incomparável".

OUTRAS ATIVIDADES

Intransigente batalhador pelo progresso cultural e artístico da sua terra, ainda se encontra Moreira Brandão entre os funda-

respeitado na fase estudantil mais inquieta de toda a história do Ateneu, onde havia alunos que se chamavam José Cabral, por alcunha "Zé Tenente", Fernando Araújo, Rui Lago, Alarísio Moura, Ludovico Pinto, líderes insubstituíveis das estudantadas que se multiplicavam, ou antes, não cessavam, nas manhãs, nas tardes e nas noites desta cidade do Potengi amado: era o sabão no trilho dos bondes; a sineta de aula subtraída à ampla arcada de onde pendia; o 11 de agosto, todos os anos transformado em tragédia para as empresas de transporte urbano; forças mediúnicas levantando carteiras de salas de classe e invertendo-lhes a posição, de tal modo que, sentados, ficavam os alunos de costas para o professor; pequenos vidros de gás sulfídrico derramados no piso das salas, forçando a suspensão das aulas; as noites de vigília do "Tiro de Guerra" do Ateneu, vésperas de marcha, os estudantes indormidos e dispersos na cidade, subtraindo, nas madrugadas quase manhãs, o leite e os pães deixados nas janelas residenciais, e, no dia seguinte, em título "garrafal", o "O Jornal" de Café Filho estampando a notícia alarmante: "O LOBISOMEM QUE BEBE LEITE". Parecia, cada noite, que o demônio da indisciplina se agasalhava no cérebro dos líderes estudantis e arquitetava planos, os mais diabólicos, para as diabruras do dia seguinte. Merece contada a mais célebre, talvez, daquelas estudantadas, na década de 30: transcorrera um "7 de Setembro" em que o Ateneu, por isso ou por aquilo, não desfilara. Na manhã seguinte, dia 8, tudo calculado, hasteava-se, no mastro do Estabelecimento, uma folha de bananeira ao som de um hino cuja letra fora escrita previamente e adaptada à música do Hino Nacional. Câmara Cascudo, Diretor. Após peroração violenta, suspendeu 14 alunos por 30 dias, incluindo, entre eles, o nosso "Zé Tenente". O pai deste, Capitão Abdon Nunes, foi à residência do Diretor e fez-lhe ver que o filho não participara da irreverência, pois, fazia uma semana, estava em casa, com catapora. E Cascudo, numa daquelas "tiradas" geniais: "Ele poderia não ter participado fisicamente, mas não tenho dúvidas de que lá esteve em espírito". E manteve a suspensão.

Alongar-me-ia noite a dentro, se fosse contar aqui toda aquela fase estrepitosa do Ateneu, onde ocorreram os "trotes" mais famosos, as "chamadas" mais irreverentes partidas da velha balaustrada para os passageiros de bonde que tinham a infelicidade de transitar pela "Junqueira Aires", as fúrias do tio Emídio, roupa cáqui e colete, smepre empertigado. As cenas, intraclasses, eram de todos os dias. O estudante, porém, naquela época, e só agora podemos justificá-lo à luz fria da razão, não pretendia o desrespeito ao Mestre. Era uma rebelião própria do jovem que não tinha ambiente para expandir-se, tanto assim que se rebelava dentro das classes, nas áreas de recreio, nas ruas, dentro das noites, e, como os nossos atos da

infância, da adolescência, da maturidade e até da velhice são perecíveis ao "gatilho" do tempo, hoje recordamos jocosamente tudo aquilo, sem sombras no coração.

A par desses aspectos indisciplinares, havia, entretanto, os movimentos sérios, em que a alma do estudante vibrava de emoção. Quero referir-me ao memorável pleito para Rainha dos Estudantes do Rio Grande do Norte, ocorrido em 1934. A 5a. série, à qual eu pertencia, lançou sua candidata: Lúcia Ramalho, minha colega de turma, hoje conceituada médica nesta Capital. As outras séries do Ateneu, e mais o Colégio Santo Antônio, e mais o Ginásio Diocesano Santa Luzia, de Mossoró, lançaram outra candidata, a aluna Alba Marinho, também do Ateneu, terceiranista. Como se vê, a luta era desigual, o nosso "bando" inferiorizado em número. Não desanimamos. Os votos vinham impressos no "O Jornal" de Café Filho. Tínhamos que preenchê-los e recortá-los. Fizemos a campanha divididos em turmas que, escalonadas, iam diariamente, de rua em rua, de casa em casa, de pessoa a pessoa, até de coração a coração, pedindo o recorte dos cupons para, às 20 horas, todas as noites, nos encontrarmos na residência do velho Araújo, pai do colega Fernando Araújo, na rua Jundiaí, onde os preenchíamos e os colocávamos, cada manhã, na urna previamente destinada e que ficava na redação do "O Jornal", sob sua guarda e responsabilidade. Ninguém faltava à convocação e ao esforço. A seriedade e o entusiasmo eram a tônica do movimento que nos unia e nos empolgava, abrindo até uma pausa nas habituais bulhas que absorviam o estudante. Como se esperava, perdemos o pleito, mas nos confortamos pela expressiva votação dada à nossa candidata, eleita então, pelo regulamento do concurso, Princesa dos Estudantes.

Narrei esses episódios, mormente aqueles que caracterizaram a fase turbulenta do Ateneu, no intuito de situar Edgar Barbosa, como professor, no conceito do estudante de então, difícil e rebelde. Não foram poucos os professores que sofreram em aula as conseqüências do comportamento estudantil da minha geração e, nestas páginas, não relacionei nomes a ocorrências pelo respeito aos Mestres que deram tanto de si à causa do ensino.

Edgar Barbosa, naquele período, talvez, como já ressaltei, o mais moço do corpo docente do Ateneu, sempre se impôs ao respeito de todos os seus alunos, sem alarde, sem hostilidades, sem arrebatamentos. Foi essa posição sobranceira de Edgar em seu relacionamento com o aluno do Ateneu que eu quis evidenciar, daí descendo à narrativa de fatos que causaram celeuma e moveram medidas violentas de repressão, mas hoje, diluídos na correnteza do tempo, excitam o interesse da audição e abrem o riso da complacência.

Buscando as raízes do meu gosto pelas letras e até o móvel dos meus iniciais pruridos literários, fui encontrá-los precisamente nessa minha passagem pelo Ateneu, relacionados à figura de Edgar Barbosa. Às vezes, apenas uma palavra de incentivo move uma tendência que se desconhecia ou que se negligenciava. Em meu livro de estréia, "Pensamento em Férias", que não poderia ter outro prefaciador senão Edgar Barbosa, conto o episódio, sem aparente significação, mas que marcou, sentimental e decisivamente, todo o meu esforço na tentativa inicial das letras. Transcrevo aqui o tópico do meu livro referido, não porque se trata de mim, mas para registrar a influência de Edgar no meu interesse inicial e posterior pelas atividades literárias. Assim escrevi: "Era eu aluno do velho e tradicional Ateneu, e Edgar Barbosa era meu professor de Português. Um dia, sem prévio aviso, ordenou que fizessemos em classe uma descrição da Praça Augusto Severo e levou todos os trabalhos para corrigir em casa. Já me não lembro do que escrevi então, mas, com surpresa para mim, na aula seguinte, o Mestre tomou uma daquelas descrições e leu-a em voz alta, tecendo-lhe referências elogiosas. A descrição lida era a minha. O gesto do Professor ficou, e o estímulo que o jovem estudante recebeu foi-lhe utilíssimo, pois, dentro em pouco, se unia a Aluísio Alves, João Augusto Seabra de Melo, Arnaldo Nolasco e Anastácio Silva, todos alunos do Ateneu, e fundávamos, os cinco, um jornal estudantil, "A PALAVRA", transformado depois em uma revista, "A POTIGUARÂNIA", onde fixávamos, em letra de forma, os instantes fugitivos da inspiração adolescente". Por feliz coincidência, Senhores e Senhoras, poucos dias atrás, já depois da minha eleição para esta Academia, me chegava às mãos, vindo dos arquivos de Gumercindo Saraiva, o 1.º número da citada revista, datada de janeiro de 1935, que era, repito, de exclusiva responsabilidade dos cinco estudantes mencionados. Vejam como o destino, às vezes, tem seus caprichos: termino Odontologia em Fortaleza; clinico oito anos consecutivos neste Estado, interior e Capital; sigo para o Sul do país, São Paulo, onde clinico mais quatro anos; volto a Natal em 1950 e passo a dividir-me entre a clínica e o magistério. Só a partir daí, após 15 anos de absoluto alheamento às letras, reencontro Edgar Barbosa e dele recebo, com afetiva dedicatória, o exemplar de uma das suas conferências. A presença, novamente, de Edgar Barbosa nos meus caminhos subleva-me o solo emocional interior e vi que ainda guardava, quietas e adormecidas, as aspirações literárias de outrora. E vem, em conseqüência, o meu regresso às letras com algumas publicações em jornais da terra, que depois reúno, e aparece o meu primeiro livro, composto e editado na Imprensa Universitária, autorização do Reitor Onofre Lopes da Silva, lançamento na Livraria Universitária, apresentação carinhosa de Diógenes da

lítica, de figura original de polidez e de decoro numa época em que o insulto era eloqüência e a mentira, heroísmo".

Veríssimo de Melo, para mostrar a dimensão do prestígio político que ele desfrutava na Província, acentua que "foi dez vezes Deputado Provincial, três vezes Deputado Geral e Secretário do Presidente de Pernambuco".

Moreira Brandão foi sempre um enamorado do seu Estado natal. Há um episódio, lembrado por todos os seus biógrafos, que fixa bem esse amor à terra potiguar: Honório Hermeto Carneiro Leão, depois Marquês de Paraná, no período em que exerceu a Presidência de Pernambuco (1849-1850), ficara impressionado pela competência do jovem estudante Moreira Brandão que, à época, era Oficial Maior da Secretaria do Estado. Posteriormente, "escolhido para ir ao Rio da Prata como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil no Prata, o Marquês do Paraná, necessitando de um secretário, lembrou-se dele e o convidou. Moreira Brandão declinou do convite, porque desejava retornar ao Rio Grande do Norte, onde pretendia ingressar na sua política. O Marquês de Paraná, diante da recusa, levou então como seu secretário o Dr. José Maria da Silva Paranhos, futuro Visconde do Rio Branco. Eloy de Souza, em suas "Memórias", recentemente publicadas, narra assim o episódio: "Moreira Brandão, recém-formado, recusou o convite do Marquês de Paraná para função pública que talvez lhe tivesse aberto o caminho nos triunfos granjeados pelo Visconde do Rio Branco, seu sucessor no posto recusado". "Não creio", continua Eloy de Souza, "tivesse atingido tal ascenção, pois sempre se mostrou inibido nos avanços do tirocínio político".

"Data vênia", discordo aqui do nosso saudoso Eloy de Souza, que conheci bem e a quem admirei como um dos mais perfeitos jornalistas da nossa terra. Não encontrei em qualquer outro biógrafo de Moreira Brandão referências a esse tipo de inibição. Todos o apresentam polido, sensato, leal, tolerante, mas, sem perder essas características, defendendo seus pontos de vista com calor e segurança. O próprio Eloy de Souza afirma adiante: "Moreira Brandão não era um orador de palavras sonoras e vazias. Era discutidor eloqüente e hábil, qualidades que lhe deram notoriedade na Província e no Parlamento. Foi jornalista doutrinário e combativo".

Câmara Cascudo afirma sentencioso: "Jornalista político de incessante participação, doutrinador, polemista, escrevendo com inegável sobriedade e uma polidez incomparável".

OUTRAS ATIVIDADES

Intransigente batalhador pelo progresso cultural e artístico da sua terra, ainda se encontra Moreira Brandão entre os funda-

dores da "Sociedade Teatral Apolo Rio-grandense", em 1854, associando-se mais tarde, em 1860, a outros deputados provinciais, para apresentar um projeto que autorizava o Governo a "despender certa soma com a construção de um teatro em Natal".

A primeira tentativa de instituir, em Natal, o ensino de música foi da sua iniciativa, quando, a 19 de julho de 1856, apresentou um projeto "criando uma cadeira de Música Geral e Instrumental", projeto que, julgado e aprovado em 1a. discussão, infelizmente não chegou à 2a. votação.

Persistente nas suas idéias, em 1858, na qualidade de Diretor da Instrução Pública, "lembrava ao Presidente Nunes Gonçalves a instituição de uma casa de educação para órfãos desvalidos, na qual, no meio de um curso para artífices, fossem incluídas aulas de desenho e música, estabelecimento que, inaugurado em 1858, foi extinto em 1862". Cumpre ressaltar, porém, que, "no dia 24 de fevereiro de 1859, apenas 80 dias após sua inauguração, a população admirava o seu progresso, extasiando-se com uma audição de música oferecida pelos alunos desse educandário".

Edgar Barbosa, em seu discurso de posse nesta Academia, a 22 de abril de 1939, traçou-lhe o perfil com aquele estilo inconfundível que todos lhe reconhecemos. Aqui vão dois breves tópicos em que ajusta a figura jornalística e política de Moreira Brandão com singular exatidão. No primeiro, ele afirma: "Jornalista, Moreira Brandão foi um homem fora do seu tempo, um precursor que se diferenciou de sua época pela concisão do estilo, sério, substancial, disciplinado, mesmo no ardor das refregas eleitorais". No segundo, ele escreve: "Não podemos asseverar que Moreira Brandão tenha sido sacrificado pela política, mesmo na época em que os postos políticos exigiam sacrifício. Mas ele foi, sem dúvida, um disciplinador dos métodos partidários, um capitão que só sabia combater com as armas da tolerância e da lealdade".

Sr. Presidente, Senhores Acadêmicos,
Digníssimas Autoridades,
Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Escusai-me pela demora a que vos submeti no estudo da personalidade de Moreira Brandão. Sua vida polimorfa não deveria, na minha opinião, ser revelada em traços muito rápidos. O homem que enfrentou o domínio quase intransponível de uma chefia como a de Pedro Velho; o político que hasteou, no Rio Grande do Norte, a bandeira do Partido Liberal em oposição a velhas e seguras dominações partidárias; o paladino das nossas liberdades democráticas; o abolicionista intimorato; o jornalista denodado; o orador fecundo; o advogado consciente não poderia, em tão variado aspecto,

ser estudado superficialmente. Se o quisesse, com o volumoso acervo que colhi, teria prolongado ainda mais este elogio a Moreira rBandão, mas tentei fixar o essencial das suas atividades multiformes, tendo o cuidado de não decepar os ramos principais dessa árvore gigante que, plantada no solo da pequena Goianinha, subiu, estendeu-se, transplantou-se, frondejou, floresceu e frutificou, dominante, na floresta intelectual, jurídica, social, tribunícia e política do Rio Grande do Norte.

EDGAR BARBOSA

Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Vou atingindo agora o ponto culminante do meu discurso acadêmico, quando tenho de erguer da minha memória e através do pensamento evocativo, para a moldura desta noite, o retrato de Edgar Barbosa. Não preciso retocá-lo, porque ele ainda se apresenta bem nítido na lembrança de Natal, onde se dimensionou, e do Ceará-Mirim, que o recebeu, carinhoso e em prantos, na sua grande "viagem de volta".

PRIMEIRAS LEMBRANÇAS. FASE ESTUDANTIL. O MESTRE E O ALUNO. O ESTREANTE E O PREFACIADOR

Minhas primeiras lembranças de Edgar Barbosa datam de 1933, quando, terceiranista ginasiano, eu chegava ao Ateneu. Vinha do Colégio Pedro II, do velho Mestre Severino Bezerra a quem devo meu ingresso no Magistério Potiguar, como Professor de Português, e a quem presto, nesta hora, as homenagens da minha memória agradecida. O Colégio Pedro II, por existências ministeriais julgadas incabíveis à época, cerrava suas portas em fins de 1932, e seus alunos se dispersaram, buscando o Colégio Santo Antônio ou o Ateneu. No Ateneu, para onde fui, deparei-me com Edgar Barbosa, 24 anos, Professor de Português. Talvez fosse o docente mais moço de uma congregação que contava com professores renomados, entre os quais lembro Câmara Cascudo, Luís Antônio, Véscio Barreto, Israel Nazareno, Padre Luís Monte, Monsenhor Pegado, Monsenhor Mata, Padre Calazans Pinheiro, Celestino Pimentel, José Gurgel, Gentil Ferreira, Luís Torres, Joaquim Torres. Magro, estatura abaixo da média, imberbe, retraído fora da cátedra, comunicativo em sala de aula, eis como evoco Edgar Barbosa, num primeiro esboço psicofísico, tentando os longes da minha adolescência e ajustando as lunetas da memória. Embora a idade, fazia-se

respeitado na fase estudantil mais inquieta de toda a história do Ateneu, onde havia alunos que se chamavam José Cabral, por alcunha "Zé Tenente", Fernando Araújo, Rui Lago, Alarísio Moura, Ludovico Pinto, líderes insubstituíveis das estudantadas que se multiplicavam, ou antes, não cessavam, nas manhãs, nas tardes e nas noites desta cidade do Potengi amado: era o sabão no trilho dos bondes; a sineta de aula subtraída à ampla arcada de onde pendia; o 11 de agosto, todos os anos transformado em tragédia para as empresas de transporte urbano; forças mediúnicas levantando carteiras de salas de classe e invertendo-lhes a posição, de tal modo que, sentados, ficavam os alunos de costas para o professor; pequenos vidros de gás sulfídrico derramados no piso das salas, forçando a suspensão das aulas; as noites de vigília do "Tiro de Guerra" do Ateneu, vésperas de marcha, os estudantes indormidos e dispersos na cidade, subtraindo, nas madrugadas quase manhãs, o leite e os pães deixados nas janelas residenciais, e, no dia seguinte, em título "garrafal", o "O Jornal" de Café Filho estampando a notícia alarmante: "O LOBISOMEM QUE BEBE LEITE". Parecia, cada noite, que o demônio da indisciplina se agasalhava no cérebro dos líderes estudantis e arquitetava planos, os mais diabólicos, para as diabruras do dia seguinte. Merece contada a mais célebre, talvez, daquelas estudantadas, na década de 30: transcorrera um "7 de Setembro" em que o Ateneu, por isso ou por aquilo, não desfilara. Na manhã seguinte, dia 8, tudo calculado, hasteava-se, no mastro do Estabelecimento, uma folha de bananeira ao som de um hino cuja letra fora escrita previamente e adaptada à música do Hino Nacional. Câmara Cascudo, Diretor. Após peroração violenta, suspendeu 14 alunos por 30 dias, incluindo, entre eles, o nosso "Zé Tenente". O pai deste, Capitão Abdon Nunes, foi à residência do Diretor e fez-lhe ver que o filho não participara da irreverência, pois, fazia uma semana, estava em casa, com catapora. E Cascudo, numa daquelas "tiradas" geniais: "Ele poderia não ter participado fisicamente, mas não tenho dúvidas de que lá esteve em espírito". E manteve a suspensão.

Alongar-me-ia noite a dentro, se fosse contar aqui toda aquela fase estrepitosa do Ateneu, onde ocorreram os "trotes" mais famosos, as "chamadas" mais irreverentes partidas da velha balaustrada para os passageiros de bonde que tinham a infelicidade de transitar pela "Junqueira Aires", as fúrias do tio Emídio, roupa cáqui e colete, smepre empertigado. As cenas, intraclasses, eram de todos os dias. O estudante, porém, naquela época, e só agora podemos justificá-lo à luz fria da razão, não pretendia o desrespeito ao Mestre. Era uma rebelião própria do jovem que não tinha ambiente para expandir-se, tanto assim que se rebelava dentro das classes, nas áreas de recreio, nas ruas, dentro das noites, e, como os nossos atos da

infância, da adolescência, da maturidade e até da velhice são perecíveis ao "gatilho" do tempo, hoje recordamos jocosamente tudo aquilo, sem sombras no coração.

A par desses aspectos indisciplinares, havia, entretanto, os movimentos sérios, em que a alma do estudante vibrava de emoção. Quero referir-me ao memorável pleito para Rainha dos Estudantes do Rio Grande do Norte, ocorrido em 1934. A 5a. série, à qual eu pertencia, lançou sua candidata: Lúcia Ramalho, minha colega de turma, hoje conceituada médica nesta Capital. As outras séries do Ateneu, e mais o Colégio Santo Antônio, e mais o Ginásio Diocesano Santa Luzia, de Mossoró, lançaram outra candidata, a aluna Alba Marinho, também do Ateneu, terceiranista. Como se vê, a luta era desigual, o nosso "bando" inferiorizado em número. Não desanimamos. Os votos vinham impressos no "O Jornal" de Café Filho. Tínhamos que preenchê-los e recortá-los. Fizemos a campanha divididos em turmas que, escalonadas, iam diariamente, de rua em rua, de casa em casa, de pessoa a pessoa, até de coração a coração, pedindo o recorte dos cupons para, às 20 horas, todas as noites, nos encontrarmos na residência do velho Araújo, pai do colega Fernando Araújo, na rua Jundiaí, onde os preenchíamos e os colocávamos, cada manhã, na urna previamente destinada e que ficava na redação do "O Jornal", sob sua guarda e responsabilidade. Ninguém faltava à convocação e ao esforço. A seriedade e o entusiasmo eram a tônica do movimento que nos unia e nos empolgava, abrindo até uma pausa nas habituais bulhas que absorviam o estudante. Como se esperava, perdemos o pleito, mas nos confortamos pela expressiva votação dada à nossa candidata, eleita então, pelo regulamento do concurso, Princesa dos Estudantes.

Narrei esses episódios, mormente aqueles que caracterizaram a fase turbulenta do Ateneu, no intuito de situar Edgar Barbosa, como professor, no conceito do estudante de então, difícil e rebelde. Não foram poucos os professores que sofreram em aula as conseqüências do comportamento estudantil da minha geração e, nestas páginas, não relacionei nomes a ocorrências pelo respeito aos Mestres que deram tanto de si à causa do ensino.

Edgar Barbosa, naquele período, talvez, como já ressaltei, o mais moço do corpo docente do Ateneu, sempre se impôs ao respeito de todos os seus alunos, sem alarde, sem hostilidades, sem arrebatamentos. Foi essa posição sobranceira de Edgar em seu relacionamento com o aluno do Ateneu que eu quis evidenciar, daí descendo à narrativa de fatos que causaram celeuma e moveram medidas violentas de repressão, mas hoje, diluídos na correnteza do tempo, excitam o interesse da audição e abrem o riso da complacência.

Buscando as raízes do meu gosto pelas letras e até o móvel dos meus iniciais pruridos literários, fui encontrá-los precisamente nessa minha passagem pelo Ateneu, relacionados à figura de Edgar Barbosa. Às vezes, apenas uma palavra de incentivo move uma tendência que se desconhecia ou que se negligenciava. Em meu livro de estréia, "Pensamento em Férias", que não poderia ter outro prefaciador senão Edgar Barbosa, conto o episódio, sem aparente significação, mas que marcou, sentimental e decisivamente, todo o meu esforço na tentativa inicial das letras. Transcrevo aqui o tópico do meu livro referido, não porque se trata de mim, mas para registrar a influência de Edgar no meu interesse inicial e posterior pelas atividades literárias. Assim escrevi: "Era eu aluno do velho e tradicional Ateneu, e Edgar Barbosa era meu professor de Português. Um dia, sem prévio aviso, ordenou que fizessemos em classe uma descrição da Praça Augusto Severo e levou todos os trabalhos para corrigir em casa. Já me não lembro do que escrevi então, mas, com surpresa para mim, na aula seguinte, o Mestre tomou uma daquelas descrições e leu-a em voz alta, tecendo-lhe referências elogiosas. A descrição lida era a minha. O gesto do Professor ficou, e o estímulo que o jovem estudante recebeu foi-lhe utilíssimo, pois, dentro em pouco, se unia a Aluísio Alves, João Augusto Seabra de Melo, Arnaldo Nolasco e Anastácio Silva, todos alunos do Ateneu, e fundávamos, os cinco, um jornal estudantil, "A PALAVRA", transformado depois em uma revista, "A POTIGUARÂNIA", onde fixávamos, em letra de forma, os instantes fugitivos da inspiração adolescente". Por feliz coincidência, Senhores e Senhoras, poucos dias atrás, já depois da minha eleição para esta Academia, me chegava às mãos, vindo dos arquivos de Gumercindo Saraiva, o 1.º número da citada revista, datada de janeiro de 1935, que era, repito, de exclusiva responsabilidade dos cinco estudantes mencionados. Vejam como o destino, às vezes, tem seus caprichos: termino Odontologia em Fortaleza; clinico oito anos consecutivos neste Estado, interior e Capital; sigo para o Sul do país, São Paulo, onde clinico mais quatro anos; volto a Natal em 1950 e passo a dividir-me entre a clínica e o magistério. Só a partir daí, após 15 anos de absoluto alheamento às letras, reencontro Edgar Barbosa e dele recebo, com afetiva dedicatória, o exemplar de uma das suas conferências. A presença, novamente, de Edgar Barbosa nos meus caminhos subleva-me o solo emocional interior e vi que ainda guardava, quietas e adormecidas, as aspirações literárias de outrora. E vem, em conseqüência, o meu regresso às letras com algumas publicações em jornais da terra, que depois reúno, e aparece o meu primeiro livro, composto e editado na Imprensa Universitária, autorização do Reitor Onofre Lopes da Silva, lançamento na Livraria Universitária, apresentação carinhosa de Diógenes da

*Cunha Lima, um dos vossos e, a partir de hoje, um dos meus com*panheiros de Academia. O prefácio do livro, já o disse, foi de Edgar, e não poderia ser de outro. Desse momento, não mais o perdi de vista, nos encontros das livrarias, no contato freqüente dos vestibulares de Português na Escola de Serviço Social, onde ambos, e juntos, atuávamos como examinadores, posteriormente convidando-me ele para ensinar Português na Faculdade de Filosofia, convite que não pude aceitar, face à proibição da Lei de Acumulação de Cargos.

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos,
Excelentíssimas Autoridades,
Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Já situei Edgar Barbosa no itinerário das minhas lembranças.

Agora cumpre-me seguir-lhe as pegadas luminosas nos diversos caminhos que a sua inteligência e a sua aspiração abriram e alargaram. Já não tenho condições de segui-lo valendo-me apenas da memória, pois, dada a rapidez com que percorreu os domínios da cultura e das letras, só me foi possível acompanhá-lo graças aos marcos que os seus biógrafos foram fincando à sua passagem, como o fizeram, sobretudo, Nilo Pereira e Veríssimo de Melo. Seria muito fácil transcrever aqui o seu "Curriculum Vitae" publicado em um dos boletins universitários. Seria o mapa de todo o seu percurso. Não me pareceu, entretanto, cabível fazê-lo num discurso de posse, onde os simples itens enumerativos devem ceder lugar ao esforço maior das interpretações.

Alguns já lhe traçaram aspectos predominantes da personalidade. O veio precioso das suas letras publicadas corre nos seus livros, nos seus ensaios, nas suas conferências, nos jornais. Curvei-me, abri-lhes as páginas, mergulhei na correnteza e trago aqui, na batéia de que me provi, fragmentos auríferos dessa vida e dessa inteligência que não passaram, porque o espírito é eterno, ainda mesmo na transitoriedade da existência terrena.

Nascido no Ceará-Mirim, Edgar Barbosa trazia, dentro de si, a imagem farfalhante dos seus canaviais, pois, na expressão de Nilo Pereira, " quem nasceu em Ceará Mirim é uma cana de açúcar pensante", acrescentando: "Dentro de nós está ela, alta e nobre, humana e doce, como um símbolo". Como bom ceará-mirinense, Edgar Barbosa também levava no pensamento o vale estendido e verde e a casa grande do Guaporé, que Madalena Antunes Pereira, olhando-a branca e emoldurada pelo verde canavial, comparou-a a um "cisne de níveis asas, repousando de um misterioso vôo...", hoje solitária, sem rumores humanos, sem as pompas do passado, com os dois galgos, porém, no seu silêncio de pedra, guardando-lhe ainda, simbolicamente, a entrada senhorial, silenciosa como a própria casa.

Sua primeira mestra, Adele de Oliveira, também poetisa, sempre lembrada com ternura por ele, Edgar, e Nilo Pereira, que estudaram juntos, um dia marcou certo o destino dos dois, numa visão profética: "Edgar e Nilo serão bacharéis".

Advogado e Professor, Edgar Barbosa sentiu um dia, como outros, que o coração não lhe era apenas um bombeador de sangue, e casou-se com D. Maria das Dores de Albuquerque Barbosa, que lhe sobrevive, patrioticamente, com 4 filhos, 12 netos e 2 bisnetos.

NAS LETRAS

Muito cedo, adolescente ainda, 18 anos, ferveu-lhe a inspiração literária, e ele foi sucessivamente repórter-revisor da "A República", redator dos jornais "O Debate", "A Ordem", "A Rrazão" e secretário da revista "A Cigarra", esta dirigida por Aderbal de França, numa das fases áureas das nossas letras. Para Edgar, a "A Cigarra" foi o instantâneo das artes, das letras e da vida social desta terra". Edgar ainda recorda, o coração conduzindo-lhe o pensamento, as doces tardes da "A República". Ouçamo-lo: "A República" era o cenário onde estreavam os moços que sentiam a bela angústia da forma. Aquelas tardes da "A República" se envolviam de uma doçura remansosa. A avenida faiscava, adormecida ao sol, e o rio, ali perto, lhe soprava a perfumada maresia das longas viagens que todos sonhavam realizar. Numa cidade obscura, vivia-se em êxtase, como se fosse em um palácio encantado".

Como se vê, Edgar Barbosa iniciou suas atividades literárias no "batente" do jornal. O Jornal, aliás, tem sido sempre a grande escola em que os homens de letras do Brasil, na sua maioria, ensaiaram os primeiros passos. O fato ocorria e ocorre notadamente no norte e nordeste do País, onde, obviamente, as condições de acesso às editoras eram e são ainda bem mais difíceis e custosas. Edgar Barbosa não poderia fugir, como não fugiu, a esse destino.

Na hora em que lembro Edgar como homem de imprensa, não quero que passe a oportunidade sem prestar aqui a minha homenagem ao jornalismo, no sentido altruísta do termo, aquele jornalismo que Edgar pregou e exerceu, "servindo à VERDADE e não procurando a verdade que lhe servisse". Edgar Barbosa foi um idealista da boa imprensa, tanto que, em 1957, presidiu a Delegação do Rio Grande do Norte ao VII Congresso Nacional de Jornalistas, no Rio de Janeiro, apresentando a tese intitulada "O Livre Acesso às Fontes de Informação".

Lembro também aqui, a respeito, o exemplo de Chateaubriand, autor de "O Gênio do Cristianismo", prosador, poeta, di-

plomata, historiador, antigo Par de França, tradutor de *Milton*. Levado às barras do Júri, em 1833, interrogado pelo Presidente do Tribunal, assim respondeu:

— Acusado, vosso nome? — Francisco Renato, Visconde de Chateaubriand.

— Vossa profissão? — Jornalista.

Dono de tantos títulos, esqueceu-os todos para lembrar-se, e apenas, de que era jornalista.

Desconheço a razão por que Hênio Tavares, no seu excelente livro "Teoria Literária", excluiu o Jornalismo da Literatura, com o que, felizmente, não concorda Tristão de Athayde. Se literatura, na sua significação mais ampla, é "toda e qualquer manifestação do sentimento ou pensamento por meio da palavra", não atino com os motivos por que se deixa a atividade jornalística fora da Literatura.

O último livro de Edgar Barbosa, "Imagens do Tempo", enfeixa uma coletânea da sua admirável produção jornalística, recordando figuras locais, nacionais e estrangeiras que, nos mais diversos aspectos, sociais, políticos, morais, intelectuais, científicos e humanos, marcaram sua presença dominante e indiscutível. Henrique Castriciano, Juvenal Lamartine, Adauto da Câmara, Itajubá, Padre Monte, Renato Dantas, José Gonçalves, Auta de Souza, Mermoz, Cervantes, Jorge VI, Stalin, Rommel, Cícero, Maquiavel foram algumas delas que desfilaram como num calidoscópio, nessas páginas primorosas, e o que é mais, cada uma delas carregando, na tinta fixadora do pintor inexcedível, as suas virtudes ou os seus defeitos, a sua ação, o seu exemplo, a sua coragem, a sua glória ou o seu infortúnio, o seu destino.

Em "Três Ensaios", publicados no Recife, graças à iniciativa de Nilo Pereira e Cleofas de Oliveira, vêm reunidas três conferências literárias proferidas por Edgar Barbosa em três oportunidades, sob os títulos de "Camões Lírico", "A Justiça no Reino de D. Quixote" e "Machado de Assis em Alguns dos seus Tipos". Aí estão páginas do melhor quilate literário, onde a expressão vocabular cai-lhe, do cérebro e da pena, justa e insubstituível.

Edgar Barbosa, sem ser superficial, comum, rasteiro, não era, porém, hermético, intencionalmente fechado. Linguagem polida e policiada, não tinha a rigidez dos espartilhos gramaticais nem a aspereza dos estilos farpados. Como poucos, sabia transmitir ao leitor o propósito semântico e a força sentimental que lhe saíam da mente e do coração. Sabia, como raros, descobrir e mostrar as escondidas nuanças dos temas que versava. A síntese, um dos seus admirados atributos de escritor, evidenciava-se em tudo o que escrevia, sem prejudicar, no entanto, a compreensão do leitor que, na leitura, refazia fácil a criação literária. Para explicar esse poder de síntese

em Edgar, somente comparando os seus escritos a esses complexos farmacêuticos que sintetizam, em cada um deles, diversas substâncias medicamentosas e que, absorvidos no organismo do paciente, se dissociam, cada uma das propriedades farmacodinâmicas ali presentes indo produzir os efeitos terapêuticos esperados; também assim, cada página de Edgar Barbosa é um produto sintético saído do laboratório da sua mente prodigiosa, o qual, depois de assimilado no cérebro do leitor, dissocia-se, cada uma das faculdades comunicativas indo produzir efeitos sensibilizantes e emocionais.

Edgar Barbosa legou-nos ampla produção literária, a maior parte, cumpre salientar, dispersa em jornais, revistas, correspondências particulares. Necessitamos de paciente garimpeiro que explore esse minério vasto e profundo, extraia as escondidas jóias literárias e as exponha nas vitrines dos livros. Nilo Pereira, Seabra Fagundes e Umberto Peregrino, ao que sei, guardam ciosamente numerosas das suas cartas, e eu acredito que se disporiam, alegremente, a uma substancial colaboração neste sentido. Quanto às outras produções, estão por aí, arquivadas nas redações ou conservadas pelos colecionadores. O trabalho seria apenas de seleção.

Poderíamos agora sintetizar a personalidade de Edgar Barbosa nas artes e nas letras, dizendo, como escreveu Nilo Pereira, que ele era "um humanista". Aí está o termo exato. Humanismo é um conjunto de conhecimentos relativos à cultura artística e literária e, realmente, nesta palavra só, está o perfil rigorosamente justo de Edgar Barbosa.

Beletrista dos maiores do Estado, ele soube pluralizar-se, com igual relevo, no jornalismo, no magistério, na magistratura, na oratória, na crônica, no ensaio, como soube singularizar-se no estilo, cujos recursos estéticos eram o enlevo dos seus leitores privilegiados.

Já se tem dito e repetido monotonamente que "o estilo é o homem". Aquele que escreve um livro nele se converte. Transfere-se do autor para a obra o seu temperamento, as suas ansiedades, os seus defeitos, as suas virtudes. O homem que nunca escreveu uma página é um homem livre. A palavra escrita é uma algema para a idéia. Cada livro publicado é um cárcere para o pensamento. Edgar Barbosa retrata-se inteiro nos seus livros, nos seus artigos de jornais, nos seus discursos, nas suas conferências, nas suas cartas aos amigos e irmãos de ideal.

NA MAGISTRATURA

Na Magistratura, a que serviu tantos anos, Edgar Barbosa foi sempre um preocupado. Em várias das suas páginas, deixou ele transparecer essas preocupações. O cumprimento da Lei, o tratamento das partes, os atos do julgamento, a compostura perante a

sociedade, a conduta diante das ocorrências políticas, a discrição no exercício da judicatura, o exame sereno das causas que lhe chegavam às mãos e à consciência, a honestidade de propósitos, o preparo jurídico, a cultura geral, a primazia da Verdade, a consciência do Direito foram algumas das suas constantes preocupações durante os 20 anos em que exerceu a Magistratura.

Sua carta "A UM SOBRINHO QUE INGRESSA NA MAGISTRATURA", endereçada a Sábato Barbosa d'Andrea, seu ensaio publicado na revista "Tempo Universitário" sob o título "Alguns Aspectos da Livre Convicção", seu Discurso de Paraninfo na colação de grau da 1a. Turma de Bacharéis da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da qual um dos bacharéis foi o hoje Acadêmico Enélio de Lima Petrovich, são alentadas lições de Direito, onde se traça, com descortino e argúcia, a missão do Magistrado, relevando-lhe os aspectos mais ocultos.

PALAVRAS FINAIS

Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos,

Digníssimas Autoridades,

Meus Senhores, Minhas Senhoras:

Estou chegando ao término do meu discurso e o faço como se o fosse iniciar agora, lembrando as Academias de Letras numa das suas principais finalidades. Se elas não tivessem outra finalidade, bastar-se-iam por esta, a maior sem dúvida, a mais sentimental e emocionalmente forte, de trazer à vida, por instantes que fossem, nos estudos memorialistas de cada posse, os vultos que passaram. É o passado que foi esforço, anseios, angústias, vitórias, drama, realizados, sentidos, vividos, nas ruas, em casa, no exercício das funções, em todos os setores da vivência humana, e que se reconstitui, esse passado, no ambiente fechado de uma sala, graças à cadeia de comunicação que se forma entre a expressão oratória do recipiendário e a compreensão de um auditório.

Estudando as figuras de Moreira Brandão e Edgar Barbosa, trazendo o primeiro de uma época distante e o segundo de um passado próximo, nada mais fiz do que respigar daquele o que dele outros escreveram e deste, levantar a poeira de lembranças que me ficara impregnada no chão e nas paredes da memória, como se eles fossem revestidos de cera, ou seguir os chantadores dos marcos biográficos.

Nada mais deserto e triste do que um espaço vazio. A minha responsabilidade aqui é muito grande, tendo que preencher o espaço deixado pela ausência enorme de Edgar Barbosa. Curioso e

estranho, porém, é que, recordando o grande ausente desta noite, sinto a Sua presença marcante nas diversas profundidades das minhas reminiscências. É que, Senhores, Edgar foi um exemplo para todos nós, no exercício da Magistratura, na palavra da oratória, na manifestação artística das Letras, na disseminção do Magistério e até no silêncio da Morte, morte da qual se ergue sobrevivo, porque a sua memória sobrenada, alta e vigorosa, no grande rio do tempo.

Assisti-lhe a missa de "corpo presente". Razões impeditivas restaram-me em Natal, não indo a Ceará-Mirim, cidade amada que lhe foi berço nos extremos iniciais da ternura, do afeto, do primeiro choro pulmonar, da primeira luz que lhe abriu os olhos, do primeiro riso sem compreensão, das primeiras lágrimas sem sentido, das primeiras palavras sem nexo, dos primeiros passos inseguros; cidade carinhosa que lhe foi repouso no extremo final dos olhos sem visão e sem lágrimas, do rosto sem expressão, dos lábios sem voz e sem risos, das mãos sem gestos, do pés sem caminhos; cidade maternal que lhe abriu o ventre, e esse espaço, já não vazio, foi preenchido por um corpo horizontal que, mesmo inerte, mobilizou uma população inteira; mesmo sem vida, deixou plantada uma saudade que passou a ser vida na vida dos que o conheceram, dos que lhe quiseram, dos que o amaram.

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO ASCENDINO ALMEIDA

JOSÉ MELQUÍADES

Vem o professor Ascendino Almeida empossar-se na cadeira n.º 5, cujo patrono é o goianinhense José Moreira Brandão Castelo Branco, cadeira ocupada, até bem pouco tempo, pelo saudoso confrade Edgar Barbosa. Você é, portanto, Ascendino, o terceiro nome nessa escala de valores intelectuais. Completa-se assim a trindade de Ábidos coberta com a túnica de Ísis em cuja frente aparece a flor de loto ou o disco solar, símbolo do triunfo do bem. E o loto era uma planta sagrada, utilizada na arquitetura egípcia para ornamentar as colunas dos templos, a que chamavam **trabalho de lírios.** Os poetas hindus viam, na flor do loto, um lírio místico, como os nossos românticos esgotam toda a sua inspiração nas pétalas de uma rosa orvalhada.

Homero, na Odisséia, nos fala de uns habitantes da Líbia que se alimentavam de **lotus;** dado esse manjar aos companheiros de Ulisses, logo esses esqueciam o passado e a pátria. Aqui, nessa nossa Academia, dispensamos os lotófagos. Precisamos, tão somente de pessoas sensatas e sensíveis à pureza de um lírio ou à beleza de

---

Discurso proferido pelo Acadêmico José Melquíades, na noite de 25 de fevereiro de 1977, apresentando o Acadêmico Ascendino Almeida, que se empossava na cadeira n.º 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

uma rosa; e que todos sejamos, como na poesia de Tagore, **Jardineiros do Amor.** Só assim celebraremos o verdadeiro triunfo do bem, embora ornamentados com o tríplice véu de Ísis. Evitemos saciar a nossa fome literária na ilusão dos lotófagos ou mitigar a nossa sede com a água do rio Letes. Vivemos num país livre, onde a cerveja corre com a mesma abundância que cascateava para os soldados de Ciro. É a maneira sensata de conservarmos a memória lúcida e lépida, nutrida nas lembranças vivas dos nossos antepasasdos. Com o nosso senso de imortalidade, aqui estão redivivos Moreira Brandão e Edgar Barbosa.

Ambos de dois, para usar um latinismo — **ambo duorum** — ou um classicismo já utilizado por Camões e Bernadim Ribeiro (e só menciono esse pedantismo gramatical porque o neo-acadêmico ainda cultiva o que nos resta da última flor do Lácio); ambos de dois (Brandão e Edgar) militaram no mundo das letras, folhearam códigos e consultaram "in-fólios", dedicaram-se ao jornalismo e nos deixaram o exemplo marcante de beletristas. Moreira Brandão — o patrono — Promotor Público, professor do velho Atheneu, abolicionista exaltado e norte-rio-grandense compenetrado, viveu modestamente e preferiu, como dezenas de sábios e centenas de tolos, a tranqüilidade provinciana, não se deixando tentar pelo canto das sereias na exaltação diplomática das chancelarias. Preferiu negociar com a **prata de casa.**

Edgar Barbosa, o juiz, jornalista e escritor esmerou-se nas sentenças e se aprimorou no estilo bem cuidado. Versátil como o mineiro Bernardo de Guimarães, seu colega de magistratura e a quem Agripino Grieco classificou de "paisagista da pena", ou arredio como Luiz Delfino, mantendo-se longe da "comédia da glória", Edgar Barbosa jamais sofreu de escoliose premeditada, porque não soube curvar a espinha dorsal em simulados trejeitos de adulação. Edgar manteve-se na postura do juiz, na gravidade do **praetor maximus,** o cônsul dos feixes, o magistrado do **praetorium,** o qual, segundo Tito Lívio, era o acampamento onde se levantava a tenda do general; ali a deusa Justiça apresentava o molho de varas, símbolo de autoridade entre os romanos. Deixou, na magistratura, como nas letras, um nome digno, elogiável, imperecível.

Se Bernardo Guimarães escreveu o Garimpeiro, Edgar Barbosa penetrou no garimpo de nossa literatura, extraindo dele gemas preciosíssimas e cobiçosos diamantes. Além de outras atividades, também ocupou Edgar, no Atheneu, a honrosa missão de professor. Magistratura e magistério completaram a sua formação de humanista requintado. Entretanto, não é de Edgar Barbosa que eu deva falar, nesse instante, senão do recipiendário Ascendino Almeida. Por caprichosa coincidência, Ascendino, além de ter sido aluno de Edgar Barbosa, foi igualmente professor do Atheneu. Dir-se-ia

que o mocho de Minerva pousou na sua fronte, como o *corvo* de Edgar Alan Poe não se afastava de sua janela, e o urubu de Augusto dos Anjos não saiu de sua sorte. Certas aves marcam o destino de algumas pessoas.

Aliás, o Atheneu, tão amado e defendido por tantas gerações de educados e educadores, associado aos cantos potiguares e às glórias da Potilândia, constitui o orgulho de muitos. E os nossos pedagogos o converteram numa espécie de **refugium magistrorum,** onde purgam seus pecados públicos. Se bem me lembro do **magister equum** do malicioso Varrão, esse conceito reduz o mestre a um **comandante de cavalaria.** Eis acabado o modelo bárbaro da hipomancia didática. O rei visigodo Alarico recebeu, por ter invadido o Peloponeso e a Tessália, o título honroso de **magister militum.** Bem que se poderia recriar a alegoria magisterial, representando a nossa estátua entre o gládio e a pena, uma das mãos segurando uma "espada de sarrafos" e a outra uma "caneta bic", sem a ave agoureira de Minerva.

Convém lembrar, entretanto, que, em Atenas, Platão valeu-se da Academia para instituir o culto das musas e transmitir os seus ensinamentos sem o hermetismo enervante dos pitagóricos. Aristóteles doutrinava no Liceu e ali fundou a escola contemplativa para revisão crítica das doutrinas platônicas. E o Atheneu era o templo consagrado à deusa Atena, a Minerva dos Romanos, onde poetas e oradores vinham recitar as suas produções artísticas. O Atheneu de cá encarregou-se de glorificar os Aristarcos domésticos e nele proliferou o que houve de melhor na nossa formação humanística, refrigerado com as sombras da paisagem humana e delineado com os acidentes naturais da geografia das letras.

No curso desse quase século e meio de existência, o Atheneu sobrevive com a memória de seus mestres e a inscrição latina que o Pe. Aluízio da Fonseca e Silva gravou, numa pedra de granito, em fevereiro de 1848: **magni septentrionalis fluminis.**

Ascendino vem relembrar a história do Atheneu e continuar, nesta Casa de Cultura, o trabalho e a dedicação do seu antecessor. Orestes reencontra o seu fiel amigo Pílades. Na vida, como na morte, deve haver uma complementação criteriosa ou uma sonhada consolação para equilíbrio dessa constante contemplação das incertezas. Essa sombra de dúvidas já se encontra na poesia de T.S. Elliot: **Between the conception/And the criation/Between the emotion/ And the response/Falls the shadow.** Ofélia, ingênua e angelical, imprime a nota lírica na loucura ordenada de Hamlet. Dido é a loucura de Enéas. Como separar Fausto de Margarida ou Dante de Beatriz! Que seria da Inglaterra literária se apagassem, de vez, a lembrança de Sheakspeare? E como sentir-se-ia um fidalgo inglês privado de saborear o seu uísque, embora o maldoso Oscar Wilde

tenha afirmado, pela boca do cínico Lorde Henry, que seu país só se engrandece com a cerveja, a Bíblia e os Sete Pecados Capitais. Essa nota de cinismo nos fornece a chave para o desafio humano e, se não oferece solução, pelo menos nos precipita nos meandros da vida contemplativa. Nessa complementação pela renovação dos valores humanos entra, hoje, na Academia, Ascendino Almeida. Lutou por um ideal, defendeu-o, renunciou algumas aspirações, frustrou-se uma ou duas vezes; relutou, venceu.

Não sei se poderia desabafar proferindo a exclamação muito gasta com que Júlio César se defendeu, no estreito do Bósforo, ao esmagar o filho indigno de Mitrídates, apertado entre dois fogos: a saudade de Cleópatra e a ameaça do Senado: **vini, vidi, vince.** Melhor seria o conselho divino: **si vis, potes,** — sequeres, podes. Você foi Ascendino, por algum tempo, um daqueles prisioneiros da esperança — **vincti spei** — a quem o profeta Zacarias prometeu recompensa dobrada. Mas, enquanto isso não acontceer, vejamos o que aconteceu com você no curso desses 143 anos de Atheneu.

O MENINO

Ascendino — Júnior na intimidade de seus familiares — nasceu em Catolé do Rocha aos 25 defevereiro de 1915. Batizou-se em Brejo da Cruz e criou-se em Patu. Antes, porém, de penetrar nas coisas desse mundo, recordemos algumas particularidades que podem refletir-se no outro. O padre que o batizou, em Brejo do Cruz, Belisário Dantas, muito antes de Ascendino nascer, foi um cidadão comum, casado e até cangaceiro. Arrependeu-se de tudo isso, entrou no seminário, tomou ordens sacras e viveu, daí por diante, vida santa e pacata. O outro sacerdote que o casou, anos mais tarde, procedeu exatamente ao contrário: depois de vigário colado em determinada freguesia, comprou um revolver, apaixonou-se por uma mulher, abandonou a batina, casou-se. Viveu, daí por diante, vida aflita e atribulada. Assim são as coisas desse mundo. Catolé do Rocha, por sua vez, liga-se ao tenente-coronel Francisco da Rocha Oliveira, parente de Sebastião da Rocha Pitta, um dos nossos primeiros historiadores. Na sua "História da América Portuguesa", descreveu Rocha Pitta o Brasil de "fertilíssimo terreno em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas tudo são aromas". As árvores, para ele, são possuídas do "mais suave bálsamo" e a cana de açúcar "espreme nectar". Rocha Oliveira devia ser imaginoso como o baiano seu primo e tratou logo de edificar uma capela nas margens do riacho Agon sob a invocação de N. S. do Rosário. Aí, Ascendino inalou os primeiros aromas da terra virgem e bucólica. Patu foi território ha-

bitado pelos índios cariris, zona pastoril relacionada ao ciclo dos currais até o século XVIII.

O santuário de N. S., dos Impossíveis instalou-se em cima da serra que se espreguiçava nas terras do coronel Antônio de Lima, e daí o nome — Serra do Lima. Nesse agradável rincão nordestino, nasceu Almino Afonso, magistrado famoso, abolicionista apaixonado, deputado provincial e muito orgulhoso de ter lido Virgílio no original. Latinista desabusado e agressivo.

Ascendino Almeida criou-se nesse ambiente de clima variado e homens destemidos, políticos apaixonados e autênticos brasileiros. Filho legítimo de Rodolpho Henriques e de Felisbela Diniz Henriques, seus pais, em viagem definitiva para Natal, o deixaram em Brejo do Cruz na idade de quatro meses, receosos de que ele não suportasse a viagem, conduzido como ia, dentro de uma caçamba, aos trotes de um animal. Ali o infante Henriques, com o dom que a mãe natura lhe deu, foi entregue aos cuidados do casal Ascendino Almeida e Olívia Henriques de Almeida, sua tia legítima. Oito meses depois, seus pais adotivos mudaram-se para Patu, e lá ficaram. Como não tivessem descendentes, ambos se afeiçoaram de tal modo à criança que, reconhecidos, seus pais legítimos nunca exigiram a sua devolução. Desse modo, pois, Ascendino Almeida mudou seus primeiros passos em Patu, aquela região belicosa e buliçosa de paisagem tranqüila e gente brava, onde um fio de cabelo empenhado pelo homem valente, no cumprimento de seu dever e no empenho de sua palavra, valia mais do que dez identidades policiais.

Iniciou seus primeiros estudos no grupo local "João Godeiro" onde alisou os bancos escolares de 1925 a 1929. Então seus pais o levaram para o Ginásio Diocesano Santa Luzia, em Mossoró, e lá fez admissão e matriculou-se no curso ginasial. Mossoró estava possuído das memórias de Baraúna e impregnada do bom humor do Padre Mota. No Colégio Diocesano, além das atividades regulares, o jovem Ascendino desenvolveu qualidades e habilidades excepcionais, já antes encontradas em Orfeu, Guido de Arezzo, Pe. José Maurício e G. Saraiva: era músico. Soprava harmoniosamente uma flauta e muito se assemelhava a Pã, o homem capro que saltitava pelos montes e vales, na companhia de Baco, seguindo a dança das ninfas ao som mavioso de sua gaita pastoril. Na Odisséia aparecem duas sereias que tentam Ulisses com a doçura de seu canto, mas Apolidoro jura que eram três, e uma delas modulava a flauta, enquanto outra dedilhava a lira, acompanhando a suavíssima voz da irmã terceira. Virgílio, que andou, nas Bucólicas, imitando Teócrito, encheu as Églogas de pastores e avenas, e nelas os rebanhos mordem a relva fresca entre a gaita e o cajado. Na Égloga II, aconselha a Alexis não magoar, na flauta, os lábios. Entoar carme ao

pífaro foi o canto bucólico de Ascendino e bem que podia ter sido, como Melibeu e Títiro, "sedento aos afros". Sob a influência de Jubal, filho de Lamec, que afirma a Bíblia ter sido o primeiro hebreu a ensinar ao mundo a tocar instrumento de mão e de sopro, Ascendino sobrepujou-se a Alceu e Anfião, sensibilizando cobras e lagartos, uma vez que não existiam, na redondeza, feras bravias que se enternecessem com suas belas notas. Entretanto, nem toda partitura está fadada ao sucesso, e aquilo que Guido de Arezzo idealizou em Toscana, partindo do dó e do ré ainda incubados na litania **ut quaeant laxis,** acabou num refrão doloroso, sem dó e sem piedade dos que o idealizaram: "Ascendino tem uma flauta, a flauta é de Ascendino, sua mãe sempre dizia, toca, toca, Ascendino". Encurralaram o futuro maestro a um canto e entoaram-lhe esse rítmo lúgubre, e a melopéia enjoada e inacabada continuava num ciclo vicioso, equivalendo-se àquela "cantilena horrível" que o autor de "Noite na Taberna" ordenou silenciar porque as "mulheres dormiam ébrias, macilentas como defuntos". Ascendino desgostou-se da arte. Embirrou. Zangou-se. Abandonou a música. E o Brasil ainda não sabe avaliar o artista que perdeu. Se é certo o que se lê no Dom Casmurro, aqui se repete aquela história da ópera, na qual, embora Deus fosse o poeta, a música era de Satanás.

Ascendino perdeu de continuar essa tradição ou se firmar nessa glória artística e, quem sabe! como Euterpe, teria sido coroado de flores soprando sua avena mágica, reunindo, em torno de si, os beligerantes de Catolé do Rocha ou enternecendo os armíferos de Patu. Talvez por conta desse acidente musical ou por outro menos harmonioso, só demorou dois anos no Colégio Santa Luzia (1929-1930), mudando-se para Natal, onde ingressou na 3a. série ginasial do Colégio Pedro II. Demorou-se aí um ano, chegando, por fim, ao Atheneu.

O GUERREIRO

Antes de recitar as suas odes no Templo de Minerva, porém, aconteceu-lhe um fato curioso. É ele o homem das surpresas. Um grão de loucura jogado cuidadosamente no palheiro da memória não faz mal nenhum ao celeiro da inteligência. João Ribeiro, escrevendo sobre Dom Pedro II, dizia que nada expressa melhor os indivíduos que suas pequenas frases, seus defeitos e predileções menos graves. Pedro II era, na opinião do filólogo sergipano, um homem simples que aborrecia os cerimoniais antiquados e a farandulagem das tradições majestáticas. Era ainda o nosso imperante freqüentador assíduo das tertúlias literárias, participador incorrigível de conferências e palestras, onde quase sempre dormia seu bom

sono. O importante é que não faltava. Pois bem, se alguém dormir antes de se terminar esta exposição, dorme com majestade, demonstrando o seu bom gosto na tradição do que temos de mais real. Nosso bom imperador, na sua simplicidade cortesã, teve a veleidade de confessar que, se não fosse imperador, desejava ser professor do Colégio Pedro II. Isso é imperdoável num imperante. E que dizer de Ascendino, um homem indormido, ele que deixou a rendosa profissão de um consultório odontológico pela incerteza salarial do magistério peripatético! Antes, porém, de entrar no Atheneu, aconteceu-lhe um fato curioso. Aí pelos idos de 1932, irrompeu, em S. Paulo, a Revolução Constitucionalista para depor Getulio Vargas. Ascendino cerzia a casa dos 17 anos. Necessitava habilitar-se perante o Exército para adquirir o direito pleno de cidadania. Era Interventor do Estado o Almirante Bertino Dutra e Chefe de Polícia o nosso saudoso Café Filho.

Ascendino, cafeísta exaltado, procurou aquele prócer político para com ele se proteger ou se orientar. Café recomendou-o ao então tenente Pedro Silva, oficial encarregado do recrutamento de voluntários contra a revolução de São Paulo. E Ascendino foi aceito na milícia já no posto de segundo sargento; três dias depois foi promovido a primeiro. As fitas de sargento, naqueles dias tumultuosos, chamavam-se **lapas**, na linguagem da caserna e na gíria popular. Ascendino recebeu, por determinação de Café Filho, tantas **lapas** quanto quis. Carreira brilhante e fácil. Nunca um miliciano teve tanta sorte e recebeu tanto incentivo para arrostar os atos heróicos. Se fracassou como musicista, triunfou como militar. Tivesse continuado, teria sido general em três anos. De um modo indireto, aconteceu-lhe o mesmo que se registrou na recente biografia de Jimmy Carter, que abandonou a marinha para plantar amendoim.

Ascendino trocou o **praetorium**, que era a tenda do general, pelo **magisterium**, que os romanos consideravam um cargo de chefe. Na prática, porém, vocação e cilício.

Francisco Solano Lopes atingiu o generalato aos 18 anos. Em 1854, apresentou-se ao citado Dom Pedro com as credenciais de ministro plenipotenciário da República do Paraguai. Nosso Imperador admirou-se de ver um jovem de 19 anos exibindo os bordados do mais alto posto do exército. Ascendino teria alcançado o mesmo posto aos 21, não fosse essa teimosia de voltar ao Atheneu, logo que terminou a guerra.

EM FORTALEZA

Em 1936, seguiu para Fortaleza, onde ingressou na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará. Ali, o jovem de 21 anos co-

meçou, como qualquer outro rapaz, sua vida de estudante universitário: com a vista nos livros e os olhos nas moças da terra. Já antes, José de Alencar correra com Iracema pelos bosques de Ipu. Havia um hábito local de se iniciar um namoro com os nomes trocados. Por cautela ou brincadeira, ninguém revelava a identidade à sua amada. Ascendino, menino vivo e ativo, afeiçoou-se a uma jovem cearense e, três dias depois de tal investimento amoroso, a mãe forçou-o a noivar. Estava marcado pelos astros e pela fatalidade cabalística: três dias lhe bastaram para chegar a primeiro sargento; em três dias, o príncipe revelou-se à cinderela. Mais tarde teria que familiarizar-se em três passos com os perseguidores de Hiram Ábiff. Fato cuiroso é que nessa violência romântica, em que a sogra chocou-se com a menina de seus olhos, pediu ele, mesmo contra sua vontade, a mão da moça. Ainda se vivia na tradição pela qual a mão entrava na cerimônia como símbolo do noivado, ora, como esse drama encenou-se no último ano de sua formatura, noivou, formou-se e largou-a na ilusão do sonho nupcial. E tudo morreu no primeiro ato. Veio embora sem lhe deixar endereço nem o verdadeiro nome. E a pobrezinha, como um silfo germânico, ainda hoje o procura na encosta das colinas ou nos vales úmidos, esperdiçando seu encanto e sua voz. O homem mudou-se para a cidade. Fortaleza nesse tempo alimentava-se nas pilhérias de Quintino Cunha, na lembrança de Paula Ney e no humor descontraído do Padre Quinderé, acompanhados pelas desilusões e desenganos do Pe. Antônio Tomás, que celebrizara-se, na poesia nacional, com a sua **Meretriz.** Raquel de Queiróz estreava no jornalismo. Ao terminar o curso, Ascendino fez o mesmo que fizera nosso pai Noé ao desembarcar da arca: depois do discurso como orador da turma, tomou um grande pifão e desafiou a humanidade: deitou-se no meio da rua para que os carros o esmagassem. Verdade que só havia dois autos fords 29.

A VIDA PROFISSIONAL

Diplomado e abandonando a amada no mais apaixonante desprezo, o noivo emigrático e recém-formado, dr. Ascendino Henriques de Almeida Júnior, armado de um canudo e um par de fórceps, partiu com aquela mesma disposição com que Cascellius, descrito por Marcial, se dispunha a tratar de um dente estragado. Estava posuído daquele idealismo com o qual saíram os primeiros dentistas do Royal College of Surgeons, na Inglaterra de 1859. Empunhando o boticão, Ascendino chegou a Pendências como Jasão atingiu a Cólquida, na Ásia Menor, para a conquista do Velo de Ouro. Desembarcando ali, numa manhã de sol e de esperança, todos o receberam boquiabertos. Em Pendência, seu irmão Agostinho

Almeida se estabelecera com uma farmácia, e o mundo parecia rir aos dois. Iniciando a vida profissional, Ascendino extraiu o primeiro dente, numa operação extravagante e arriscada. Ascendino sempre foi homem honesto e positivo em todas as suas atividades e atitudes profissionais, frio e indiferente ao testamento de qualquer moribundo. Confessou ao paciente que não havia anestésico, mas o pobre do ignorante achava que anestésico era o mesmo que confeito e disse que o dispensava. Ascendino pendurou-se ao queixo da inditosa vítima e puxou o molar com todas as energias que Deus lhe reservara para a profissão e um pouco de técnica que aprendera em Fortaleza. O pobre do cliente chorava amarguradamente, e ele ainda hoje ri quando relembra essa façanha odontológica. Quase se repete o quadro daquele conto de Hemingway em que um médico desesperadamente só dispõe de um canivete para uma intervenção cirúrgica. De Pendências desceu a Epitácio Pessoa e também a Afonso Bezerra e nessas plagas passou a queimar, com iodo e mertiolado, a boca dos sertanejos, aumentando, por imperiosa necessidade, a família dos banguelos.

Não lhe faltaram as namoradas de boa dentadura e por pouco não casou com o nome certo. A convite de Vicente Andrade, mudou-se para Lages, instalando ali sua nova tenda de trabalho e abrindo também um consultório sentimental. O argonauta encontra sua Medéia, desfila pelas ruas nos carros puxados pelos dragãos alados.

A imaginação mitológica e seus sonhos odontológicos transformaram Itaretama na Ática lendária. Casa-se com dona Maria do Carmo, Carminha, na intimidade doméstica, essa santa mulher que pacientemente o suporta e o tolera no curso desses 37 anos de harmonioso matrimônio.

Graças a Deus e graças a Noé são muito bem casados, se preferirem uma invocação à Guerra Junqueiro.

Como dentista, Ascendino correu seca e meca; clinicou no Sertão, no Agreste, no Estado, na Capital, em Belo Horizonte e em São Paulo. Abandonou finalmente o consultório para dedicar-se inteiramente ao magistério. Em 1956, sendo o professor Severino Bezerra Diretor do Departamento de Educação, e tendo Ascendino sido seu aluno, como fora de Edgar Barbosa, convidou-o aquele educador para reger uma cadeira de Português no Atheneu. Estava praticamente encerrada sua carreira de dentista. E à longa tradição odontológica, nascida com Cascellius, bem que poderia ter acrescentado, como seu colega, Giorgio Mario Leite, — "As Memórias de um Dentista no Interior". Teria, talvez, escrito um diário bem mais alegre e menos hemofílico, onde o leitor poderia livrar-se de tanta diátese.

INÍCIO DE SEU MAGISTÉRIO

Ascendino, a princípio timorato e relutante, mostra-se inseguro, mas o Prof. Severino Bezerra o convence a aceitar o novo encargo. Inicia-se ele pelos mesmos caminhos desbravados, em Portugal, por Fernão de Oliveira e João de Barros e, no Brasil, por Soares Barbosa e Júlio Ribeiro. A gramática é uma arte difícil. Ainda não dispomos no Brasil, daquela **norma loquendi** desejada por Horácio. O estudo sistemático do idioma, quando muito, fornece as normas para a correção da linguagem. Tudo se relaciona com os sofistas gregos e deve-se a Platão o relacionamento da origem e formação das palavras. Aristóteles preocupou-se com a gramática filosófica e levou seu estudo ao terreno da lógica. A Filologia implantou-se em Alexandria e os gramáticos de Pérgamo se preocuparam com irregularidades e anomalias, implantando finalmente o estudo das exceções. De Port Royal, no século XVII, surgiu a idéia de novos fatos e idealizaram-se a Gramática Histórica, a Gramática Comparada, a Gramática Expositiva, a Gramática Geral e Normativa. E os filólogos se multiplicaram, atropelando uns aos outros. Nada mais incômodo para o escrevinhador comum do que a presença do gramático. É ele o inimigo gratuito de quantos escrevem intuitiva e empiricamente. Para o homem de letras, que não se dedicou à análise sintática, a presença do gramático é uma ameaça e parece localizar-se bem quando à distância. Os gramáticos, por sua vez, tornam-se caturras, às vezes estéreis, improdutivos outras, mas sempre vigilantes e ciosos na preocupação da boa linguagem.

Ser gramático ou filólogo, entretanto, é um privilégio de poucos e uma ameaça de muitos. Os portugueses se aprofundaram mais nos setudos fonéticos e souberam, com acertado proveito, dedicar-se à fonologia histórica. De início, os nossos bons prosadores e poetas cultivaram a língua clássica e eram bem versados nos modelos quinhentistas e seiscentistas, onde se refina o mel da vernaculidade, a pureza do idioma ou, como bem analisou João Ribeiro, desabrochou "a flor de nossa literatura". Hoje muitos dos nossos prosadores e poetas se distanciam do cego Castilho e se aproximam do cego Aderaldo, que, afinal de contas, é um poeta autêntico e espontâneo, sem os pruridos clássicos, o "verdadeiro espelho da alma de um povo", segundo o pensamento de Tristão de Athaíde sobre os violeiros nordestinos. Mas, isso de cegueira pouco importa, porque a Justiça também é cega e sustenta em uma das mãos a espada de um saqueador bárbaro, na outra, a balança caldaica, numa atitude de quem ainda espera o desafio de Breno. É um gesto de fiel ao equilíbrio dos contrastes. Os poetas têm o contraste da inspiração traduzido na leveza das suas idéias.

Ascendino, como a virtude do provérbio latino, afasta-se dos extremos. **Ne quid mimis** — nada demasiado, porque todo excesso é imperfeito, se bem que Horácio aconselhava ironicamente **virtus post nummos** — primeiro o dinheiro, depois a virtude. Mas essa passagem é outra sátira da vida. Ascendino é um gramático moderado e tolerante, sem aquela arrogância ou petulância de se igualar a um São João Crisóstomo, padroeiro dos oradores sacros e reformador dos costumes "de cujos lábios descem os fios de ouro dos conceitos definitivos". Nem o retórico Cibânio nem o teólogo Deodoro. Ele está purificado na cerveja nova e espumante de Gambrinus e dispensa o vinho mosto e velho de Dionísio. Sua vocação para as letras, entretanto, vem dos idos de 1935 com o jornalzinho **A Palavra,** fundado por ele, Ascendino, em companhia de João Seabra, Anastácio Silva, Arnaldo Nolasco e Aluízio Alves. Foi sua primeira esperança literária. O jornalzinho resistiu a dois números e metamorfoseou-se na revista Potyguarânia cujo primeiro exemplar saiu no dia 1.º de janeiro do ano seguinte. Nessa revista, o jovem de 20 anos escrevia o artigo **Noite Tormentosa** no qual comentava a morte de sua mãe adotiva, desaparecida no dia 22 de dezembro de 1931 e que partiu deste mundo para o outro "coroada de uma auréola cintilante (...) feita dos soluços e do pranto de seu esposo e filhos". E lá se ia "a alma de uma mulher", segundo a linguagem do filho que ainda guardava na mente os carinhos e as preocupações pelas carreiras desastrosas quando pedalava o primeiro velocípede que entrou em Patu, segundo a memória do vereador Antônio Godeiro, que se mordia de inveja no verdor dos seus gordos anos.

O HOMEM DE LETRAS

Há livros curiosos e títulos engenhosos que valem uma enciclopédia. Por exemplo: Chaucer, considerado o pai da língua inglesa, escreveu, entre outras coisas, O Parlamento dos Pássaros, A Lenda das Boas Mulheres e As Lamentações de um Bolso Vazio.

Ascendino publicou, em 1967, **Pensamento em Férias,** um excelente livro de Crônicas, onde há Uma Viagem ao Céu, um misterioso sonho que o leva às fronteiras do inferno, onde o cheiro de enxofre lhe acendeu as narinas. Interessante: Orfeu desceu aos infernos à procura de sua noiva Eurídice. Teseu lá esteve em companhia de seu amigo Piritoo. Ascendino é arrebatado num turbilhão, como Elias, e sobe aos céus tranqüilamente, sem a visão inquietante do sangue de Acab, lambido pelos cães de Judá, fugindo da lembrança comprometedora da vingativa Jezebel. E ainda ronda o inferno como Enéias. Poderia ultimar essa extasiante viagem com o exemplo do violeiro Diniz Vitoriano, que, num rasgo de inspiração, improvisou esta bela sextilha:

Eu também fiz uma escada
Como fizeram os hebreus,
Pra chegar ao paraíso
Com e.tes próprios pés meus,
Caí do último degrau
Já vendo o rosto de Deus.

Por tantas felizes coincidências, o livro é dedicado ao então Reitor Onofre Lopes, que, "na sua alta compreensão (...) autorizou a impressão". E o autor lhe dedica a obra como prova de "profunda gratidão". **Tempus molestiis medetur** — o tempo cura dissabores. O prefácio é de Edgar Barbosa que lhe "vê a maneira de fixar os fatos e projetar os indivíduos com elogiável precisão". Com sua inclinação filológica, inspira-se em Rocha Lima para dialogar com os verbos **morrer, expirar, falecer** e **parecer**, levando grande vantagem para quem conjuga (e não para quem se torna vítima), o verbo morrer. Dos verbos passa à **Palavra**, como veículo de idéias. Deixa a palavra e segura firmemente as **Mãos** e as descreve nos diferentes gestos e mímicas, quase traduzindo as sensações das mãos de Eurídice ou nos lembrando aquela passagem de Virgílio na qual Anquises pede flores para o túmulo de Marcelo — **Manibus lilia plenis:** entrega-lhe as flores às mãos cheias. São 21 crônicas bem elaboradas e bem pensadas, não faltando algumas reflexões e certas lamentações sobre a profissão do magistério. Alude à fraternidade universal, na "suave doutrina" que se enraizou na gruta de Belém e se ramificou na Galiléia, "estendendo os braços na crucifixão". Não faltou o **surge et ambula**, palavras com que o Divino Mestre curou o paralítico ante a revolta e os insultos de escribas e fariseus segundo os relatos de Mateus e Lucas. Há, nesse substancioso livro de crônicas, até mesmo um elogio ao meu **Cachorro** de estimação, aquele que eu trouxe dos EEUU, em 1960. E como o cão de Tobias, há de me acompanhar até a morte. Bela página é a saudação à Marinha na "semana de seu calendário", onde o ex-professor do extinto CIAT recorda "os grandes encontros (navais), travados na correnteza dos rios ou vividos nas ondulações dos mares. "Ascendino revela-se um estilista refinado com aquela pureza de linguagem, sem rebuscamento, todavia com propriedade, e uma técnica extraordinária de quem muito leu Humberto de Campos. Não ficou aí, contudo. Em 1964, sai a sua Gramática da Língua Portuguesa, espalhada no Brasil inteiro em repetidas edições. Em 1969, apareceu a Gramática Funcional para o curso primário, enquanto preparava uma outra abrangendo o ensino do primeiro e segundo graus.

Ascendino, intelectualmente, é hoje uma mistura de Galeno e Aulo Gélio e soube arrumar os sonhos do médico de M. Aurélio nas Noites Áticas ao retórico romano, harmonizando os conheci-

mentos patológicos ao aprimoramento vernacular. Ao lado dos trabalhos filológicos, surgem outros de cunho científico tais como **Assepsia e Antissepsia, Prevenção da Cárie Dentária, Contribuição ao Estudo dos Ameloblastomas, Glicogênio no Epitélio do Cisto Epidermóide** e tantos outros de terminologia tão difícil que Hipócrates, se baixasse lá na sua Faculdade, ficaria muito embaraçado com o avanço da terminologia médica. Não fosse o estilo leve, agradável, elegante e o português bem correto, daria câibras ao demônio. Veja-se essa amostra para tristeza daqueles que ignoram a linguagem científica: **Épulis, Épule, Epúlida, Epúlide.** Daqui que se saiba que tal emaranhado de palavras traduzem certa excressência gengival, já muitos perderam os dentes e até a boa dicção. Essa terapêutica preventiva constitui hoje o seu trabalho e a sua dedicação na UFRN. Parece mesmo que Ascendino preencheu todas as lacunas no magistério norte-rio-grandense. Ensinou, além do Atheneu, no extinto CIAT, no Ginásio 7 de Setembro, no então Ginásio Natal, na Escola Doméstica, no Ginásio Municipal. Exerceu cargos de direção em alguns desses estabelecimentos de ensino, tendo sido mesmo o primeiro Secretário de Educação Municipal. E ainda por cima de tudo isso, é poeta. Sua musa inclina-se para a ginecomania com uma paixão acentuada pela minissaia. Seu estilo, pelo caráter autóctone, oscila entre a Vênus de Cnido de que Luciano de Samosata nos oferece a história de sua bela nudez e a Vênus de Ille de quem Merimée dá testemunho da sua perversidade. Não sei o que será de Ascendino ao contemplar essas Afrodites praianas que emergem das ondas espumantes e se estiram nas areias mornas, vestidas em dois centímetros de malha, longe da presença de Anquises e sem grandes saudades do Panteon de Agripa. Pode-se até concluir que sobre elas "ladram os ventos" desejosos, orientados pelo condoreirismo de Castro Alves. Numa situação dessas, dificilmente o poeta tropical conserva-se misógino.

Poderia, como Mallermé e Arnald Bennett, ter idealizado uma revista de modas femininas, para introduzir novos modelos revolucionários; Calíope descoroada de seus louros, desfeita de suas grinaldas e metida numa minitanga, para escândalo dos árcades. Ascendino, no entanto, é um poeta espontâneo e sensível, e suas quadras ou trovas muito se assemelham às quadrinhas de Araújo Viana, falando-nos das violetas remiformes, ou se aproximam das estrofes de Monteiro de Barros, quando escreveu sobre a mocidade e a primavera. Por tudo isso, alcança hoje a imortalidade.

A IMORTALIDADE

A nossa imortalidade é transitória e já agora até renunciável. Bom seria encará-la como um estado de alma, uma vez que, na tradição teológica, era uma condição espiritual. A mitologia nos

faz crer que certos heróis recebiam de alguns deuses uma vida imortal que os levava a participar de sua própria divindade. A imortalidade decorria de um instante de perfeição moral enquadrado no mito platônico e daí esse conceito, aliás de difícil alcance, ter penetrado na filosofia acadêmica. Tenhamo-la na concepção daquele **summum bonum** aristotélico na convicção de felicidade temporal. Nas mutações dos primeiros séculos, ou entre Diocleciano e Constantino, em que se chocavam vários cultos, entre eles o de Mitra, de Cibele e de Cristo, Ísis, Osíris e os mitos judaicos, qualquer pessoa que participasse de um desses ritos e se comportasse dentro dos preceitos superiores, recebia, como recompensa, a imortalidade. As religiões alimentavam-se nos **mistérios** e a imortalidade era um processo de iniciação. Aqui, porém, o mistério é uma revelação estatutária obedecendo ao processo **juris et de jure**, moldado nos méritos intelectuais do candidato. Você, Ascendino, adquiriu esse **summum bonum** que veio do Jardim de Academus para o Peripato de Aristóteles. A divina serpente do Éden só trouxe reputação ao autor do Gênesis, mas roubou a imortalidade dos nossos primeiros pais e, conseqüentemente, a de seus ingênuos e inocentes filhos. E para terminar, gostaria de lembrar aquela experiência religiosa de um pastor de almas, lá na terra dos nórdicos, onde os ensinamentos bíblicos são retalhados em capítulos e versículos para que o texto sagrado se torne mais enfático e mais didático por força mesmo do espírito das reformas. Pois bem, esse convincente sermonista, com sua simpatia pessoal, a pronta memória das ocorrências, rosto angelicalmente rosado, cabelo dourado e sobriamente repartido, olhos da cor do céu, a gravidade de um patriarca hebreu, e a estatura de Saul levantou-se diante de sua congregação e anunciou solenemente: meus irmãos, no próximo domingo, eu vos falarei sobre a mentira. Encarreço-vos, porém, ler o capítulo 17 de São Marcos. Voltou no outro domingo, subiu ao púlpito e reclamou do pacífico rebanho o capítulo recomendado.

— Lestes, meus irmãos, o cap. 17 de São Marcos?

— Sim, rev. Mestre, responderam todos uníssimos.

— Pois é exatamente sobre a mentira que acabastes de me pregar que hoje vos desejo falar. Porque o Evangelho de São Marcos termina exatamente no capítulo 16. Pois bem, Ir.: Ascendino, nossa imortalidade acadêmica está disciplinada no cap. 17 do Ev. de São Marcos: é um estado de espírito alimentado na ilusão do paraísso; dispensa, pois, a alegoria cristã. E como você hoje festeja seus 62 anos de existência, desejo-lhe, não que atinja a idade de Matusalém, a quem o Gêninis atribui 969, mas pelo menos a idade de seu pai Enoc, que morreu muito moço, aos 365, e ainda assim foi uma idade considerável. Digo moço, porque Jared, avô do macróbio hebreu, chegou a 962. **Hoc fac et vives.** Depois eu falarei sobre a mentira. Palmas à imortalidade.

ANTÍDIO DE AZEVEDO, POETA E TROVADOR

ANTONIO SOARES FILHO

Quando El-Rey escolheu um homem de letras, o cronista João de Barros, para donatário da Capitania situada no saliente continental, certamente não cogitou que predestinava a região do Rio Grande para aqui florescer, no futuro, intensa vida literária.

O donatário não compareceu. O território, que primeiro via o Sol nascer, ficou abandonado e o surto das letras adormecido nos séculos da Colônia. Mas, a Capitania, doada a um literato, despertaria para cumprir seu destino histórico.

As primeiras divulgações de escritos norte-rio-grandenses, ao que parece, datam de 1645, portanto, menos de meio-século depois do início da colonização da Capitania. São as cartas dos índios petiguares Pedro Poti e Dom Antônio Felipe Camarão, vertidas do tupi para o holandês pelo Ministro protestante Johannes Eduards. Acrescente-se a famosa proclamação do Capitão-mor dos índios, datada de 28 de março de 1646, dirigida aos indígenas que apoiavam o domínio batávico. Pedro Souto Maior traduziu, para o português, as versões flamengas de Eduards.

No mesmo ano em que o Brasil passava da situação **de jure** de Colônia para Vice-Reinado, 1808, é lançada em Lisboa a coletânea

---

Discurso de posse na Academia, em 5 de maio de 1977.

laudatória "Gratidão Pernambucana ao Fundador", inserindo dois carmes e dois discursos do Padre Francisco de Brito Guerra, trabalhos em latim, exceto um dos discursos, em português, proferido em Olinda, quando seminarista, em 1800.

Depois do padre, chegou a mulher, fato histórico que não causa espanto, sabido que vivemos numa terra em que, vez por outra, desponta o matriarcado político ou intelectual. Acontece, porém, que a primeira literata apareceu com uma inteligência e obras de tão alto valor que até hoje não foram superadas. Na verdade, o país não apresentou, ainda, figura feminina maior do que Nisia Floresta. O ápice da grandeza de Nisia foi medido pelo pernambucano Oliveira Lima e se mantém inalterado.

O Século XIX — que nos deu o primeiro literato e jornalista, o Padre Guerra; o primeiro a diplomar-se na Universidade de Coimbra, 1818, Tomás Xavier Garcia de Almeida; o primeiro bacharel de Olinda, 1832, José Joaquim Geminiano de Morais Navarro; o primeiro professor de Direito, Tarquínio Bráulio de Souza Amaranto; o primeiro professor de Medicina, Marcos Bezerra Cavalcanti; o primeiro pintor, Joaquim Fabrício Gomes de Souza; o primeiro diplomata, Amaro Cavalcanti; o primeiro médico e primeiro romancista, Luís Carlos Lins Wanderley; o primeiro engenheiro e arquiteto, Daniel Pedro Ferro Cardoso; o primeiro historiador, Manoel Ferreira Nobre, — trouxe-nos, sobretudo, considerável quantidade de poetas, alcançando, pelo número e qualidade, a idade áurea, entre os últimos anos do século passado e fins da década de 20, época de opulência da imaginação criadora em prosa e versos e da fundação do Instituto Histórico e Geográfico (1902). Mas o labor intelectual prosseguiu e continua, inclusive através da Universidade Federal e de três Academias, uma delas destinada às trovas, além da "Fundação José Augusto" e da heróica "Coleção Mossoroense".

Creio que nenhum outro Estado brasileiro tenha a sua História tão pesquisada e estudada quanto o Rio Grande do Norte. Resultado do trabalho paciente e hábil de numeroso grupo de historiadores, à frente Tavares de Lyra, Vicente de Lemos, Luís da Câmara Cascudo, Antônio Soares e Luís Fernandes. O pioneiro foi Ferreira Nobre. Abriu o caminho, porém não desbravou. Vicente de Lemos iniciou a pesquisa histórica, informa Câmara Cascudo. O historiador João de Barros não viera, mas a História norte-riograndense está registrada detalhadamente desde antes da doação da Capitania, e, para ser exato, anteriormente à chegada da frota de Pedro Álvares Cabral. O gosto pelo pesquisa histórica, parece inato aos nossos conterrâneos. Já houve quem afirmasse que a História do Brasil foi escrita por três norte-riograndenses: Rodolfo Garcia, o Brasil-Colônia; Tobias Monteiro, o Brasil-Império; e, Tavares de Lyra, o Brasil-República.

Contistas, temos poucos. O primeiro livro publicado, ao que nos consta, data de 1914, quando Kerginaldo Cavalcanti editou, em Natal, "Contos do Agreste", logo seguido de "Vida Alegre", de Luiz Potyguar. Depois, abriu-se um hiato, interrompido, em 1936, quando o romancista Polycarpo Feitosa tornou-se contista em "Encontros do Caminho". Novo largo intervalo, até o aparecimento, em 1952, de Aluizio Furtado de Mendonça, em "O Silêncio das Horas", editando ainda em Natal, antes de emigrar para o Recife, "O Soldado de Ronda", em 1953. Daí em diante, o rítmo das publicações é um pouco acelerado com a presença dos livros de José Pinto Junior, Newton Navarro, Nei Leandro de Castro, Manoel Onofre Junior, Jayme Hipólito Dantas e Tarcísio Gurgel. Os contos esparsos do adolescente Afonso Bezerra (1907-1930), começaram a ser divulgados em 1925, porém somente foram reunidos em livro em 1967.

Romancista, com diversos livros publicados, conhecemos apenas Polycarpo Feitosa, pseudônimo de Antonio José de Melo e Souza, e, com dois livros, José Bezerra Gomes, Ivanaldo Lopes e João Alfredo Pegado Cortez. Ressalve-se, tanto nos contistas quanto nos romancistas, alguns que emigraram na juventude, entre eles, Peregrino Junior, Umberto Peregrino, Renard Perez, Fagundes de Menezes, Milton Pedrosa e Homero Homem.

Por aí se vê que, via de regra, os intelectuais norte-riograndenses não são afeiçoados à ficção em prosa. Preferem o realismo dos ensáios, os estudos da História e dos demais ramos da ciência.

Foi porém na poesia que ocorreu a preciosa inflação literária. Quanto cantou o Rio Grande do Nortel Dizia-se: "Natal, em cada esquina um poeta, em cada rua um jornal". No ano de 1896, foram impressos, em Natal, 16 jornais para uma população de cerca de 12 mil almas.

Nas cidades interioranas, o cantochão expandia-se. Ceará-mirim, no primeiro quartel do século, portanto, na Idade de Ouro da imaginação potiguar, mantinha jornal literário com todo o corpo de redação constituído de poetisas. Os velhos ainda recordam a atividade de Adele de Oliveira, Dolores Cavalcanti, Etelvina Antunes, Madalena Pereira e Isaura Carrilho. No Assu, a safra anual de poetas nunca dependeu de seca ou inverno. As campanhas políticas locais sempre dispensaram os comícios. Bastavam as centenas ou milhares de motes e glosas xingando os candidatos. Citar nomes dos maiores poetas da terra da Lagoa do Piató, seria correr o risco de pecar por omissão, pois em nenhuma outra parte do Estado se versejou tanto e tão bem. Permitam-me, porém, em homenagem ao matriarcado espiritual da Idade de Ouro, relembrar o nome de Angelina Macedo, a poetisa da **Resignação**. Quando faleceu, em 1906, com 31 anos de idade, a outra Angelina, nascida em Natal, tinha apenas 14 anos e só mais adiante brilhou com a sua colabo-

ração nos jornais do Rio e com as sucessivas edições de seu livro didático "Meu grande Brasil".

Homens e mulheres, na Idade de Ouro, **ouvindo as estrelas,** embevecidos pelos suspiros ao luar e o colorido do Sol poente, vagando no mundo dos sonhos, sem noção de espaço e tempo, com autonomia de vôo, fizeram o país escutar o canto mavioso do amor evangélico e a ternura do amor das sulamitas; exaltaram as virtudes e os fastos cívicos; cantaram as lendas da terra e a **serenata dos pescadores;** saudaram os morros e as praias que viram o amor de Branca e a miragem real das salinas; ouviram o gemido plangente do **Aboio** penetrando nas antologias; o clã Wanderley alçando vôo de condor ou esbanjando lirismo; os **Alados** lembrando **como demora o inverno da saudade, como é ligeira a estação dos sonhos;** a juventude afirmando que **ser noivo é ser ditoso;** e a maior poetisa mística do Brasil aspirando o **incenso agreste da jurema em flôr.** Camões, na gesta aventureira, cantou o peito ilustre lusitano, mas foi um norte-riograndense, Augusto Meira, no alentado volume do "Brasileis", quem exaltou, no melhor estilo épico, os feitos valerosos da gente brasileira.

Nada, portanto, de surpreender quando se constata que dos 40 patronos desta Academia, 30 tinham vivido e produzido na Idade de Ouro.

Nesse período, por feliz coincidência, os Governadores do Estado foram todos literatos ou intelectuais de alto nível. Um deles, Alberto Maranhão, que governou dez anos em dois períodos, verdadeiro Príncipe da Renascença, pelo largo apoio e estímulo às ciências, letras e artes, ainda hoje é chamado de "Mecenas Potiguar"; outro, Tavares de Lyra, é o maior dos nossos historiadores; Antonio de Souza, é a nossa maior figura na ficção literária; José Augusto, educador, parlamentar, historiador, foi o padrinho dos que se iniciavam nas letras, transformando a redação do jornal oficial no trampolim da vitória de muitos intelectuais. Finalmente, Ferreira Chaves não se omitiu, homem culto e letrado, a quem certo Presidente da República pedia ajuda, quando precisava de intérprete de francês fluente e elegante, para trato com diplomatas estrangeiros. Anatole France, quando regressou a Paris, depois da visita ao Brasil, declarou à imprensa, referindo-se a Chaves, que havia encontrado um Senador que conhecia toda sua obra no original. E, se a Idade de Ouro terminou, não foi pela falta de amparo governamental, eis que Juvenal Lamartine, o maior dos nossos estadistas, manteve a mesma política de proteção às letras.

Gothardo Neto, Ivo Filho e Antídio de Azevedo, a quem me falta estro para suceder, mas venho ocupar-lhes a Cadeira lírica, viveram a época esplenderosa da poesia norte-riograndense. Gothardo faleceu antes da eclosão dos subprodutos brasileiros do "fu-

turismo" de Marinetti. Ivo e Antídio passaram impávidos pela borrasca e conservaram a fidelidade helênica porque apareceram para escrever, não escreveram para aparecer.

Todavia, o fim da Idade de Ouro não trouxe a Idade Glacial das emoções. O Rio Grande do Norte continua cantando na voz fidelíssima dos que não abandonaram a morada dos deuses e nas trovas de difícil composição poética; finalmente, no canto desafinado daqueles que não alcançaram a vitalidade da métrica e a inspiração das rimas. Os leitores, em sua maioria, pelo menos em nossa província, preferem os românticos e os parnasianos. Os livreiros de Natal informaram aos jornais que, em 1976, os livros de poesias mais vendidos foram as reedições de "Horto", de Auta de Souza, "Poesias Completas", de Ferreira Itajubá, e "Roseira Brava", de Palmyra Wanderley.

* * *

Ingresso nesta Academia através de um convite altamente honroso: não o poderia recusar. Comovido, venho participar do cenáculo que meu pai ajudou a fundar e presidiu e cujo nome acadêmico desejo adotar. E sinto-me feliz por ser recebido, em nome da Academia, pela fraternal amizade de Veríssimo de Melo, que há vinte anos vinha insistindo para que me candidatasse.

Entretanto, não sou um estranho à vida desta Casa. Sou a única pessoa, sem direito de voto, que assistiu todas as reuniões preliminares da fundação da entidade na casa de Mestre Cascudo, na Avenida Junqueira Ayres, esquina com a Travessa Pax, junto a sua atual residência, e, posteriormente, a primeira eleição na Escola de Música, Rua Vigário Bartolomeu, esquina com a Praça João Maria. Ainda guardo as cédulas da votação para Presidente. Havia-se conversado, com antecedência, para escolha de candidato único, com a declaração prévia de Cascudo, o verdadeiro fundador, de que não aceitaria a presidência. Mas as eleições secretas trazem quase sempre surpresas. Os ressábios políticos da República Velha, que ainda subsistiam, não evitaram a eleição do candidato previamente escolhido, mas por seis votos contra cinco, dados a quem menos esperava e não fora consultado. Quando a Academia, em 1943, elevou de 25 para 30 o númreo de sócios efetivos, surgiu outro problema político. Durante a sessão, formou-se um grupo contra a eleição de certo candidato, por ter sido militante do Integralismo; outro candidato era vetado sob alegação de que teria idéias comunistas. O Cônego Monte, ao meu lado, propôs: **"É mais razoável votar nos dois"**, e assim aconteceu. Foi o único dia em que tive direito de voto, representando meu pai. Naquela época era permitido votar por procuração.

Cabe-me, porém, justificar minha assiduidade nas reuniões da fundação da Academia. É que, jovem estudante, ficava encarregado de levar pelo braço o meu saudoso amigo Matias Carlos de Araújo Maciel Filho, cuja visão, já perto da cegueira, não permitia sair sozinho à noite. E cumpre-me, ainda, indicar o motivo da amizade com um homem 35 anos mais velho do que eu e que vivia na solidão de celibatário, alisando carinhosamente os livros e os gatos, cuidado pela irmã e sobrinhas que moravam na casa vizinha.

Lembro-me de minha primeira visita, quando o Dr. Matias ainda morava na atual Praça Gentil Ferreira. Bati na porta e indiquei minha filiação paterna. A porta abriu-se e diante de mim surgiu um homem de altura acima da mediana, magro, moreno claro, discreto achatamento em uma das têmporas (raridade anatômica que também vi no Cônego Monte), de óculos, chapéu de massa na cabeça, um roupão cáqui, à guisa de camisola, abotoado do pescoço aos pés. Sua fisionomia bondosa e inteligente tranquilizou-me de que não estava diante de algum personagem do conto fantástico de Edgard Allan Poe. Ademais, sabia que, dentro daquela, indumentária extravagante, morava um sábio de sólida cultura histórica e genealógica.

Disse-lhe o motivo de minha visita. Encontrara referência de que o Conde Maurício de Nassau era sobrinho de Guilherme, o Taciturno e ficara em dúvidas porque constava-me, antes, que eram primos. A resposta veio imediata. Realmente eram primos, mas, naquele tempo, o filho do primo legítimo era chamado sobrinho.

Depois de apreciar sua imensa biblioteca, ficamos longo tempo conversando. Horário noturno não tinha importância. Dr. Matias passava a noite acordado. Jantava pela manhã e almoçava à noite. Quando deixei aquela casa, pobre em móveis e rica em cultura, estava iniciada afetuosa amizade que se estendeu até a morte da mais prodigiosa memória que tive a ventura de conhecer. Quando publiquei meu opúsculo sobre Augusto Leopoldo, recebi atencioso convite do General Kival de Medeiros para ingressar, na qualidade de sócio efetivo, no Instituto Brasileiro de Genealogia, sediado em São Paulo. Não respondi. Preferi a indelicadeza do silêncio à gentileza do gesto. Não podia admitir associar-me àquela instituição cultural especializada, sem que antes o Dr. Matias Maciel recebesse convite, expresso e espontâneo, para membro efetivo.

Havia outro motivo para cultivar a amizade do grande genealogista por mim conduzido para as reuniões da Academia. Em minha juventude procurei a íntima companhia de velhos intelectuais, na ânsia de aprender experiência e saber. Visitei ou conversei, diversas vezes, com Henrique Castriciano, Eloy de Souza, José Augusto, Juvenal Lamartine, Luís Antônio e muitos outros. Fui o benjamim do grupo que se reunia, todas as tardes, na porta da

Livraria de Fortunato Aranha. Nestor Lima, Matias Maciel, Felipe Guerra, Régulo Tinoco, Floriano Cavalcanti, Adalberto Amorim, José Anselmo e outros eram assíduos freqüentadores. Alberto Maranhão, em visita a Natal, compareceu duas vezes. Claro que ninguém ensinou-me mais do que meu pai, dada a convivência diária e a valiosa fonte de consulta oral, mesmo quando se tornou nonagenário. Hoje procuro, de preferência, a companhia dos desportistas e da mocidade universitária, para demorar a vinda da senectude.

* * *

Apesar do honroso convite que recebi, sinto-me senão um intruso ao menos um desajeitado para ocupar a Cadeira que sempre pertenceu a poetas. Certo que venho de uma família de poetas. Mas o salto genético da lei mendeliana retirou-me a inspiração das musas e fui deserdado do atavismo assuense.

Nem mesmo minha condição de amador da Astronomia trouxe-me a ternura versificada do lirismo. Os poetas têm elos que ligam o coração às estrelas, os astrônomos estudam a astrofísica; os poetas se inebriam ao luar, os astrônomos pesquisam a superfície e os movimentos lunares. A única similitude é que poetas e astrônomos vivem deslumbrados com as maravilhas que Deus espalhou no espaço sideral.

* * *

Na década de 30, quando terminava o curso secundário, sofri a influência da poesia-piada trazida pela escola inaugurada na Semana da Arte Moderna de São Paulo. Atrevi-me, então, a publicar versos que, na época, chamavam também de **futuristas**. Divulguei-os nos jornais estudantís, sempre sob pseudônimo. Em seguida, reuni os trabalhos, inclusive os inéditos, e preparei um livro a que dei o nome de **Vayayus**. Depois, faltou-me ânimo para editá-lo e continua engavetado. É que o tempo convenceu-me que poesia era outra coisa. Óbvio que poeta não é apenas o que segue a forma de composição clássica. Mas não sinto, nem compreendo, poesia sem os cânones eternos da métrica, a sonoridade da rima, a perfeição ou domínio da forma. Fora disso, o que se supõe poema pode se transformar em prosa, bastando estender a composição até o final da linha da página. José Américo de Almeida, o primeiro escritor nordestino a publicar livro no estilo regionalista preconizado em São Paulo, sentia-se cansado do parnasianismo, mas, em carta a Joaquim Inojosa, alertava, em relação à poesia, os exageros dos modernistas, alegando que muitos estavam apresentando "**prosa ruim com pretensões a verso**", referindo-se, ainda, aos que preferiam "**lata nova ao ouro velho**".

Se o objetivo principal dos modernistas de 1922 era o poema-piada, não lograram o êxito alcançado pelo romance regionalista, apesar da introdução do palavreado chulo e do despreso *intencional* às regras da gramática. Um dos grandes modernistas, titular da equipe principal da Semana de Arte, assinou poema descrevendo o quadro clínico do tuberculoso, sem a mestria de Augusto dos Anjos, e, concluiu, receitando, para o paciente, **tango argentino.** Se isso é piada, temos de convir que é de mau gosto.

O humor nunca foi incompatível com a poesia clássica. Aqui mesmo temos os exemplos de Virgílio Trindade e Pedro Lopes Cardoso, sonetistas que deixaram obras sadias e de excelente humorismo. Os críticos anotaram que os melhores trabalhos modernistas eram dos parnasianos convertidos. Renegaram o classicismo, mas não conseguiram se livrar da inspiração das musas, inclusive conservando as rimas.

Em 1930, quando os modernistas de 22 ainda procuravam centro de equilíbrio, apareceu um mineiro considerado hoje, depois que o Parnaso foi apedrejado, a maior expressão da poesia nacional. Trazia estilo novo e dispensava a piada. É o homem que, em um poema de dez linhas, em seis delas encontrou **"uma pedra no caminho".**

Finalmente, em 1945, sob o clima da neurose da Segunda Grande Guerra e a mordaça do Estado-Novo, surge a chamada "Geração de 45", que Alceu Amoroso Lima classificou de "neomodernismo" e Afrânio Coutinho, Eduardo Portella e José Guilherme Merquior de "antimodernismo".

A princípio, supôs-se que era um **neoparnasianismo** e Ledo Ivo, cognominado o **"bruxo de poderes ilimitados"** chegou a publicar um livro de sonetos. Mas o reacionarismo acudiu às pressas na repulsa, ainda, dos valores eternos da poesia. A "geração de 45", então, frutificou, inclusive com ramos degenerativos.

Antídio de Azevedo, com autoridade de quem dominava primorosamente a língua e a forma, teve a coragem de qualificar o poema moderno de **"arremedo charadístico"**, acrescentando que **"poesia é aquilo que se lê e sente se infiltrar suavemente no próprio ser".**

Quando preparava este discurso de posse, procurei estudar com mais afinco os poemas das maiores figuras da poesia moderna. Se a interpretação era por demais obscura, solicitava a ajuda de amigos que se dizem admiradores da nova ordem poética. Não encontrei duas interpretações iguais, donde concluí que o autor poderia ter outra de uso pessoal. Finalmente, lembrei-me de um fato ocorrido em 1948, quando exercia o mandato de deputado estadual. Certa funcionária da Assembléia Legislativa, jovem e inteligente, neta de canadense, colaboradora assídua dos jornais da terra com

a publicação de seus poemas, mostrou-me uma de suas obras primas que acabava de elaborar e pediu-me crítica. Li, reli e confessei que não havia entendido e pedi-lhe que me interpretasse. Sua resposta foi de uma franqueza mais contundente do que o anátema de mestre Antídio. **"Também não sei interpretar o que escrevi"**, disse a jovem, acrescentando: **"poesia moderna é assim mesmo"**.

Em minhas leituras dos poetas modernos, tinha de procurar a obra do homem que para alguns críticos pertence à **Geração de 45**, e, para outros, não pertence a tal geração. De qualquer maneira, para muitos é o maior de todos.

Encontrei, então, um poema intitulado: **"O Torcedor do América F. C."**. Esfreguei as mãos de contente. Aquilo era comigo. Eis o poema na íntegra:

O desábito de vencer
não cria o calo da vitória;
não dá à vitória o fio cego
nem lhe cansa as molas nervosas.
Guarda-a sem mofo: coisa fresca,
pele sensível, núbil, nova,
ácida à língua qual cajá,
salto do sol no Cais da Aurora.

Confesso que a única coisa que entendi, devido à expressão **"desábito de vencer"**, é que não se tratava do América de Natal.

Manda a justiça que afirme haver encontrado muitos modernistas com frases de pura estesia. Minha apoucada inteligência, porém, raramente entende o sentido do conjunto do poema, salvante alguns, entre os vivos, muitos da obra de Vinicius de Moraes.

* * *

Gothardo, Ivo e Antídio viveram a juventude na mesma época, quando era elegante e indicativo de superioridade intelectual esnobar materialismo ou agnosticismo religioso. Pululavam os "livres-pensadores", escravizados a preconceitos filosóficos e de pouca ciência. O positivismo de Augusto Comte, que tanto influiu na instalação da República, encerrava seu ciclo histórico e estava reduzido a minguado grupo de adeptos. Entretanto, o monismo de Ernesto Haeckel começava a chegar ao país e as doutrinas do século passado, sobretudo o agnosticismo de Spencer, o materialismo burguês de Renan e a filosofia de Hegel e outros, ainda impregnavam parte da elite estudiosa da mocidade brasileira. Eram resquícios do que Lèon Daudet chamou "O Estúpido Século XIX". As grandes conversões ao catolicismo, entre elas as de Bergson, Alexis

Carrel, Chesterton, Paul Claudel, Jacques Maritain, Papini, Lèon Bloy, Garcia Morente e dezenas de outros, só ocorreram no Século XX, e, no Brasil, na era de 20, com a volta à Igreja de Ruy Barbosa, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Perilo Gomes e outros.

Convém ressaitar, em pról do século malsinado por Daudet, que o ceticismo e o materialismo partiam mais dos literatos e filósofos do que dos cientistas. As maiores figuras da ciência do século anterior, em suas respectivas especialidades, Pasteur, Claude Bernard, Ampére, Cuvier, Quatrefages, Laplace, Arago, Biot, Cauchy e muitos outros, para citar apenas cientistas da Pátria denominada "cérebro do mundo", eram homens de profundas convicções religiosas. E, se não posso citar Lavoisier, porque foi guilhotinado dois anos antes do início do Século XIX, aponto Bertholet, seu digno sucessor. Continua,assim, válido o conceito emitido, há mais de trezentos anos, pelo Chanceler Bacon: **"a meia-ciência conduz ao ateísmo, a muita ciência conduz a Deus".**

O patrono e meus dois antecessores passaram incólumes pelo atrativo da indiferença religiosa. Desde a infância foram homens de fé e morreram crentes de outra vida melhor. Não consta que fossem polemistas em assuntos religiosos. Foram compreensivos com os amigos incréus. Sabiam que os ateus também são filhos de Deus.

Valha-me, ao menos, essa identidade de vida e pensamento, e poder, no tocante, conservar a tradição da Cadeira que venho ocupar. Aqui, neste momento, repito as palavras de Pasteur, no discurso de posse na Academia Francesa: **"tenho a fé de um camponês".** E, amador da Astronomia, rejubilo-me com as palavras de Einstein de que **"o Universo não pode ser explicado sem a presença de Deus".**

* * *

Antonio Antídio de Azevedo, desde o nascimento até à maturidade, embora não fosse rico, viveu sem a aflição econômica do nordestino, na tranqüilidade de pequena cidade do interior e na paz bucólica da fazenda, gozando, assim, condições para a predisposição vocacional do poeta, se é certo, como disse Pablo Neruda, que **"a poesia é sempre um ato de paz. O poeta nasce da paz como o pão nasce da farinha".**

Sem sair de Jardim do Seridó para estudar, aprendeu as primeiras letras com o próprio pai e com um primo que se dedicava ao ensino nas fazendas do sertão seridoense. Já rapaz, freqüentou curso particular de português na cidade. Aprendeu as regras clássicas do versejar através de livro encomendado, pelo correio, a uma livraria do Rio de Janeiro. E, depois, com a alegria de criança que recebe um brinquedo, exultava com a publicação dos seus sonetos

enviados para as revistas do Rio. Quando veio morar em Natal, removido para o cargo de Escrivão e Tabelião do 4.º Cartório, trazia a letra firme, legível, bela e artística, em contraste com a maioria de seus colegas serventuários da justiça. Foi, portanto, um autodidata.

Qual a causa desse fenômeno de autodidatismo tão comum na região seridoense? Amaro Cavalcanti, quando emigrou do Caicó, já possuia razoavel cultura humanística. José Bernardo, representando um Estado pequeno, foi 1.º Secretário da Constituinte Federal de 1891 e seu neto Dinarte Mariz é hoje um dos políticos mais em evidência no país. Algumas vezes, suas advertências políticas fazem lembrar a coragem, autenticidade e espírito profético do Barão de Cotegipe. No entanto, avô e neto não passaram da escola primária, embora lutassem e se destacassem na Universidade da vida.

Em 1933, quando a luta política no Estado era manchete nos jornais do Sul, um sociólogo paulista escreveu que o seridoense era o homem mais hígido do Brasil, recompensa da salubridade do solo. Mas, se quisermos explicar a inteligência privilegiada, mola do autodidatismo, como decorrente da boa saúde, vamos esbarrar com o fenômeno Joel Celso Dantas, autodidata do Caicó, que, aos sete anos de idade, atacado de queratite, cegou das duas vistas, e tendo se tornado raquítico para o resto da vida, dada a prescrição médica proibitiva de se expor à luz solar. Aprendia as ciências ouvindo as leituras. Aos dezessete anos inventou um aparelho para aprender a ler, letra por letra. Somente aos 38 anos, quando já se notabilizara pelos seus conhecimentos de física e pesquisas mineralógicas, é que, operado de uma das vistas, veio a conhecer o semblante da esposa e dois filhos, e, ainda, a fisionomia de mais de cem alunos a quem lecionava catorze disciplinas.

A lista de autodidatas seridoenses é imensa. A criação de cursos ginasiais na região não é muito antiga. Quem conseguia freqüentar a escola primária, daí em diante aumentava o cabedal de conhecimentos e projetava-se nas letras ou na política através da força de vontade e do autodidatismo. Entre centenas que se destacaram, permitam-me lembrar a pena cristianíssima de Vivaldo Pereira, a combatividade jornalística de Ulisses Telêmaco, a inclusão, pela crítica especializada do Rio, do nome de Aldo Medeiros, entre os dez, no Brasil, que mais entendem da arte cinematográfica, e finalmente, o patriarca Felinto Elysio, recordista norte-riograndense de atividade política e legislativa.

O seridoense, comumente, é alto, corado e queimado pelo Sol, vigoroso, sadio e tendente à longevidade. Se o ponto de referência de Euclides da Cunha tivesse sido o Seridó, confirmaria que "o sertanejo é antes de tudo um forte", mas, provavelmente, teria acrescentado: "e bonito", ou, na classificação dos antropólogos: apolíneo.

Por muito tempo indicaram ascendência holandesa para esse belo tipo de homem que também é encontrado na região fronteiriça da Paraíba com o Seridó. Entretanto, os holandeses não penetraram o sertão longínquo durante o domínio batavo. Ficaram no litoral e no agreste. José Américo de Almeida diz que os padreadores foram os franceses, no tempo da conquista, que se faziam aliados e chegaram a indianizar-se.

José Augusto, o mais profundo conhecedor da história da região em que nasceu, deixou obras notáveis sobre a terra e a origem das famílias seridoenses. O fator do povoamento foi a criação do gado e teve início no fim do século XVII, depois da cruel exterminação dos indígenas. Os primeiros povoadores vieram nas caravelas de Duarte Coelho, Governador de Pernambuco, espalharam-se pelo interior e depois se radicaram no Seridó. Era gente da melhor linhagem de Portugal. Em seu livro "Famílias Seridoenses", diz José Augusto textualmente: **"Não é exagero afirmar que raro será o seridoense que não tenha sangue de Araújo".**

Diz a tradição que Conde do Castelo de Araúja, perto do rio Minho, gostava muito de flores e resolveu incorporar ao nome o da planta **araúja.** Os seridoenses, por mera coincidência, deram o nome de **jardim** a dois de seus municípios, e, a outro, o de Flores (hoje Florânia), topônimos que muito teriam agradado ao nobre antepassado. Todo **Pereira** nordestino, dizia Juvenal Lamartine, descende de Dom Nunes Alváres Pereira, Condestável do Reino de Portugal. Essas lembranças genealógicas destinam-se a sugerir que o biotipo seridoense tem suas verdadeiras origens no melhor e mais nobre sangue português, que não se mesclou com os indígenas, pois, estes já não existiam, nem mesmo os da tribo dos caicós. O **habitat** melhorou a espécie.

Esta Casa teve oportunidade de ouvir um exemplar legítimo de seridoense. Antídio de Azevedo, octogenário sem rugas, erecto, passo seguro, subiu a esta tribuna e, com voz firme, relembrou as figuras de Gothardo Neto e Ivo Filho.

* * *

Fato curioso faz supor que os homens ilustres de França, depois da morte, fazem itinerário para o Céu com estágio no Seridó, sobretudo em Serra Negra do Norte. Nessa região, são encontrados Lamartine, Vauban, Descartes, Laffayette, Danton, Voltaire, Massillon, Bossuet, Flammarion, Mirabeau, Victor Hugo, Boileau, Drault, Desmoullins, Verniaugd, Saint-Beuve, Racine, Fenelon, Joffre, Ney, Foch, Janot, Renan, Lacordaire, Chateaubriand e outros.

Nessas divagações gálicas, não desejaria afastar-me do Seridó, terra de Antídio, porém, minha afetuosa estima leva-me a Mossoró,

onde está radicada uma família numerosa, inteligente e culta, que Bruno Pereira denominou "**os numerados**" e Adhemar de Barros chamou "**a dinastia francesa dos Rosados**".

Em conversa com Gilberto Freyre contei-lhe a singularidade de tantos nomes franceses no alto sertão. O sociólogo pernambucano achou o fato interessante e merecedor de estudo.

* * *

Assim como acompanhei a vida desta Academia, tive relacionamento com meus antecessores. Ainda não havia nascido quando Gothardo faleceu, porém, na juventude, presidi o "Grêmio Literário Gothardo Neto", na companhia de Hélio Galvão, João Wilson Mendes Melo, João Augusto Seabra de Melo e outros. Fundamos jornal literário, com o nome de "Grêmio", para honrar a memória de quem hoje é meu patrono. Minha amizade com Mestre Ivo começou quando éramos vizinhos, nos meus oito anos que não voltam mais. Acompanhei sua vida de advogado, quando militavamos no foro e depois nas campanhas políticas, pois ambos éramos membros da Comissão Executiva do Partido majoritário. Antídio conheci em 1937, quando veio removido para Natal, continuando quando minha atividade profissional levava-me ao Cartório. Em 1956, quando foi fundada a Academia Potiguar de Letras, nossa amizade se estreitou. A atividade da Academia girava em torno do esforço de Antídio e Monsenhor Landim, este idealizador e fundador da Academia. Lembro-me que, certa vez, em minha casa, Antídio procurou-me convencer a ingressar também nesta outra Academia. Respondi-lhe de bom humor que não desejava, depois de minha morte, criar problemas de dupla imortalidade. Quis o destino que ele fosse atendido, justamente para ocupar a Cadeira que tanto honrou.

Antídio foi escritor, não somente nos artigos de jornais, mas também na conferência sobre Olavo Bilac, nos livros sobre a história de Jardim do Seridó e na biografia de Felinto Elysio, revelando sempre estilo, gramática, pesquisa e conhecimento dos assuntos. Foi poeta e trovador nos livros "Zelações", "Pirilampos", "Fagulhas" e "Cartas ao Malaquias". Os seus livros foram enfeixados e publicados nos vagares da aposentadoria.

No estudo sobre Bilac, trabalho bem concatenado, revela, em estilo claro, acuidade de observação, e, sempre apegado ao classicismo, depois de transcrever a "Profissão de Fé" do príncipe dos poetas, a quem chama "**amigo da forma**", acrescenta **in verbis**: "**Assim, com esse mesmo afago e amor ao ritmo, dentro dos rigores da métrica, que é a música do verso e da sonoridade da rima, que perfuma a sensibilidade da alma, ele manifestava o seu pensamento sublime, em alexandrinos e decassílabos perfeitíssimos**".

No soneto sobressai, em Antídio, a forma, dentro da esquemática parnasiana. Como as escolas literárias misturam suas águas, exercendo-se mútua influência, assim o parnasiano Antídio ora é romântico, ora naturalista (daí o panteísmo nele visto por Juvenal Lamartine). Todavia, informa o Cônego Jorge O'Grady de Paiva, **"jamais deixou de ser poeta cristão".**

Quando Antídio completou 80 anos de idade cronológica, aparentando 50 de idade biológica, a poetisa carioca Lilinha Fernandes enviou-lhe o seguinte soneto:

ANTÍDIO DE AZEVEDO

Com oitenta anos bom poeta é ainda,
Afina a lira e magos versos canta!
"Evocação", talvez, da quadra linda
Onde houve alguém que foi mulher e santa.

Erguendo a taça sei que aos deuses brinda
Com voz sonora que a si mesma espanta.
E da poesia pela estrada infinda
Floresce em rimas e os rosais suplanta.

Seu coração de potiguar é nobre.
Tudo é nobreza em sua fronte aberta
E nos seus gestos que a modéstia cobre.

Que viva muito é o que desejo eu,
Para em seus versos nos fazer a oferta
Da alma sensível que Jesus lhe deu.

Antídio respondeu:

LILINHA FERNANDES

Mesmo apesar do peso de alguns anos,
Se da ampla caminhada o fim divisa,
Dedilha a lira e canta os soberanos
Sonhos, filhos de esplêndida poetisa.

Seu êstro desconhece os desenganos
E vibra e canta a Febo que agonisa.
Qual Deusa a conservar gestos humanos,
À lua brinda, ao perpassar da brisa.

Guarda em sua alma inspiração suprema,
Da mesma forma que a modéstia extrema
Traz a vida, a implorar fúteis escusas.

Tem grande coração, bondoso e forte,
Que o amor há de guardar até a morte,
Como uma eleita real das louras Musas.

* * *

Antídio era maior na trova do que nos outros gêneros, o que mostra seu talento, sabido que a trova é difícil, por constar apenas de uma quadra. Foram as trovas que o tornaram o mais conhecido poeta norte-riograndense fora do Estado, segundo depoimento de João Carlos de Vasconcelos. Sua correspondência para os países de língua portuguesa era praticamente diária. Concorria a todos os concursos de trovas de que tinha notícia, quer no Brasil, quer no Portugal peninsular e ultramarino, quer nos países africanos, mormente em Queluz, Funchal e Luanda.

Em 1969, num concurso realizado em São Luís do Maranhão, alcançou o 2.º lugar com a trova:

Os sinos que alegres plangem,
Em dobres feitos de luz,
São harpas que os anjos tangem
Pelo Natal de Jesus.

Antídio compôs centenas e centenas de trovas. Vamos ouvir mais três:

A lua tão branca e egrégia
que nos enche de emoção,
parece a vitória-régia
no lago azul da amplidão.

Não pode guardar segredo
a timidez de um olhar mudo.
Um olhar furtado, a medo,
nada dizendo, diz tudo.

Se a areia que pisas tanto,
advinhasse quem és,
vibrava toda, garanto,
beijando, louca, teus pés.

Com um poeta e trovador desse quilate, tinha que acontecer. A notícia do seu falecimento repercutiu no país e no estrangeiro. As manifestações de pezar chegaram a Natal, inclusive do México. Um jornal da capital capixaba dedicou a sétima página à vida e à obra do grande morto. Paulo de Viveiros dizia-me certa vez que alguns dos nossos intelectuais, como ocorreu com Cascudo, projetaram seu merecimento de fora para dentro da terra em que nasceram.

O "Dicionário de Astronomia e Astronáutica", do Cônego Jorge O'Grady de Paiva, no verbete **Projeto Pirilampo**, incluiu o nome de Antídio Azevedo. É que os americanos, por meio de foguetes e satélites, tentavam descobrir vestígios de matéria viva na vizinhança ou no solo de outros astros, recolhendo poeira e misturando com extrato de cauda de vagalume. Havendo germes ou esporos vivos tal mistura ficará iluminada, o que comprovará a existência de vida fora da biosfera terrestre. A propósito desse projeto, Antídio compôs um poema de 10 estrofes alexandrinas intitulado **"Destino dos Pirilampos"**. O trabalho é posterior à publicação dos seus livros e não foi encontrado pelos familiares, privando-me de ler o poema do Poeta da Astronáutica, a filha mais nova da Astronomia.

Referindo-se a Gothardo, Ivo e Antídio, o saudoso mestre Edgar Barbosa afirmou que confluiram **"à nave desta Casa três destinos românticos"**.

O que é romantismo? A didática brasileira indica o período literário que vai de 1836, ano da publicação de "Suspiros Poéticos e Saudades", de Gonçalves de Magalhães, até 1871, quando Castro Alves publicou "Espumas Flutuantes".

A bitola cronológica tem por finalidade apenas indicar o fim do arcadismo até o aparecimento do Realismo e o seu prolongamento: o Naturalismo e o Parnasianismo. É nesse intervalo que se intercala o Romantismo que seria a mais bela escola literária em todos os tempos, se se pudesse excluir a corrente individualista que nela medrou, inspirada pelo pessimismo de Byron, revelando os que sofriam o chamado **"mal do século"**, precursores dos "hippies" sujos e cabeludos. Geralmente, morriam jovens pela tuberculose ou alcoolismo, e não pela tristeza, como ainda se pretende aventar.

Mas, o romantismo tem também um sentido lato. Não pode ser apenas o indianismo de Gonçalves Dias, a ingenuidade de Casimiro de Abreu e o lirismo-amoroso de Castro Alves, para cingir-me aos poetas, justamente os maiores da escola romântica brasileira.

Romantismo é, antes de tudo, fuga da realidade para o mundo do sonho. Sonhadores houve em todas as idades e, graças a Deus, ainda existem. A realidade é atroz. Constrange a imagina-

ção criadora, derruba os castelos de sonhos, desfaz a beleza poética da loucura de Dom Quixote.

Romântico é o lirismo-barroco de Gregório de Matos; o árcade Tomás Antonio Gonzaga cantando o amor de Marília e Dirceu; o clássico Luis de Camões chorando a morte de Natércia, no mais belo verso da língua portuguesa. Românticos foram todos os grandes amorosos que souberam sonhar.

Como é encantador sonhar acordado! O pensamento percorre livremente o universo das ilusões, realizando prodígios que nem a lâmpada de Aladim poderia oferecer. Muitas vezes desses sonhos surgiram grandes descobertas científicas, justificando o conceito de que, para criar, é necessário, antes, imaginar. Mas, existem também sonhos extravagantes. Alguém, por exemplo, provavelmente, imaginou a imposição da paz perpétua a todos os povos, com a decretação mundial do nudismo masculino. Isso impediria guerras e combates. Os soldados, todos nus, não poderiam identificar quem era aliado ou inimigo.

Somente o romântico sabe sonhar coisas belas e deliciosas e transmiti-las na prosa, nos versos, na vivência social e na expansão do amor ao próximo. Quem não é romântico não sonha acordado, sofre o pesadelo do pessimismo e das preocupações diárias. O verdadeiro romântico sente o lirismo melancólico da música de Chopin como estímulo para melhor sonhar de forma meiga e suave (o que não seria possível na poluição sonora da música moderna) e expulsa da escola romântica a corrente individualista, desprezando o pessimismo de Byron e Schopenhauer, o suicídio de Werther e as tabernas de Álvares de Azevedo. E, para isso, não precisa do exagero do **Cândido** de Voltaire. Romântica é a atitude de mais de duzentos brasileiros, conforme divulgação recente da imprensa falada e escrita, que ofereceram um rim para salvar a vida de uma criança, impelidos, os doadores, não somente pelo amor ao próximo, que é o maior dos mandamentos, mas também sensibilizados pelos olhos meigos e angelicais da menina, mostrados pela televisão. Romântico é o homem que enfrenta sozinho um batalhão e rende-se diante de uma criança.

Romantismo é emoção e ternura. A crendice popular atribui muitas influências da Lua na biologia terrestre. Cientificamente, nenhuma delas foi provada. Mas estou plenamente convencido que são os poetas românticos que provocam a reação fisiológica denominada **suspiros ao luar.** E convencido ainda estou de que, enquanto houver um violão plangente, alguém pedirá a **Stela para abrir a janela,** mesmo que seja no terraço de um arranha-céu.

Dizia Domício da Gama que **"há gente cujo ofício no mundo parece ser o de destruidor das ilusões alheias".** Essa gente está hoje reunida com o apelido de tecnocratas. Eles tentam, como disse o

Professor Ivoncísio Medeiros, "**minimizar o sentido do Humanismo e da dimensão da História**", completando que vivemos "**numa época em que o sonho perdeu sua significação romântica para se tornar num simples objeto de análise**".

Mas, o Humanismo sobreviverá e, conseqüentemente, o Romantismo. Na luta, o Humanismo não será o Caliban de Shakespeare, nem o de Renan. É preciso que o tecnocratismo aceite a necessidade da preparação humanística como única solução para atingir as origens das decisões e alcançar uma visão de conjunto dos problemas, condições indispensáveis para bem dirigir, no dia a dia, na velocidade das transformações.

Chego a esta Casa de mãos vazias, sem estro, prosa e música românticas. Edgar, como disse, batizou meus antecessores de românticos. Resta-me pedir, pelo meu amor ao romantismo, a indulgência de ser considerado o quarto romântico da Cadeira de Gothardo, Ivo e Antídio.

EM MEMÓRIA DE EDINOR AVELINO

DIÓGENES DA CUNHA LIMA

Senhores Acadêmicos:

Costumo declarar que os poetas são os únicos seres dotados de uma quinta dimensão. Além da altura, largura e profundidade, além do tempo. Os poetas são possuidores de uma percepção particularíssima das coisas, a uma vez múltipla e uma, presciente e profética, descobridora de uma realidade incompreensível e imperceptível aos... não-poetas. Uso a palavra poeta, pois, não apenas para aqueles que produzem versos, constroem poemas. Uso-a no sentido mais amplo, abrangente ao capaz de perceber a emoção poética transmitida.

Nesta noite, a homenagem da saudade que a Academia presta a um verdadeiramente grande poeta do Rio Grande do Norte. Possuidor, vereis, da quinta dimensão.

Que era a vida para Edinor Avelino?

"A vida é uma ilusão azul que passa".

Ao homem comum, não-poeta é diferente a compreensão da vida. Tem começo, meio e fim. É para ele quase um objeto, apreensível, palpável. Ao poeta não é apenas uma ilusão, mas uma ilusão colorida, azul, vale dizer, liberdade, tranquilidade, paz, abóbada celeste, ar tênue e infinito: mas que passa...

Com este sentimento do ilusório, da brevidade da vida, o poeta é o maior participante, incorporado ao destino dos seres

animados e aos que dá alma, uma vida feita de todas as vidas como queria Pablo Neruda.

Edinor Avelino cumpriu lirícamente a sua jornada, revelando-se em seus poemas, pesquisando e descobrindo "A harmonia das coisas superiores". Relembremos uma sua confissão:

JORNADA LÍRICA

É solitária a estrada que palmilho.
Ferem-me os cardos, o percurso enfada,
sigo, apesar da dor e do empecilho,
sempre cantando pela minha estrada.

Diante do pôr do sol, da madrugada,
da fonte azul, das árvores, do brilho
da luz pela amplidão disseminada,
diante do que Deus fez, me maravilho.

Divinas emoções experimento,
cismas profundas, êxtases diversos,
dentro do universal deslumbramento.

Louvo som, louvo o aroma, louvo as cores.
Hei de viver dizendo nos meus versos,
a harmonia das coisas superiores.

Eis a sua jornada funcional, em adicional registro sintético de Manoel Rodrigues de Melo:

"José EDINOR Pinheiro AVELINO nasceu na Cidade de Macau, no dia 17 de julho de 1898. Seus pais, Major Emídio Bezerra da CostaAvelino e Maria Irinéa Pinheiro Avelino, são angicanos. Estudou primeiras letras com sua irmã Gracilde Pinheiro Avelino, frequentando, mais tarde, o Colégio Aurora, do Professor Manuel Gomes Coimbra e o Externato Pax, do Dr. Adalberto Amorim, ambos de Macau. Em Natal, fez os estudos de humanidades sob a orientação do Professor Francisco Ivo Cavalcanti, prestando exames no Ateneu Norte-Riograndense, de grande tradição nos meios educacionais do Estado. Começou muito cedo a sua vida literária, colaborando na Folha Nova, de Macau, n'A Cidade, do Assú, n'O Mossoroense e n'O Nordeste, de Mossoró, n'A Imprensa, n'A República, n'A Opinião e n'O Democrata, de Natal, na Ilustração Brasileira, n'A Manhã e na Seleta, do Rio de Janeiro, além de muitos outros jornais e revistas da Capital e do Interior da sua província.

Em 1924, casou-se com d. Marcionila da Fonseca Cabral, filha do casal Manuel Januário Cabral e Maria Januária da Fonseca Cabral, ambos do Assú. Deste consórcio nasceram-lhe quatro filhos: Gilberto, Gracilde, Violeta e Maria.

Funcionário Público aposentado, exerceu os cargos de Auxiliar da Delegacia de Recenseamento, em Mossoró, Escriturário do Serviço de Profilaxia Rural, em Natal, e no Assú e Agente do IAPETEC, em Macau.

Professor, Edinor Avelino manteve, em Macau, durante vários anos, um Curso de Alfabetização, preparando muitas gerações ao ingresso nos cursos Secundários e Superior.

A consciência da morte e a presença de Deus foram constantes do seu viver e da sua poesia, marcados pela presença da sua cidade de Macau. Em sua mocidade participou da boêmia literária saindo da sua "República", como me lembrou Lauro Pinto, na rua das Virgens. Foi companheiro dileto de Otoniel Menezes.

Teria sido nesta época em que o seu lirísmo ficou derramado. As suas descrições são ágeis e fáceis. Por exemplo:

"Moça loira, romântica e sadia".

Parece que a gente conhece a personagem. Quem já não... conheceu, na vida, uma moça loira, romântica e sadia?

Foi neste tempo que o poeta fala do seu anseio de "te ouvir e ver para a grande ventura de te amar".

Naturalmente, se vai descobrindo o encanto da Moça Serrana do Norte. Eis um poema:

AMO-TE

Amo-te pela graça do teu rosto,
do teu riso, do teu ardente olhar.
Amo-te com fervor intenso, posto
que, jamais, te chegasse a confessar.

Amo-te por tudo isso que hás exposto
nesse teu modo ingênuo de falar,
pela simplicidade do teu gosto
e a bondade a ti mesma peculiar.

Amo-te, assim, contente e descuidosa,
e assim, nestes meus versos, te decanto,
com as tuas lindas faces cor de rosa

e com êsse corpo forte e juvenil,
evidenciando a robustez e o encanto
da serrana do norte do Brasil!

Não há poesia legítima se dela se abstrai o cotidiano viver do poeta A sua experiência, o seu chão, o seu povo. Isto não quer dizer que o poeta possa se alienar das suas leituras. Afinal de contas, as leituras frazem parte do todo acumulado de sua experiência.

Georgino Avelino, o parente Senador, levou o seu talento para a imprensa do Rio de Janeiro. Exerceu a profissão com sucesso. Certo dia, chamou o senador e disse:

— Não aguento mais, Georgino, não aguento mais.
— O que? O Rio de Janeiro? O Jornal?
— Não. As saudades de Macau.

E veio embora. Afinal de contas era o cantor das salinas, e a cidade era:

"Macau, canção do meu amor..."

Edinor poderia viajar de volta. Os seus olhos não estavam afeitos ao concreto da cidade grande nem lhe encantavam os cheiros urbanos:

Ele preferia encontrar:

"Pelo caminho há um cheiro de jurema!
e este cenário do sertão...

Logo após a sua morte o poeta e trovador Sebastião Soares, que seguramente nunca ouviu falar na poesia do cotidiano de Jacques Prévert, registrou em um acróstico:

"emudeceu a voz da oração
deixou vaga a cadeira junto à mesa"

e conclui:

"O poeta das salinas faleceu.

Em verdade, Edinor era um homem que acreditava em Deus e conferia a devida importância à oração. O longo tempo de doença não o desamparou. Repetia essa frase tão válida:

"A pior desgraça é não saber suportar a desgraça".

E ensinava aos filhos:

"Não há perfeição sem prece". Daí, Edinor retirou toda a força da sua resignação. Citava costumeiramente Victor Hugo:

A consciência é Deus presente no homem. Edinor gratificava-se com a velhice:

"Envelhecer, assim — Haveis de bendizê-lo
sentindo êsse prazer que suaviza e compensa
as rugas do semblante e a alvura do cabelo".

Mas não compreendeu apenas a velhice e nem a morte. Com o seu livro ele se tornou imortal, sentindo a grande paz sem ser apenas uma existência destruída, lembrada no Poema denominado "Cemitério":

O cemitério lembra a existência destruída.
a voragem da morte e seus golpes fatais.
O doloroso adeus da triste despedida,
nós compreendemos bem a sua grande paz.

O seu livro — "Sínteses" — teve o prefácio de Luiz da Câmara Cascudo advertindo que a nenhum Norte-Riograndense é dado o direito de ignorar a poesia de Edinor Avelino e que todos lhe têm o dever da estima cultural. Walter Wanderley confessou-se seu admirador e Manoel Rodrigues de Melo afirma que o livro vale por uma biblioteca inteira. Henrique Castriciano: "Esse poema vale um livro".

Conheci Edinor Avelino já velho, alquebrado, cego, profundamente lúcido, recitando poemas na festa de sua posse nesta Academia. Noite memorável, representando o novo acadêmico pelo seu filho, Poeta dos maiores que conheço, meu amigo e meu irmão: Gilberto Avelino, a continuação natural do pai. Poeta de Macau, amante do seu povo e das salinas. A mesma solidariedade humana, os mesmos temas, o mesmo devotamento, idêntica compostura e dignidade intelectual.

Na noite da posse declarou-me alegria de ser continuado pelo filho.

Senhores Acadêmicos:

Nesta noite, a Academia presta à memória de Edinor Avelino uma homenagem mais do que regimental: fraterna e justa. Podemos sentir a harmonia das coisas superiores.

DISCURSO DE AGRADECIMENTO

GILBERTO AVELINO

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos
Minhas Senhoras, meus Senhores

Ouvi-te, sob forte emoção, Acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

E em que pesasse haver-me habituado ao fascínio da tua palavra, grave e sonora — com força de mar e luminosidade de sol, quedei-me e rendi-me no silêncio do gesto, agora tão distante de azuis.

Se antes — no claro descobrimento de caminhos e enseadas, essa palavra trazia-me a alegria dos violinos cantando, ou a delícia abrangente do longo verde dos campos, ela, neste instante, reabre-me o sentimento de tristeza e dor, de que é feito, também, o girar o remar, o amplo girar da vida.

Cheguei a dizer:

de repente, descobri o doce mistério —
a dor humana transporta o silêncio das cores.

De cinza, pois, cubro o meu gesto — ausente de verdes e de azuis que não invento.

Na grandeza emocional da tua efetiva participação, posto que não aceitas a neutralidade do afeto e do solidarismo, falaste, nobre Acadêmico Diógenes da Cunha Lima, sobre o meu Pai.

Da sua poesia, da sua crença no bem, da simplicidade da sua vida, da sua fé profunda na prece — ponte invisível de que nos valemos para chegar a Deus, houve a evocação, e o fizeste com leveza e sabedoria.

Fez-se justiça ao Poeta, que assim cantou:

"REVELANDO-ME

No vário turbilhão dos homens todos, venho
com esta fé imortal de ser, sempre, perfeito.
Por vilezas subir, se é preciso, o rejeito,
ainda que me seja o mundo mais ferrenho.

Doutrino a dignidade a que me torno afeito,
no empenho de vencer, neste espontâneo empenho.
E se pensando, assim, coisa alguma eu obtenho,
apraz-me obedecer a um salutar preceito.

Vós outros que me olhais, às vezes, no tumulto
das ruas, pensativo, humilde, esquivo e magro,
um nobre coração, sabei que, em mim, oculto,

que, sereno, a abençoar este viver tão agro,
só às força do bem sirvo e presto o meu culto
e à glória da poesia eterna me consagro".

Ou que cantou, pleno de "lirismo e sentimento":

"O VIOLINO

Instrumento nenhum esse outro imita,
e, assim, chama os sentidos para o enleio.
Não pode haver sonata mais bonita,
é um violino cantando, percebei-o.

Dolência musical, à mente veio,
talvez, fazer lembrar, doce e esquisita,
idílio que passou, magoado anseio,
invocação lugente de eremita.

Escutai-lhe a harmonia que define
a excelência, a beleza soberana
da grande arte imortal de Paganini.

A ternura que, aos sons — nele se irmana,
faz com que o nosso espírito imagine
o sentimento de uma voz humana".

Meu pai passou pela vida, devotando-se, com comportamento irreversível, à arte e à elevação do espírito.

Foi um predestinado. E bem dissera:

".....
E para crer num gênio estranho que os vigia
e, sempre, os acompanha e os leva, rudemente,

da desventura para o fundo e escuro pego,
basta lembrar que, entoando a eterna melodia,
Camões tem fome, Tasso é louco e Milton cego".

Pela força galvanizadora da sensibilidade, manteve-se em nível de admirável coerência, adotando, em posicionamento de auto-definição, a verdade lapidar destes versos:

"À nobreza infeliz que se desdoura,
prefiro o meu momento derradeiro".

Já que existia identificação da mais elevada espiritualidade entre ele e Otoniel Menezes — "dois mártires do sonho", como dizia, invoco, em hora de funda saudade e lembranças tantas, este meu Canto, que não chegou a ouví-lo:

A vida mais amena, mais amada,
a vida que escorria
no cheiro dos jasmineiros florando,
nos sons longos e antigos dos pianos.

— "O encontro foi propício, um tenro luar fazia".

Cantava meu pai, bendizendo o encontro.

A tua voz se alteando,
a voz da praieira se ouvindo,
feita de espumas e de garças,
das águas verdes do rio,
dos fios dos cata-ventos.

A tua voz no lamento dos ventos.

Ermo das sombras germinando silêncios.
Canto distante dos barqueiros navegando.
O mar vinha, vinha brando, tudo purificando.

— "Praieira dos meus amores".

Das águas verdes do rio,
dos fios dos cata-ventos.

A tua voz no lamento dos ventos da Ribeira.

* * *

Ribeira das soledades, das profundas solidões,
da Praça José da Penha,
onde giravam moinhos — tu e meu pai —
navegantes do sonho.

Oh, versos de Hermes Fontes,
apascentadores dos olhos e do coração do meu pai.

Teve dignidade na vida e serenidade na morte.
Evoco. Tristemente, lembro.
Hirto o corpo, a boca em silêncio, meu Pai morto.

Emudecido estava profundamente, para melhor, de certo, interrogar o silêncio, como o fez, em idos tempos, em puros e belos alexandrinos:

"És a paz e és, também, a origem do mistério
transcendental, que alarga o manto sobre nós.
Eu, para interrogar o teu segredo etéreo,
horas inteiras fico emudecido e a sós".

A máscara de cera na face não querendo. Queria viajar, retornar à sua terra — canção do seu amor. Era o espírito reclamando a necessidade do corpo de reencontrar as raizes no chão salgado da terra, fundamente querida e muito amada por ser a "ilha do bom destino, fantasia, rosa do litoral belo e risonho".

Quando vivo, sentindo, e sem desesperar-se, a permanente e absoluta paisagem escura de que, dolorosamente, se acercava, ele que sempre teve os olhos voltados para a multiplicação das cores

e das amplitudes, exclamou com aquele pungir de anseio do navegante, que teve das mãos bússola e velas arrebatadas:

"A coisa mais bonita que eu já vi — foi o mar.
Se voltasse a vê-lo, seria uma ressurreição".

Ao voltar de novo à sua terra, para o definitivo reencontro com as raízes primeiras, imaginei ouvir, sob a suave impressão do domínio do "reino dos mortos sobre os vivos", esta nova canção, que vinha com leveza das plumas:

"Voltei a ver o mar,
Meu filho..."

Era a ressurreição — esplendendo na outra margem...
Escutai e vede a beleza consoladora deste conceito superior:

"Para os eleitos do mundo das idéias a miséria está na decadência, e não na morte. A nobreza de uma nos preserva das ruínas da outra. Quando eles atravessam essa passagem do invisível, que os conduz à região da verdade sem mescla, então é que entramos a sentir o começo do seu reino, o reino dos mortos sobre os vivos".

Senhores Acadêmicos:

Há momento que se deve guardar, conferindo-lhe o sinal da perenidade. E eu, que me arrebato e enterneço, que sonho e canto, esquecer não posso este encontro convosco.

Aqui é a Casa que também amo e respeito, e onde, um dia, altamente gratificado, entrou meu Pai, trazido pela inspiração do seu grande amigo Manoel Rodrigues de Melo, e sob o vosso calor humano e o vosso unânime aplauso.

Resta-me, portanto, agradecer-vos, no meu e em nome da minha família, as homenagens prestadas à memória de EDINOR AVELINO, deixando consignado: por tudo nos comovestes em termos verticais, e, sobremodo, pela grandeza do vosso orador — lúcido, brilhante, solidário, irmão — poeta, eterno enamorado "da harmonia das coisas superiores", Acadêmico Diógenes da Cunha Lima.

Muito obrigado.

TRÊS SONETOS DE LUIZ RABELO

SONETO INGLÊS N.º 1

Inverta-se a formal estrutura da forma
e reinvente-se o canto em fuga da poesia
com que inauguro o quanto agora me conforma
feito de puro céu e clarão que irradia
e aos ventos estremece e mais se desconforma
quanto mais de si próprio as ilusões recria.
Um mundo novo surge, um novo sol gravita,
fonte eterna de amor, antecipada aurora,
aprisionada chama em que todo estro mora
e de ninguém jamais o sentimento imita.
Seja só luz o cimo em sua fonte embora,
ao vértice do sonho a ascenção é desdita.
Disto vive o soneto, e se nutre e se agita,
e geme, e clama, e brada, e sente, e sofre, e chora.

SONETO INGLÊS N.º 2

Campo infinito o teu gerar de dor e espantos,
de longas solidões e ocasos sempre frios,
onde não chegam nunca os meus amargos cantos,
por mais que eu busque um trono e que navegue rios.
E pesa-me não ser este doar de frutos
as sementes que em ti seriam fecundantes.
Que nem ao menos vês os desperdícios brutos

com que estrangulo em mim meus gestos delirantes.
E em pedra se transmuta o pássaro imprevisto,
feito de orvalho, e lua, e pétalas de rosa,
e epitalâmio um dia apenas entrevisto,
um resto de lembrança em nuvem vaporosa.
E envai-se-me por fim um puro amor dormido,
amor que quanto mais calado mais sofrido.

SONETO INGLÊS N.º 3

Num clamor de silêncio e grito que não finda,
minhas cantigas vêm de um longo fim de mundo,
um mundo que se foi mas que latente ainda
guardo dentro de mim num conúbio profundo.
E me fico a pensar nessas praias de exílio,
em sua eternidade onde bracejo e luto.
Desse ouro das manhãs em seu início bruto
minha lembrança humana enxerga o azul idílio.
E ora sou um cristal, talvez da pedra oriundo,
ora uma flor de luz, relâmpago e poesia,
memória vertical em que todo me inundo.
Cansado da ilusão de uma vida erradia,
um deus geme na tarde em mim de desconforto,
e minha solidão é a de um barco sem porto.

LUIZ RABELO

DISCURSO DE POSSE DE DOM NIVALDO MONTE NA CADEIRA N.º 18 DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

O homem é um caniço vergado ao solo, uma chama que bruxuleia, mas um caniço pensante, no dizer de Pascal, uma chama que aponta os roteiros da existência, descobrindo o significado das coisas e dos fatos.

Um animal racional, mas um animal desamparado, física, biológica e psiquicamente, ante as forças agressivas do universo.

Fisicamente o homem é um ser fragílimo. Suas forças são por demais limitadas. Não possui agilidade em seus membros. É mal dotado de meios de agredir e de defesa. As garras se tornaram inócuas. Os dentes mal conseguem triturar os alimentos. Facilmente se fatiga, por uma produção exagerada de ácido lático nos interstícios de seus músculos.

Fisiologicamente é presa de todas as infecções. Seu sistema de defesa orgânica está muito aquém de suas necessidades de sobrevivência. A peçonha dos humores de há muito que perdeu sua toxidez, já que as ptomaínas não conseguem sequer inflamar o campo de sua presença. Do ponto de vista biológico, segundo Bochenski, ele não teria sequer o direito de existir. Tornando-se um animal erecto ele criou inúmeros problemas, pois muitas são as perturbações, principalmente as neurovegetativas, ligadas ao ortostatismo, segundo o pensamento de Berrardinelli.

Nos maxilares atrofiados, os dentes ficam deformados. Por isso as afecções dentárias são próprias do homem, não dos animais. Ao afastar a cabeça do solo o olfato se enfraqueceu e apareceram as

doenças nasais, especificamente humanas, como estreitamento, deformações e inflamações crônicas dos condutos respiratórios. A considerável expansão do cérebro prejudicou os olhos, tornando muito freqüêntes às perturbações da visão. A posição erecta perturbou toda a mecânica dos movimentos interiores do corpo. Embora esta o tenha tornado um bípede, a disposição de seu corpo é a de um quadrúpede e sua atitude atual é, em relação à sua organização interna, inteiramente forçada. Todos os órgãos humanos — pulmões, coração, vasos e aparelho digestivo — foram feitos para uma atitude horizontal e não para a vertical. A ventilação pulmonar piorou, e os vértices, pouco funcionando, terminam por se atrofiarem, agravando as condições da circulação sangüínea. Nos animais, o coração só tem que impulsionar o sangue através dos vasos horizontais, ao passo que no homem ele precisa aspirar o sangue das partes em declives. O coração e os vasos sangüíneos trabalham em excesso e por isso envelhecem precocemente.

Deformações dentárias, miopia, afecções pulmonares, cardíacas e arteriais, estase hepática e prisão de ventre, deformação da coluna vertebral e ptoses do fígado, todas estas doenças são anomalias do animal que se chama homem.

Obnubilação, cefaléia, enxaqueca, síncope, perturbações visuais, são todas sintomas patológicos que, muitas vezes, só aparecem quando o homem está de pé.

Quanto ao seu psiquismo inferior, no que é irmão dos animais, o homem o tem por demais insatisfatório, pois lentos são os seus reflexos, amortecidos seus instintos, enquanto a acuidade dos sentidos deixa muito a desejar.

Uma das grandes falhas de seu sistema defensivo é, sem dúvida, a incapacidade de se mimetizar.

Todavia, não obstante ser o mais frágil de todos os animais, ele se torna, por sua consciência e sua liberdade, apanágio de uma razão que investiga e de uma vontade que pode querer, o dominador de toda a criatura.

Se por um lado podemos dizer que foi a conquista do raciocínio e da escolha que o fez um animal fraco e desamparado, foi, é certo, por sua consciência e capacidade de opção que ele se tornou capaz de dominar o mundo pois, pelo pensamento, consoante o próprio entender de Aristóteles, pode o homem ser todas as coisas do universo, enquanto Parmênides não está longe da verdade quando afirma que conhecer e ser são uma única e mesma coisa.

E foi pelo pensamento e pela ação consciente que, deste verme mesquinho, visão dramática de um Pensador de Rodin, que puderam emergir as figuras inconfundíveis de um Augusto Severo, de Albuquerque Maranhão e de um Waldemar de Almeida, que, como titãs, sobrepujando os limites da matéria bruta e libertos do cati-

veiro do "não mais além", conseguiram fixar-se na constelação de astros de primeira grandeza, capazes de iluminar o mundo.

Ao tomar posse, nseta noite, da Cadeira n.º 18, de Augusto Severo, o poeta da ciência, antes ocupada por Waldemar de Almeida, o pesquisador da estética, ambos, a seu tempo, cultores apaixonados da ciência e da arte, duas linhas de reflexão me solicitam a perlustrar convosco o caminho percorrido por estes dois homens de pesquisa e de pensamento, em busca de uma melhor compreensão do homem e do universo.

Severo, como um verdadeiro cientista, não se contentou apenas em pesquisar os mistérios da dinâmica, dos sólidos e dos vetores da inércia — ao criar o semi-rígido —, oferecendo-nos, assim, a solução da dirigibilidade dos balões, mas, o fazendo, não construiu somente uma coisa útil e prática, como também uma obra de arte harmoniosa e bela, como um verdadeiro poeta. Quem se fixa, mesmo por alguns momentos, na visão contemplativa das linhas do Pax, uma quase como nau egípcia, a nacele, abraçando, em toda sua extensão, o corpo do aerostato, — comparando-as com as linhas prosaicas de uma Libélula ou de um 12º bis, ou mesmo de qualquer projeto de balões de seus contemporâneos —, há de sentir que Severo, a par de ser um pesquisador emérito, soube filosofar com a ciência tornando-se um romântico, um lírico da náutica dos ares. E não é sem um travo de trágica ternura que ainda hoje podemos contemplar, em uma fotografia da época, um grupo de jovens francesas, a alma feminina de Paris, preparando o envoltório do Pax, sob a orientação do grande construtor de balões Lachambre. Ao construir o Pax, como César Lattes, descobrindo a Bola de Fogo, Severo soubera sentir-se mais um poeta que um cientista.

Bem pensou Cascudo estudando a personalidade de Severo ao afirmar que foi o Pax seu maior inimigo, não por ter sido a causa física de sua morte, mas porque com o Pax, o cientista ofuscou quase totalmente o homem. Neste caso, eu diria, o poeta, o artista, o homem transcedente. Maritain, diante de Picasso, terá idêntico desabafo: "Esta gente ingrata, dirá Maritain, só descobre, que ele, Picasso, fez arte pela arte, e já nem percebe a coragem e a beleza de sua aventura, cheia de heroísmo!"

Em Waldemar de Almeida, inverso é o caminho percorrido em busca de um destino. Enquanto ali é um cientista que se tornou filósofo, aqui é um poeta que se tornou pesquisador apaixonado da ciência. Ouçamos pelo menos uma vez as "Paisagens de Leque", de Waldemar de Almeida, e veremos ali que sua música procurou não somente nos aleitar com suaves melodias, mas quis, mais fortemente, oferecer-nos frases realmente harmoniosas. Em Waldemar de Almeida quase sempre a harmonia sobrepuja a me-

lodia. A par de sua música ser uma música ontológica e mística, ela é antes de tudo uma música kirkegaardiana, uma música existencial, nem sempre contemplativa. Poderíamos dizer, uma música pedagógica, concreta, disciplinada, científica.

Em Waldemar de Almeida a arte não é livre, não é mágica, pois lhe é obediente e submissa, ao dobrar-se às exigências de um ideal determinado.

Foi este espírito científico de Waldemar de Almeida que o tornou capaz de fecundar este quase gênio musical, que é Oriano de Almeida, um dos mais festejados intérpretes de Chopin, de todos os tempos. Do mesmo modo que o cientista, em Severo, não matou o místico, pois, no mesmo, não há negar, encontramos as melhores afinidades do filósofo com a técnica científica, em Waldemar, a música tem estranhas ressonâncias filosóficas. Se de um lado, para o filósofo, seu fim está sempre a fugir diante da técnica e da pesquisa, a pesquisa científica poderá abrir roteiros sempre novos, oferecendo ao filósofo novas medidas de seu pensamento.

Severo cristalizou, com sua criação um "modo de fazer", inteiramente inédito, em relação ao semi-rígido e sua dirigibilidade, de cuja crisálida eclode a concepção genial de um graff Zepellin, fato este patentemente reconhecido pela altiva Alemanha quando o dirigível tedesco, dos Céus de Natal, se curva reverente em homenagem ao grande potiguar, de quem muitos desconheciam o real valor e quase todos o tinham levado ao mais completo esquecimento.

Waldemar de Almeida, por sua vez, perpetuou sua técnica e sua paixão de exímio artista do teclado, na personalidade de Oriano de Almeida, como quem plasma um verdadeiro gênio.

E desta vez é Varsóvia que se curva diante deste jovem pianista, quando o mesmo arrebata das platéias polonesas os mais entusiastas aplausos, só oferecidos aos grandes virtuosos.

E não é sem um amargo de estranha nostalgia que, ainda hoje, ao ouvir os primeiros acordes da "Tristesse", recordo, quando nas tardes calmas do solar dos Rosellis, inda criança, o ter podido contemplar, embevecido, a figura iluminada de Waldemar de Almeida — um como gênio benfazejo — dedilhando, para seus alunos, entre os quais, o mais querido — Oriano de Almeida — os acordes nostálgicos do genial polonês.

Posso afirmar, sem sombra de dúvida, que foi Waldemar de Almeida, talvez, sem o saber, que marcou profundamente minh'alma de criança, ensinando-me, desde cedo, a descobrir onde encontrar os verdadeiros valores de uma música realmente autêntica.

Sem perder o contato transcendental com a vida, Severo e Waldemar de Almeida querem nos ensinar que não se fecharam ainda os círculos das conquistas humanas, e a oportunidade, consoante o dizer entusiasta de Russel, está à nossa espera, pois, a ori-

gem estática da idéia tem finalidade altamente dinâmica. O homem pensa para querer e sua vontade só se realiza no âmbito da ação.

Não se compreende que, forjados os planos de combate, possamos permanecer molemente indecisos no interior das tendas.

É mister desensarilhar as armas e, a exemplo destes dois grandes homens, entrar na luta, com o sorriso nos lábios e o ardor no coração.

Se somos os construtores do mundo, compete-nos descobrir-lhe as potencialidades ocultas, físicas e espirituais, elementos condicionadores do desenvolvimento e da paz.

Descobrir não somente a existência das cousas e dos fatos mas suas exigências para colocá-los a serviço do progresso do universo, de um novo vir-a-ser, desvendando as relações ocultas dos mesmos.

Mas, como encontrar, se nós não procuramos, e como procurar se não nos interessamos?

A função da Academia, cônscia de sua responsabilidade é, sem dúvida, despertar um permanente interesse pelo pensamento filosófico e prático, como motivações essenciais para o desenvolvimento e bem-estar de todos.

Se a oportunidade não nos bate à porta, obriguêmo-la a entrar, pois, quando somos nobres e corajosos, um sorriso vale ouro e do infinitamente pequeno, sabemos extrair razões para a grandeza.

Ninguém nasce fora do tempo ou em lugar errado. O homem, em sua origem, nasceu para a vida, e o nosso verdadeiro problema, é de nos enquandrarmos na constelação planetária daqueles a quem foi confiada a construção do mundo, sendo realmente autênticos no ser e no operar.

Continuemos o caminho aberto por Augusto Severo, pesquisando os mistérios da ciência.

Continuemos o caminho de Waldemar de Almeida, desenvolvendo, com paixão e técnica, as potencialidades ocultas da alma lírica de nosso povo.

Dentro destas linhas de pensamento, meus senhores e minhas senhoras, convido-vos a perlustrar comigo alguns caminhos misteriosos da ciência, como motivação para uma pesquisa mais ousada e mais definida.

Os frutos, atingida sua maturidade, continuam a apodrecer. Entretanto, depois de maduros, o jenipapo, o maracujá não apodrecem, mas, se mumificam. Não seriam eles portadores de um alcalóide ou outro princípio ativo, capazes de debelar a necrose?

Por que o pé de milho dá espiga e não frutifica no pendão como as outras gramíneas, suas irmãs? E que mistério é este de

jamais se encontrar uma espiga de milho com fileiras que não sejam pares?

Que fenômeno químico ou físico se estabelece quando procuramos esfregar mercúrio sobre o alumínio? Em vez de um amálgama, o mercúrio destrói o alumínio perfurando-o totalmente?

Nos campos das pesquisas agronômicas já não seria tempo para se fazer um estudo mais sério sobre as potencialidades de nossos tabuleiros? Quando neste solo, dito por todos imprestável, já experimentamos, com certo sucesso, a cultura de aproximadamente 50 espécies de fruteiras? Para que este solo seja motivo de nosso interesse não seria bastante se considerar ser o tabuleiro solo próprio para a mandioca, tanto o sílico ferroso, como o feldspato? Não por causa do petróleo, mas, para a alimentação de nossa gente?

No âmbito da psicologia afetiva os psicólogos pretendem resolver a confusão entre paixão e emoção, porquanto, até hoje, a conceituação de ambos ainda permanece no campo do indefinido! Onde a distinção entre uma e outra? Por que a mulher é emotiva e o homem apaixonado? Não seria porque a mulher é talâmica e o homem cortical?

Se penetramos no dédalo intrincado da arte, como explicar o retrocesso observado em Natal a respeito da música, da dicção, da poesia e do canto? Teria sido Waldemar de Almeida nosso último moicano? Por que deixamos Waldemar partir? Teria, porventura, secado na alma do natalense a fonte sagrada do encantamento? Teria nossa alma envelhecido? Natal que, nos albores do século XX até a década de 30, era celeiro fecundo de poetas, músicos e trovadores? Natal que fazia da literatura e da arte o pão cotidiano do seu primeiro encontro?!

Teria mudado a cidade ou teríamos mudado nós?

O Rio continua amigo nos convidando a sonhar, e ainda estamos vendo:

"A deslizar tranqüila sobre as águas
Uma jangada o Potengi sulcando,
Ela parece meu peito soluçando
Chorando dores e curtindo mágoas.

E se lançando pelo mar bravio
Em suas velas rompe a trovoada,
Lá vai ficando o rastro da jangada
Ficando atrás a placidez do rio".

As **dunas**, rendilhando as praias com seu dorço verde de esmeralda e alvinitentes areias, continuam a nos encantar a vista e o coração:

As dunas eram meu leito
De alva areia o lençol
Onde a dormir satisfeito
Vinha beijar-me o arrebol.

O mar de esmeralda e de safira continua a nos encher o coração de nostalgia, abismando-nos na imensidão de suas águas:

Jangadas lindas, cingrando
O alto mar de alvadias
velas aos céus acenando,
em vesperais de alegria.

O Épico de sua história, a lírica de sua toponímia, o exemplo de seus maiores não continuam nos preparando o espírito e o coração para o convívio ameno de Euterpe e de Polimnia.

Como esquecer a suave beleza da poesia de um Antônio Soares, cantando as saudades de sua amada?

"Ser noivo é ser ditoso tu me dizes
convicto, porém, sem te lembrares,
Que há noivos, como tu, juntos, felizes,
Que há noivos separados pelos mares".

Como esquecer a agressiva paixão de um Itajubá cantando quase desesperado de saudade, como se fora da amada companheira:

Branca, meu santo amor, quando parti saudoso.
Dos turvos olhos meus, o inverno caudaloso
Desceu de forma tal, que a loura madrugada
Encontrou-me a tremer de frio na amurada
Do veleiro batel que a espuma retalhava.

Haverá nas letras potiguares poesia mais terna e comovente que este canto, paradoxalmente saído aos turbilhões do coração quase selvagem de um bárbaro?

Otoniel Menezes, Padre Areias, Heronides França, Macrínio Medeiros, Diolindo Lima nas noites boêmias de Natal; Paulino Ribeiro, Padre Cromácio Leão, Aldo Parisot, Oriano e Waldemar de Almeida, no procênio da música erudita, não serão exemplos suficientes para nos fazer despertar do marasmo que, não obstante o heróico esforço de alguns, nos envolve e nos esmaga, quase sem possibilidade de reação?

Onde os saraus de arte e poesia nos encantando os saudosos serões de nossa meninice?

Onde as **retretas** de nossas ruas, madrugada a dentro, nos acordando ao som dolente de uma **Praieira** e de uma **Abre a janela, já não brilha a lua?**

Onde os acalantos, adormecendo-nos crianças, nas cantigas de Auta de Souza:

"Astros celestres docemente louros
Giram no espaço, em luminoso bando
Ouve-se ao longe um violão plangente
E, mais além, em soluçar dolentes
Canções serenas, ao luar voando".

E, quando, na simplicidade de coração, esquecendo da crua necessidade de ser uma "pessoa séria" na medida do Pequeno Príncipe, poderemos oferecer à pessoa amada, um presente vindo, realmente, do coração dizendo:

"Teus anos da manhã. Fui ver contente
E como eu procurei por toda a parte!
Um mimo que te desse... e achei somente
Meu pobre coração mimo sem arte".

Antes de concluir eu gostaria de solicitar àqueles, de cuja honra me sinto participante, como novo Acadêmico, sua especial atenção para um pedido que desejaria fazer:

que nossa Academia pudesse ampliar seus quadros acolhendo, também, pesquisadores e cientistas, não apenas como Patronos, mas como acadêmicos e se tornasse, assim, igualmente, uma Academia de Letras e de Ciências;

e que a nossa Academia pudesse envidar todos os esforços, para que Natal voltasse a ser aquela cidade de luz e de beleza, com suas retretas, suas modinhas, suas serenatas, seus cultores de música erudita que fizeram o encanto de nossa juventude.

Minhas senhoras e meus senhores: todos nós somos, na cidade e no mundo, responsáveis por um patrimônio comum — da ciência, das artes e da cultura. Não nos pertence apenas conservar, tarefa muitas vezes incômoda e pouco criadora. Pertence-nos, sobretudo, transmitir e comunicar o que foi descoberto, trabalhado e conquistado.

Que a obra de Waldemar de Almeida e de Augusto Severo se torne uma permanente inspiração no domínio da pesquisa e da vida, no âmbito da harmonia e da ciência, para esta cidade que hoje se urbaniza e se aventura em ser uma Metrópole. Só assim seremos dignos da tradição de nossos ancestrais e entregaremos aos pósteros **um berço e não um túmulo,** onde novas idéias e novas criações possam ser uma motivação segura de um constante vir-a-ser.

D. NIVALDO MONTE: TRAÇOS DE SUA CULTURA

HÉLIO GALVÃO (*)

Para chegar até aqui, acolhendo com gratidão o convite, não foi pequeno o esforço nem menor a violência para vencer o desencanto e o cansaço. Os anos que vivi já me permitem cantar o **Nunc dimittis**, esperando o dia do Senhor, que virá sem aviso prévio, como um ladrão, de noite (1 Tes 5,2).

Vai para três anos, me foi desferido o golpe, rude, brutal, inesperado, contundente como uma pedrada, violento quanto um raio. A esse impacto, o ânimo se me abateu, e se não afundei nas cavernas da depressão, é que me sustentou, amorosa, a mão do meu Deus, que desceu sobre mim. **Et ponis super me manum tuam** (Sl 138, 5).

Outros terão passado pela mesma dolorosa experiência e terão reagido por outras maneiras. Não me envergonho de minhas fraquezas e ao peso da tragédia baixei a cabeça, em gesto de submissão, para aceitá-la. **Fiat voluntas tua.** Mergulhei num mar sem praias, e de mim se apoderou uma tristeza incurável. Fiquei desde então naquele estado de pecado, que Amado Nervo censurou em um dos seus poemas:

(*) Discurso de recepção.

(1) Intervalo para demonstração coral.

Viste, cantando, el traje que el Señor te viste,
Y no estés triste nunca, que es pecado estar triste.

Secou a caneta, criou ferrugem o teclado da máquina, entorpeceram as mãos. Estancaram as fontes da inspiração e estiolaram as faculdades criadoras, que dão espírito e vida à palavra e fazem vibrar as emoções, sem as quais toda obra intelectual perde o vigor, murcha e fenece.

Recolhi-me ao convívio da família desfalcada, e reunindo pedaços de resistência, ao estímulo de amizades que não faltaram, refugiei-me no silêncio da biblioteca, para extrair dos livros que juntei, a seiva que dá força à fragilidade destes restos de vida. Ainda Amado Nervo me vinha lembrar, em outros dos seus poemas:

Un rostro siempre adusto es un dia nublado
es un paisage lleno de hosquedad, es un libro
en idioma estranjero

Não. Não vim aqui para falar de mim. Venho falar do outro. E o outro é um daqueles que veio para perto de mim na hora molhada, de lágrimas quentes e de amarguras incontidas. O outro é este que acaba ingressar no grêmio da Academia, entrando sem lhe forçar as portas, que alçaram os dintéis para dar-lhe passagem, larga e franca. E entra com credenciais muito legítimas, títulos muito autênticos, ornado de valores com que o agraciou a Providência. Não os ornamentos litúrgicos do seu munus episcopal, mas aqueles outros adornos inapreciáveis do talento sem ostentações, da cultura para o momento oportuno, do saber para a hora adequada.

A carreira eclesiástica abraçada com decisão por Nivaldo Monte, ainda nos anos verdes da juventude, iniciou-a no Seminário de São Pedro. Prima tonsura, 17 maio 1956. Subdiaconato, 29 junho 1940. Diaconato, 15 agosto 1940. Ordenação, 12 janeiro 1941. Primeira missa no Colégio Imaculada Conceição, 14 janeiro 1941. O mistério iniciou na Paróquia de São Gonçalo do Amarante (1941), depois na Paróquia de Goianinha (1942) onde fui encontrá-lo ardendo em febre, e por alguns horas lhe servi de enfermeiro, no momento preciso em que chegava o irmão, o saudoso e querido Padre Monte. Assistente eclesiástico da Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal (1944-1963) e do Secretariado Arquidiocesano de Ação Social (1946-1957 e 1965-1966). Capelão do Abrigo Juvino Barreto (1945), Colégio Nossa Senhora das Neves (1947-1963), Secretário do Bispado (1959), Diretor Espiritual do Seminário de São Pedro. Monsenhor camareiro do Papa João XXIII (1959). Bispo Titular de Eluza, na Palestina, e Auxiliar do Arcebispo de Aracaju, D. José Vicente Távora (25.4.1963), sagrado

em Natal a 21 julho 1963, permanecendo na capital sergipana até 1965, quando foi designado Administrador Apostólico da Arquidiocese e finalmente Arcebispo de Natal, nomeação de 20 de abril, posse a 9 de maio de 1965.

Seu brazão episcopal, cujos motivos heráldicos aproveitam sugestões do próprio nome (Nivaldo Monte) tem como lema **mihi vivere Christus**, tirado do célebre e denso versículo da teologia paulina, **mihi enim vivere Christus est** (Ef 1,21).

Professor de ensino médio e superior: Latim e Grego, no Seminário de São Pedro; Psicologia Geral, História e Filosofia da Educação, na Escola Normal de Natal; Psicologia, na Escola Doméstica e no Instituto de Ciências Humanas.

Conferencista, seu auditório não se circunscreve no Rio Grande do Norte, mas dilatou-se a outros horizontes. São Luis do Maranhão, Belo Horizonte até Viena, na Áustria, e Louvain, na Bélgica, abordando temas os mais variados: "Psicologia da Espiritualidade", "Situação da Igreja no Nordeste", Psicologia das Religiosas", "Pastoral da vocação no Brasil, segundo a Conferência de Medellin e as diretrizes do Episcopado Brasileiro", "Conceito de Relações Humanas", etc.

Botânico, psicólogo, educador, poeta, compositor, cronista, escritor, conferencista, jornalista, eis os traços da múltipla e polimorfa cultura de Dom Nivaldo Monte.

De sua vasta bibliografia, os títulos se destacam para revelar que foi na Psicologia o campo que mais lavrou. Esta tendência, que se harmoniza com as exigências do sacerdócio ministerial, do magistério ensinante e do mister perigoso de diretor de consciências, justificam a preferência do escritor, arando em campo intonso, onde as contribuições mais antigas estavam em desacordo com a evolução das técnicas de direção e a observação do comportamento humano no mundo em mudança, na civilização de um mundo mais curto pelas técnicas de comunicações, mas extremamente diversificado nos problemas sociais e nas perspectivas pluralistas da política.

A área de sua atividade de escritor se situa principalmente na linha do sacerdote, que é também educador. Nesse contexto, podem ser incluídos alguns de seus livros como **Formação do Caráter** estréia vitoriosa, destinado à formação da mocidade, escrito "com carinho e competência", segundo o registro bibliográfico da **Revista Eclesiástica Brasileira** (26, pág. 184), já em 7a. edição e ainda **Os Temperamentos**, em 6a. edição, para educadores, "tão antigo e sério que conserva os prestigiosos quatro temperamentos e tão moderno e prático que os adaptou à ciência psicológica atual" (REB, 20, pág. 561). **Formando para a Vida**, 7a. edição, e **Toda Palavra é uma Semente**, 3a. edição, não se afastam da linha de pensamento do escritor. **Clima** e **O Coração é para Amar**, sem se afastar daquê-

les temas, contêm mensagens ao leitor, que sente palpitar nestas páginas suas próprias aspirações (REB, 25, pág. 184). **A Dor** é livro que retoma o velho tema do sofrimento, em pano de fundo iluminado pela fé. **Pensamentos,** edição esgotada, com reflexões em torno da problemática da mocidade.

Poeta e compositor, seu livro de poemas **Se todos os homens... conhecessem o dom de Deus,** está esgotado na única edição.

Sua curiosidade onímoda levou-o até aos segredos da Botânica. A granja que fundou para seu recreio, hoje recreio do Clero ele a transformou em laboratório de experimentações, desde a enxertia até a adaptação de plantas exóticas. Dessa experiência nasceram dois livros, inéditos, aguardando apenas oportunidade de publicação: **Experiência nos Tabuleiros do Rio Grande do Norte** e **A Granja e eu.** Este eu o li, nos originais, por gentileza sua, e se agora, inconfidente, faço esta revelação, é para dizer que este livro é um hino em prosa, uma obra de fino lavor, trabalhado com amor e emoções vividas.

Recordo também — e aqui ainda sou levado à inconfidência — do seu desgosto, quando o progresso e a tecnologia exigiram o sacrifício da sua granja, partindo-a ao meio. Ele viu então aquelas irmãs plantas que sua mão plantou, que seu carinho abonou e regou, cujo desenvolvimento acompanhou, cujas feridas de pragas curou, ele viu, sim, as irmãs plantas empurradas pela impiedade da máquina, arrancando-as como uma árvore bruta das matas, mortalmente feridas, as raízes expostas para o ar. É o sacrifício das afeições mais caras ao deus implacável do Progresso.

Muitas vezes temos conversado sobre outras coisas, simples e gratas, porque além de outras, nossa amizade se firma na convergência desse amor franciscano pela natureza, obra também do mesmo Deus criador.

"Sou um homem ambivalente aparentemente contraditório. A alegria sempre foi uma meta na minha vida, mas sinto-me envolvido por certa angústia no mistério. Enfim, sou esquisotímico" — foi como ele autodefiniu-se para Sanderson Negreiros (**O Poti,** 13.8.1967, pág. 5).

Ia esquecendo de dizer do seu bom gosto literário, na divulgação de alguns livros mestres. Foi por sua influência que o **Pequeno Príncipe** alcançou um número enorme de leitores em Natal, outrotanto acontecendo com a **Motanha de Sete Patamares,** o belíssimo livro autobiográfico de Thomas Merton.

Algumas de suas poesias estão transformadas em hinos e canções, como **Barcarola, Cascatinha, Acalanto, Saudades da Serra.** Iremos ouvir, pelo coral formado por muitos amigos, antigas alunas ou senhoras da antiga JEC, algumas que, por isto, deixam de ser incluídas no texto do discurso. Ele revela, traduzindo sua música:

"*As três canções* por mim compostas guardam na sua melodia um tom marcial" (**O Poti**, cit)..... (1)

Retomando o fio das palavras, interrompidas para este surpreendente intervalo, recordo a tradição já antiga da presença de eclesiásticos nas Academias. Fundada por um Cardeal, a Academia Francesa, apenas no interrégno da Segunda República o Clero esteve ausente, como durante o Reinado de Luís Filipe. Quando porém, dissolvida pela Convenção, em 1793, aos dezesseis membros sobreviventes o Primeiro Cônsul acrescentou doze ao ordenar que fôsse restaurada, dentre os quais cinco eclesiásticos: Mons. Roquelaure, Arcebispo de Malines; Mons. Boisgelin, Arcebispo de Tours e os padres Morellet, Sicard e Villars, futuro Arcebispo constitucional. Por suas ilustres poltronas, uma delas ocupada por mais de um século somente por sacerdotes, passaram até hoje grandes figuras da Igreja de França: Cardeal d'Estrées, Cardeal Mathieu, Cardeal Dubois, Cardeal Baudrillart, Cardeal Grente; Mons. Perraud, bispo de Autun; Mons. Salvandy, bispo de Orleans; Mons. Chamillart, bispo de Senlis, padres como Dupanloup, Gatry, Bremond, Lacordaire, o verbo ardente e o corpo machucado nas mortificações, a grande voz da ortodoxia na crise provocada por Lammenais. Ao todo — é um informe do Cardeal Grente — 131 eclesiásticos, dos quais 17 cardeais e uma trintena de bispos e arcebispos (**Eccelesia**, n. 145, avril, 1961, págs. 91-104).

Na Academia Brasileira não se criou a tradição, apenas representado o Clero por Dom Silverio Gomse Pimenta, Arcebispo de Mariana, e Dom Aquino Correia, Arcebispo de Cuiabá. Não sei porque lá não estiveram o Cardeal Sebastião Leme e o Cardeal Augusto Alvaro da Silva. Teria seguramente entrado um bispo eminente, cedo roubado à vida, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, Arcebispo de São Paulo, orador de inesgotáveis recursos, escritor de famoso talento, bispo de comprovada coragem pastoral.

A nossa, com o Padre Luís Monte, o Cônego José Adelino depois Bispo de Caicó, e agora com o primeiro Arcebispo, que é o mais novo acadêmico, irmão do primeiro, a cuja memória rendemos culto fiel, firmou a tradição que não teve solução de continuidade. Falta completar, com a convocação do Mons. Eymard Monteiro, um dos escritores mais fecundos da nossa pouco movimentada província literária.

Senhor Acadêmico Nivaldo Monte: pela minha voz, apagada certamente, a que entretanto não falta o indispensável teor de justiça, a Academia vos recebe e vos traz a sua saudação. Saudação que, se é uma praxe, ganha nesta noite outras ressonâncias, pelos altos valores que vos exornam na invulgar contribuição bibliográfica, na variedade de sugestões que vossa cultura suscita. Exercendo no nosso meio a difícil arte de ser bispo, nestes anos de eferves-

cência e adaptação, tendes demonstrado, na simplicidade cativante do homem, vossas exaltantes virtudes de pastor, dentre as quais a simplicidade governa as demais. Disse uma vez Claudel que "un bon moyen de connaître l'âme est de regarder le corps" (**Oeuvres Complètes**, t XX, pág. 256).

Projeção da alma, o exterior se manifesta na simplicidade da vossa pessoa, na aliciante presença e na versatilidade de vossa arte de conversar.

Nestes anos encrespados da renovação pós-conciliar, em que se chocam conservadores e moderados com renovadores e exaltados mudancistas, a política melhor é esta que vossa prudência de bispo põe em prática: não dizer que o bem é mau, nem que o mal é bom, como aos bispos adverte a Igreja na liturgia da sagração: **ne dicas malum bonum nec bonum malum.** A Igreja de Natal é um exemplo de tranqüilidade em meio a crises e problemas. "L'Eglise est une societé qui se confesse et se reforme" — disse o Cardeal Braudrillart (**apud Claudel, Journal,** I, pág. 173). A Igreja de Natal, sob vosso baculo, é esta igreja que se confessa e se reforma, aceitando os sinais dos tempos.

Esta é pois a saudação da Academia, que me fez a honra de delegar-me a função de seu intérprete nesta hora. **Salutant te qui mecum sunt omnes** (Fm 13,15). Todos que estão comigo vos saudam: boas vindas.

ORAÇÃO CONGRATULATÓRIA

Pe. JORGE O'GRADY DE PAIVA

De Santo Tomás de Aquino, o doutor universal da Idade Média, se disse que foi "o mais santo dos sábios e o mais sábio dos santos".

De Luís da Câmara Cascudo, cultura e erudição universalista de nossos tempos, podemos, sem receio, dizer: é o mais sábio cultor das ciências humanas e o mais humano dos sábios cultores da ciência. O mais sábio cultor... Sua autoridade, como conhecedor e pesquisador da Antropologia Cultural e, em particular, da Etnografia, é hoje, inconteste, reconhecida e proclamada nos quatro cantos do mundo. E o lado humano de sua personalidade, seja como cidadão, seja como estudioso e erudito, salta aos olhos de quantos com ele travaram conhecimento ou dele se aproximaram. O mais humano dos sábios... Isso vemos pelo próprio pendor que o levou, desde jovem, às pesquisas folclóricas, numa época em que não eram tomadas a sério e nem havia facilidade de investigação. O trabalho que realizou, nesse campo, é admirável. Dotado de grandes qualidades para esse gênero de pesquisa, enfrentou a tudo e a todos, sem dar importância às críticas dos que lamentavam um talento, qual o seu, entregue a... ninharias. Estudou e analisou os mitos, lendas, usos, costumes, folguedos, devoções, ritos, crendices,

---

Proferida na Igreja de Santa Luzia (Rio) pelo membro honorário da Academia, em 30:12:1976.

vestuário, hábitos alimentares, arte e ditos populares de todo o Brasil. Lutou e venceu. Era a vitória do homem contra o meio social e intelectual de seu tempo e de sua terra. Era o humano que nele crescia e se impunha ao respeito e consideração geral. Era o homem encantado pela ciência do homem em sua forma mais genuinamente humana: o folclore — saber do povo. Que personalidade cativante! Acolhedor, compreensivo e amigo tornou-se, como diria Gilberto Freire, legítimo criador de fraternidade. Trazendo do berço grande carga afetiva, herdada do espírito largo e generoso, ágil e perspicaz, comunicativo e prazenteiro, de seu ilustre genitor o Cel. Francisco Cascudo — aprimorou, com o estudo das ciências humanas, a natureza privilegiada que Deus lhe deu e que foi nutrida com o leite da ternura materna e é revigorada pela afeição de sua digna consorte e dedicação de seus filhos e netos. Entrou, assim, em perfeita sintonia com tudo o que estudou consoante à sentença de Carlyle: "O amor é indispensável ao perfeito conhecimento das coisas e dos homens".

Câmara Cascudo não sacrificou a sensibilidade à inteligência — uniu uma à outra. Se fora poeta, sê-lo-ia à maneira de Musset: poeta do coração. Ninguém se retira de sua presença cabisbaixo ou deprimido. A todos abraça, anima, estimula, apoia, incentiva. Nenhum intelectual ou estudioso do Rio Grande do Norte, nos últimos 50 anos, há que lhe não deva palavra ou exemplo de encorajamento e orientação, no cultivo das letras e da ciência. O que foi, em seu tempo, no pequenino ambiente em que viveu, Henrique Castriciano — incentivador da cultura — tem sido, em seu ambiente maior, Câmara Cascudo, que de Castriciano recebeu o facho olímpico simbolizador da cultura do espírito. Autor de mais de cem obras, entre livros, teses, monografias e ensaios, tanto no âmbito de sua especialidade como abrangendo vários outros domínios, é dono de estilo límpido e fluente, escrevendo com leveza graça e humor. Orador eloquente e **causer** magnífico. Verdadeiro mestre da comunicação falada e escrita. E que cartas modelares! Exímio na arte epistolar, em que pese ao volume de sua correspondência, em parte já publicada (Tadeu Vilar de Lemos, Pongetti, 1972).

Se a pequenina Grécia abrigou, no passado, os homens mais cultos e sábios que havia, não se estranhe abringue o pequenino Rio Grande do Norte, e a mais pequenina Natal, homem do saber e cultura de Luís da Câmara Cascudo. Escreveu a história do Estado e da capital, sendo-lhe outorgado, oficialmente, o título de hsitoriador da cidade. Cidade em que nasceu e que ama inexcedivelmente, jamais a havendo trocado por qualquer outra. Fundada no dia do natal de 1599, tornava-se, um ano antes da passagem de seu 3.º centenário, o berço ilustre desse homem de escol, desse

espírito lúcido, dessa possante cultura que projetaria o Estado dentro e fora da pátria, reconhecido e laureado como gigante nos conhecimentos culturais humanos e pertencendo a inumeráveis sociedades científicas do país e do estrangeiro que, com ele, sempre se correspondem.

Vaqueiros e Cantadores
Antologia do Folclore Brasileiro
Lendas Brasileiras
Contos Tradicionais do Brasil
Geografia dos Mitos Brasileiros
Cinco Livros do Povo
Dicionário do Folclore Brasileiro
Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil
Jangada
Carro de Bois
Rede de Dormir
Vida e Canto de Cangaceiros
Nomes da Terra

dizem, eloquentemente, dos méritos reais do maior dos etnógrafos brasileiros e um dos maiores do mundo.

Conhece tão bem as coisas quanto os homens.

Veja-se a coletânea de seus artigos da série ACTA DIURNA — "O Livro das velhas figuras" — em que ressuscita, em 3 volumes, para nosso convívio, os vultos do Estado ou que nele residiram e o marcaram com suas presenças e trabalhos. E continuou essa série evocativa de figuras humanas em suas Memórias, que narra através daqueles a quem encontrou na vida ou veio a conhecer, deles jamais se esquecendo.

Coroando sua vasta obra deu-nos "Prelúdio e Fuga do Real", em que os maiores personagens, já agora do Mundo e da História, ressurgem para conversar com ele, em sua casa da Av. Junqueira Aires, 377. Nessa obra de humanismo e erudição, história e crítica histórica, 35 expoentes da História Universal visitam o Professor Cascudo e com ele trocam idéias, corrigem e comentam fatos, conferem dados, fazem e ouvem sugestões, até que se retiram da modesta residência, transformada, pela magia daqueles momentos. em palco do mundo, em sala de júri ecumênico, em gabinete de sábios, em salão nobre de audiências, numa como prévia de Juizo Final.

Houve por bem o Centro Norte-Riogrndense, sob a esclarecida presidência do Gal. Dióscoro Vale e a participação de homens dinâmicos como Raimundo Nonato, fazer oficiar esta missa congratulatória dos 78 anos, que hoje transcorrem, do grande escritor potiguar e para comemorar, ao mesmo tempo mais um aniversário

da fundação da cidade do Natal, aqui congregando norte-riograndenses, para honrar tanto o Oráculo como o Orago da cidade guardada pelo Forte dos Reis Magos; fazendo apelo a todos os presentes para que contribuam, generosamente, para as obras da nova Catedral da Apresentação, velho sonho do santo e saudoso Padre João Maria e que está sendo realizado pelo atual arcebispo, D. Nivaldo Monte.

Deixai-me, agora, completar esta oração congratulatória revelando-vos a mensagem telegráfica por mim transmitida a Luís da Câmara Cascudo, a 5 de novembro passado:

> "Desejando saudar, hoje, o Dia Nacional da Cultura, não o poderia fazer melhor senão vindo cumprimentar Mestre Cascudo — maior monumento vivo da cultura e saber nacionais".

Meus coestaduanos:

Que a Virgem da Apresentação proteja, de seu trono na Sé Natalense, a preciosa vida de Câmara Cascudo, que conserva sua fé cristã e se tornou grande norte-riograndense, insigne brasileiro e egrégio cidadão do Mundo.

EDGAR FERREIRA BARBOSA

HELIO DE ALBUQUERQUE MELLO

Ilmo. Sr. Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras

Autoridades presentes ou representadas
Minhas senhoras, meus senhores

Fui distinguido para vir a esta casa falar sobre Edgar Ferreira Barbosa, ao ensejo do aniversário de seu falecimento.

Honroso convite, sem dúvida; grave convite, também sem dúvida.

À sugestão do Secretário desta Academia, Professor Veríssimo de Melo, prontamente acolhida pelo ilustre Presidente, Dr. Onofre Lopes, seguiram-se os meus temores, que ainda me acompanham.

Senhores Acadêmicos, minhas senhoras, meus senhores. Dizer algo sobre Edgar, que continua aqui, ao nosso lado, bem claro em nossa memória...

Não poderia me furtar a esta oportunidade. E por que me furtar?

Razões sobram para tanto, mas uma só, muito mais forte do que aquelas, compeliu-me a aceitá-la. Qual?

(*) — Homenagem da Academia de Artes e Letras de Pernambuco ao saudoso Acadêmico Edgar Barbosa, a 5 de agosto de 1977, ao ensejo do 1.º aniversário do seu falecimento.

A oportunidade de presta-lhe uma homenagem, modesta, simples, pela minha palavra franca e livre; homenagem que não é somente minha, mas, também, da Academia de Artes e Letras de Pernambuco à qual pertenço.

Uma homenagem das Letras ao homem das Letras e da Arte, que ele foi, vez que, na enorme produção literária que cobriu o seu caminho, a tônica é o sentido humano, sentimental, de suas atividades plurais, homogêneas entretanto, pela forma e pelo estilo.

Solicitei, ao receber o convite da Academia Norte Riograndense de Letras, à esposa dedicada que foi de Edgar, a minha irmã Dolores, aqui presente, junto com os filhos e mais familiares, permissão para aceitar esse honroso encargo e olhar diretamente a obra do eminente conterrâneo, em organizado arquivo existente em suas mãos; e, com esse procedimento, colher subsídios e juntá-los aos que já dispunha.

Em dias do mês passado, vim a Natal.

Minha irmã apresentou-me o acervo de sua produção: enorme.

Abri livros; revistas; albuns de recortes de jornais. Discursos. Prefácios.

Vi despachos e pareceres; li trechos de sentenças.

Fechei tudo e tudo rearrumei como estava ao ser posto à minha disposição.

Retratar Edgar Barbosa, em face do que escreveu, depois de compulsar seus escritos durante alguns minutos, seria impossível, pretencioso mesmo.

Em vôo de ave ligeira, sobre aquele manancial de erudição e cultura, alimentada dia a dia, hora a hora, com obstinação de um pesquisador, não cobriria eu etapa suficiente para colher o necessário a uma razoável palestra ou um simples desenho, pálido que fosse; mesmo porque, estou certo, o conheci melhor e bem profundamente pela convivência diária, quando concordavam ou divergiam; ouviam-no e meditavam, ou o admiravam.

O que fazer, portanto, perante tão augusta assembléia?

Perdoem-me, eu me agarro a uma frase de Schumann relativa a composição da música: "A brevidade é condição da beleza".

Assim, à guisa de proteção para mim, ficarei entrincheirado nessa assertiva e mais em uma frase do próprio Edgar: "A discrição e síntese valorizam o que se escreve". Conceito que transfiro para o que se fala, ou... para o que falo agora, sem presunção de buscar a beleza e o valor.

Dentro dessas premissas — de Schumann sobre a música e dele sobre a literatura, vez que se ajustam, ou se afinam, pois, do que Edgar escreveu, ressoa musicalidade — procurei justificar minha presença neste auditório, lutando para conseguir, pelo menos, discrição e síntese.

Continuarei fazendo minhas palavras de Edgar, quando escreveu: "A morte não comporta palavras", e eu acrescento: o momento do adeus definitivo é breve como um impacto; assim, não falarei nesse assunto, que é o último passo aqui e o primeiro na estrada do sem-fim.

Difícil encargo o meu, ao mesmo tempo elevado e nobre; por certo que, se de um lado me destingue, simultaneamente se ensombra: retratar esse homem, franzino de corpo, leve como a brisa que arrumou as dunas — essa moldura que protege Natal e continua, silenciosamente, tangendo a areia fina em direções incógnitas, — não é fácil; verdade, porém, é que, durante toda a sua vida, foi, como aquela brisa leve, constante, incansável, teimosamente dentro do silêncio — arrisco a afirmar até — um ambicioso do pensamento, da cultura, das coisas do espírito; e quando me refiro ao silêncio, falo de sua exigência precípua; a sua imperiosa necessidade. Necessidade entendida e garantida dia a dia, a todo instante, pelos cuidados permanentes de sua companheira, e de seus filhos, que sabiam nele um padrão de inteligência fértil e insaciável; e sabiam mais: a semente germina no seio silencioso da terra, para dar ao homem a sombra e o fruto.

Disse antes: perdi-me na presença da massa de seus escritos.

Comecei lendo: "Tu ainda não passaste", escrito em 1930; a passos largos, corri sobre "História de uma campanha", publicada em 1936; "Mensagem para o futuro", redação de 1971; "Pensamento liberal na Constituição do Império", de 1972; e vi mais e mais "Navegar é necessário", "Jornalismo e Literatura", e outros.

Lí diversas cartas abertas dirigidas a amigos, e uma, de Nápoles, feita à esposa; carta angustiada pela distância que o isolava de seu mundo e em que afirma e reafirma o anseio para voltar; o que fez, aliás, imediatamente após sua chegada aquela cidade; tanto surpreendeu os que o acompanhavam e os próprios amigos, abandonando, assim, sem hesitação, todo o programa antes cuidadosamente elaborado.

Aqui, o seu lar era o seu universo.

O "Madrigal", que escreveu dedicado à esposa, denuncia a força do seu coração sentimental.

Ei-lo:

"Pérola das esposas, companheira, flor,
Nas tuas mãos hoje transformadas pelo trabalho
E que foram lindas mais que pétalas
Deponho tímido o meu beijo que não é digno
Do que elas fazem por mim e pelo sonho".

Em um velho e desbotado retrato em meu poder, apanhado no Colégio Santo Antônio, nesta capital, vêem-se reunidos alunos daquele educandário nos idos da década de 1920. Qual ano? Não sei mais. Lá estão a minha fotografia e a do Edgar, então contemporâneos.

A distância física e a distância da cultura nos mantinham afastados.

Seguíamos caminhos diversos. Enquanto eu lia sobre Alexandre, sobre a epopéia de 1939 e que tais, ele aumentava sua geografia do pensamento humano, estudando desde Platão ou Sócrates à "Vida Breve que foi Canção".

Ele dedicado ao Jornalismo, à Magistratura, ao ensino e, acima de tudo, ao culto das letras; e dentro de um sentimento solidamente humanista, erigia, aqui, neste Estado, particularmente nesta cidade, a sua imortalidade, consagrada pelo saber, pelo primado da justiça, pelo espírito de generosidade, pela afirmação de sua personalidade.

Há detalhes na vida desse grande norte riograndense que me fizeram admirá-lo mais, quando, poucos tempos passados, voltei ao contato próximo, e, agora, sobretudo, quando procurei conhecê-lo dentro de sua obra.

Essa admiração é tanto maior quanto sei da luta difícil, ingrata, no mundo de ambição de hoje, no qual o homem coloca acima de tudo, o interesse subalterno, mesmo em detrimento do próprio ideal e da vergonha.

Dentro daquela aparente fragilidade física, havia uma personalidade forte e firme, que punha acima de qualquer injunção a responsabilidade assumida e a dignidade das funções que desempenhava.

Aqui, vale destacar dois episódios simples, que bem definem o caráter superior desse homem.

Em reunião de importante significado para a instalação de um grande instrumento de ensino, reunião presidida por destacada e respeitada personalidade, de valor inconteste, tanto na sua profissão, como no mundo intelectual, personalidade de espírito de liderança e com atribuições delegadas por autoridade federal, presentes grandes figuras do mundo sócio-político-cultural, quando todas as idéias pelo mesmo apresentadas eram acatadas quase sem discussões ou prévia análise, por força de circunstâncias maiores e especiais, ele, na sua simplicidade inata, sempre na concha de sua modéstia, com a calma que o destinguia entre os seus pares, certo que a passividade é incompatível com dignidade, apesar do possível risco de perder compensadora oportunidade, que se esboçava, levantou-se e disse: "Senhor Presidente, eu não vim aqui somente para dizer sim. Minha opinião é outra".

Apresentou-a. Justificou-a. Foi acolhida.

De outra feita, quando o arbítro do poder, por motivos que não aceitava, demolia os muros da Faculdade que ele implantara e à qual dera tanto de si, para dessa forma, conseguir o seu afastamento da Diretoria, antes da data por ele fixada de acordo com a lei, dissuadiu seus alunos de promoverem uma passeata com manifestação de desagravo e solidariedade.

Dias depois, poucos dias depois, um dos líderes daquele grupo que fora a sua casa solicitar anuência para a manifestação já então organizada, regosijava-se em reunião festiva por ter ocupado o lugar do Mestre. Nessa oportunidade, involuntariamente, ele ouviu, ao passar, quando o suposto líder gritava alegremente: vencemos, vencemos!

Logo, logo depois, aquele falso interprete dos colegas foi à sua residência solicitar-lhe um favor, sendo, então, recebido com a cortesia costumeira e atendido no que pedira.

Se fez comentário, foi de si para si, foi interior. Deve ter feito, penso eu, mas aquele comportamento não o surpreendeu. Ele lia muito e conhecia a história dos homens — já havia lido a "Comédia", de Moliére.

Esses fatos diários, simples, talvez pequenos, definem um caráter na sua magestade ou na sua mesquinhez; todos nós sabemos que a vida é feita detalhe a detalhe.

Edgar entendia que: "A força moral é superior à coação ou à violência".

Da semeadora que ele fez pelas margens do caminho, marquei estas passagens:

Como Magistrado: "... nunca interpretar arbitrariamente a Lei; compaixão sensata pelos pobres; Justiça, sem medo, para as pressões dos ricos; investigar a verdade antes de proferir a sentença e jamais declará-la antes de tempo; quando puder atender a equidade, não carregar com o rigor da lei no delinquente; lembrar-se que não é melhor a fama do juiz rigoroso do que a do compassivo; não cegar-se pela paixão própria em causa alheia; ao culpado que caia sob a sua jurisdição, tratar como um ser humano". (Trecho de uma "Carta a um sobrinho que ingressa na Magistratura) redigida em 1965. Aqui, se vê o modelo de credo em que apoiava o seu comportamento como Juiz e Mestre.

Como Jornalista: "Um jornal moderno faz-se com idéias e fatos, na busca incessante do cotidiano.

A Literatura com imagens e sentimentos, nascidos da concepção íntima da personalidade do autor.

O Jornalista não tem a preocupação do estilo, mas, tendo-a, não esquecer o conselho de Taine: a supressão do estilo é a perfeição do estilo.

Um gramático não pode ser um bom jornalista. As duas maiores ambições do jornalista: claresa e objetividade.

Ele é um Procurador da opinião pública, é um cismógrafo. Tem de pressentir e registrar antes dos outros. Entusiasmar-se e conter-se." (Thecho das considerações feitas no 1.º Ciclo de Conferências sobre Cultura Norte-riograndense, em 1975, na Pro-Reitoria da Universidade). Essas definições refletem a orientação da atividade do jornalista: estilo breve, claro, objetivo e desapaixonado.

Como Cronista: "Quem já se escondeu de ti, a quem perdoaste, a quem já foste indiferente? A tua fome cega fareja por toda parte. Um pobre cão que se deitava à janela da casa solitária, que não compreende senão o cintilar das estrelas e o longo monólogo da noite, não podia esperar a tua vinda. E entretanto vieste, procuradora de um terrível Shilock, exigir a última centelha que ardia nos teus olhos que só possuiam a fidelidade inexprimida, o amor calado e humilde, que era apenas comtemplação. (Parte de uma crônica escolhida no seu livro "Imagens do Tempo"). Com esse trecho, aprecia-se a sensibilidade da prosa e da poesia, sempre irmanadas — característica da sua produção literária.

Como Historiador: (Apreciando o panorama revolucionário de 1930, à época das primeiras Interventorias, em "História de Uma Campanha", publicação de 1936). "A verdadeira opinião, a voz da terra, o pensamento dos sensatos, raramente se aproximam do carnaval efêmero, onde os Arlequins, transvestidos da fantasia revolucionária, pontificavam princípios.

E o fervor dos bons propósitos, o entusiasmo das reformas, o afã das iniciativas que se afogavam no vértice dos projetos, não eram capazes de galvanizar os interesses dos nativos, em cujas almas aqueles carinhos tinham modos de invazor em país conquistado". Eis, com isto, o testemunho do analista corajoso da História.

Como ensaista: Ao apreciar "D. Quixote", em uma das três palestras que pronunciou nesta Academia de Letras, escreveu: "Livro com aparências de comédia e travos de ironia, hoje deixa entrever uma doce tristeza, que jamais se exalta no desespero. Não é uma tristeza hostil de fundo de cárcere, porque tem a virtude de interessar a todos as idades e chamá-las a confiar em uma ressurreição do homem". Aqui, se revela mais uma das suas páginas antológicas.

Como Professor: "A Universidade não é uma ordem religiosa nem um convento esquecido do mundo, que se possa aleiar da história comtemporânea. Ela precisa para definir-se formar uma inteligência militante, criar uma tradição, estabelecer a permanência na continuidade, que se exprime em introsar no humanismo universal a realidade norte-riograndense". (Discurso de Paraninfo da 1a. Turma de Bachareis da Faculdade de Direito da Universi-

dade Federal deste Estado) Uma amostra de sua visão sobre a amplitude das Universidades, cujas dimensões se projetam no futuro.

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos
Minhas Senhoras. Senhores

Essa pequena colheita me leva aos cuidados de reprimir o desejo de procurar onde teria sido mais valiosa, mais brilhante a inteligência de Edgar Barbosa.

Na Literatura? Na Magistratura? No Magistério? Onde?

Somente a posteridade dirá; contudo, pode-se verificar, de pronto, que a força maior de seu espírito era a da formação humanística que se erguia sobre os alicerces de sua afetividade, mesmo hoje, quando o homem tanto luta em busca das conquistas verticais, esquecido da grandeza do horizonte aos seus pés.

Sobre esse fino estilista norte-riograndense, eminente cultura deste Estado, Mestre Nilo Pereira, voz por todas razões respeitada, quando da homenagem que lhe prestou nesta casa, ao ensejo do trigésimo dia do seu desaparecimento, logo no início disse: "Edgar Barbosa foi um dos maiores humanistas brasileiros do nosso tempo" e acrescentou: "dizendo que foi um humanista, isto é, homem de alta e fiel formação intelectual, pluralizado em tanta sabedoria, no vasto campo da interpretação do espírito diante do mundo moderno, acredito que posso oferecer, com isso, o retrato ideal de sua personalidade".

Comentando-o, Virgínio da Gama e Melo refere-se "à graça e objetividade do seu mundo vocabular, quando escreve" e adianta: "Esse estilista norte-riograndense para escrever em beleza não necessita de neologismos — basta-lhe a linha clássica e permanente da linguagem, sem artificialismos dentro dos melhores cânones".

Referi-me a sua erudição e a sua cultura que, parece, cultivava para alimentar a sua simplicidade, a sua modéstia; mesmo no escrever ou falar, quando fazia citações de textos e autores célebres, necessariamente para apoiar algumas definições próprias, nunca parecendo pernóstico ou fátuo, fazia-o de forma tão natural que se tornava interessante e agradável, não despertando no leitor o choque da vaidade frequente nos que ouvem a quem faltam recursos pessoais.

Outros ainda formularam opiniões e apreciações valiosas, e de alguns me valerei.

"... foi, na constelação dos valores culturais do Rio Grande do Norte, astro de primeira grandeza iluminando com a força do seu talento e o previlégio da sua cultura, a paisagem humana da terra que tanto amou e à qual dedicou a sua vida". Essas são palavras do Senador Dinarte Mariz.

"O que o distingue, sobremodo, como jornalista, é a invulgar cultura humanística, o admirável poder de síntese e, também, o estilo brilhante, personalíssimo, de suas produções". Escreveu Dioclécio Dantas Duarte.

Sobre o seu trabalho "Degradação", Miguel Seabra Fagundes disse que "representa um gesto admirável de sinceridade e coragem. De bravura mesmo, que é a coragem arrebatada".

Veríssimo de Melo registrou que a modéstia e a discrição prejudicaram a sua imagem como escritor e homem de letras, dado que, para ele, talvez, "viver fosse uma arte de elegância e educação" e, coerentemente com esse proceder, era ao "mesmo tempo, sóbrio e discreto, solidário e generoso".

Realmente; tinha o culto da discrição e da modéstia, o que o tornava aparentemente um homem difícil. Seus trabalhos não foram enfeixados em livros. Não lutava por isso.

À guisa de informação sobre a sua alta capacidade de trabalho, faço um registro quantitativo, vez que, quanto a uma análise da produção literária, já ouvimos as palavras dos melhores.

Sob o título "Observatório", publicou 177 artigos; sob o pseudônimo de Suetônio, escreveu 56; sob o de Cyrano, assinando a "Nota", 100; sob o de José Antônio, vezes sem conta.

Relativamente aos acontecimentos políticos da Guerra Mundial de 1939/45, comentou nas epígrafes "Situação", "Política Internacional", "Diário do Front", também, vezes sem conta, isto é, enquanto durou o conflito; aliás, fazia-o como se estivesse mais perto do centro real dos acontecimentos, sem fogo e entusiasmos inúteis, sem perder o estilo sereno e equilibrado, com sínteses claras e objetivas.

Em um dos seus quatro albuns de recortes de jornais, contei, sob os mais variados títulos e assuntos, onde aparece o reporter, o cronista, o contista, o analista político, o crítico, o memorialista, o orador, mais de 345 trabalhos, e todos guardando a mesma forma pura do seu mundo vocabular e cultural.

Não faço nesta contagem, referência aos artigos de fundo, que são inúmeros e a outros que deu desinteressadamente a amigos.

Com a devida permissão, aqui, uma sugestão aos que fazem Natal das Letras, Natal das Artes, da Cultura, ou apenas aos que fazem Natal; a esta nobre casa que tem Edgar Barbosa na imortalidade, ocupante que foi da Cadeira número 5, que ocupa ainda, pela condição de Imortal; Cadeira que honrou pelo valor da inteligência, do entusiasmo, da dignidade.

Sabemos todos, Senhoras e Senhores:

O homem morre quando a poeira do esquecimento vai acumulando sua camada opaca sobre a memória dos vivos; sabemos, senhoras e senhores: o Tempo, esse grande artesão da vida, esse que não tem dimensão, é mesquinho ao homem, a quem dá pouco, apenas um pouco, para que possa avaliar a si e aos seus contemporâneos; daí, a sugestão, não em busca do impossível — o sobrevivência no tempo — não! mas é a dimensão humana do grande estilista que deve ficar preservada, por nos parecer altamente valiosa à mente de hoje e de amanhã; refiro-me à dimensão do grande homem de letras que foi — do humanista, do estilista — desse norte-riograndense que agora todos nós homenageamos tão modestamente.

A memória de Edgar Barbosa não pertence apenas a sua esposa e aos seus filhos; à família e aos seus amigos ou aos que leram suas letras; nem a sua geração, ou a esta Academia.

Não pertence ao Ceará-Mirim ou Natal; ou ainda ao Rio Grande do Norte. Sua cultura é nacional, não pode ficar circunscrita na sombra das dunas que nos rodeiam; deve ser projetada nos grandes centros de cultura do país.

Há de haver um biógrafo que junte os seus trabalhos, como já sugeriu, antes, o Acadêmico Veríssimo de Melo; que analise sua obra, registro o seu exemplo de coerência e dignidade intelectual e humanística; e, em seguida, nas bibliotecas, ao alcance de todos, hoje e amanhã, possa servir de incentivo às letras e ao espírito; assim como um marco-testemunha do seu tempo, do nosso tempo; desta época da velocidade, em que tudo se renova a cada instante; em que o rítmo da mudança tomou uma aceleração angustiante. Perdão, mas lembrando que a aceleração nos impele ao agora, ao hoje, para evitar o domínio da transitoriedade de que nos fala Alvin Toffler, e assim, evitar precipitarmo-nos no futuro sem guardar o que é tão caro na nossa própria passagem e perder a continuidade pela não fixação dos valores.

Não se diga depois; pois o amanhã no conceito de Ingenieros "é a mentira piedosa com que se ilude a vontade dos fracos". Diga-se agora, sim, agora, para que se possa escrever mais adiante, à semelhnça do que ele, Edgar, escreveu de Machado de Assis:

"As ruas de Natal, os verdes canaviais de Ceará-Mirim, o Vale da Rosa Verde do Mestre Nilo Pereira, o Jornalismo desta Capital, são todos dele por "usocapião".

Senhoras e Senhores
Senhores Acadêmicos
Senhor Presidente

Edgar deixou sua última frase na memória dos que o assistiram.

Uma frase simples, como ele próprio: "Há séculos, os homens procuram as coisas simples".

Verdade Senhores; nada mais simples do que a vinda e a volta o homem, entre um e outro evento, torna tudo tão difícil!

Muito obrigado!

SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO ANTÔNIO SOARES FILHO

VERÍSSIMO DE MELO

Sr. Presidente,

Srs. Acadêmicos:

O critério mais sábio para escolha de candidatos às Academias de Letras parece que ainda não foi encontrado.

De acordo com os nossos Estatutos, por exemplo, — aliás inspirados nas normas gerais da Academia Brasileira de Letras, — elege-se o candidato que obtiver a maioria absoluta dos votos, satisfeitos naturalmente os pré-requisitos essenciais, possuir obra literária publicada, etc. Pode ocorrer, na prática, — e já tem ocorrido, — que nem sempre o melhor candidato é o que consegue maioria absoluta e se elege. Porque nem sempre o melhor é o que partiu na frente, conquistou o maior número de votos e até às vezes — nos perdôem a declaração, mas falamos em tese, — soube barganhar melhor a sua candidatura.

Porisso, temos as nossas preferências por critério que vem sendo utilizado atualmente por algumas Academias. Aberta a vaga, os acadêmicos se reúnem informalmente e examinam qual o melhor nome entre os possíveis candidatos. Fixado aquele que a Academia considera o melhor, o que reúne condições intelectuais e morais superiores, este é então convidado a candidatar-se e estará praticamente eleito pelo consenso dos acadêmicos. Tudo deve ser

feito discretamente, mas com decisão de atitudes. Afinal, trata-se de um problema vital para a Academia, a aquisição de mais um novo acadêmico.

É verdade que a fórmula de seleção ainda pode ser prejudicial em relação a outros bons candidatos, que não foram previamente lembrados e examinados pela Academia. Todavia, a instituição só se pode fixar num só candidato, de maneira que pouco importa que essa escolha tenha sido antes ou no dia da eleição. A fórmula, em princípio, tem o mérito de alijar os caçadores de votos, selecionando aquele que a Academia realmente já considerava o melhor entre os prováveis candidatos.

Há uns dez anos passados, quando ampliamos o número de trinta para quarenta cadeiras, a Academia adotou esse critério, enriquecendo-se com a aquisição de nomes como Oswaldo de Souza, Alvamar Furtado deMendonça, Edinor Avelino, João Medeiros Filho, Newton Navarro, José Tavares da Silva, Raimundo Nonato Fernandes, Sanderson Negreiros.

Todavia, completo o quadro da Academia, continuamos a obedecer ao sistema tradicional de escolha de candidatos, com base nos Estatutos.Houve apenas uma exceção: Recentemente Antônio Soares de Araújo Filho, que hoje temos a honra e a alegria de recebê-lo nesta Casa, foi o primeiro a ser escolhido previamente e convidado a candidatar-se. Só este fato já demonstra o alto conceito que ele desfruta entre os acadêmicos. A Academia já o estimava em seus quadros, antes mesmo do seu próprio pronunciamento, pelo valor de sua obra literária e científica, atividades profissionais meritórias e virtudes que exornam sua personalidade.

Antônio Soares Filho é herdeiro de uma tradição de família das mais ilustres de nossa terra. Bastaríamos lembrar, neste instante, o nome eminente do seu inesquecível progenitor, o saudoso desembargador Antônio Soares de Araújo, um dos fundadores desta Casa que nos deixou de sua passagem pela magistratura e vida pública do Estado um traço indelével de cultura, cordialidade e honradez. Antônio Soares Filho é o seu legítimo continuador nesta Academia, como tem sido e o é na vida pública e no seio de sua família.

TRAÇOS PESSOAIS

O novo acadêmico (que daqui para frente só o nomearemos simplesmente por Antonio Soares, pois ele próprio descobriu, curiosamente, que os acadêmicos e parlamentares só usam dois nomes), é papa-jerimum da gema, tendo nascido em Natal a 16 de junho de 1914.

A notícia mais antiga de Antonio Soares que conheço, ainda do tempo do Ateneu Norte-Rio-Grandense, já revelava a brilhante inteligência que possui e até a decisão e temeridade de atitudes... Num exame de português, no Ateneu, os alunos deveriam escrever uma carta de livre escolha. Antonio Soares não teve dúvidas: Com a maior das intimidades, escreveu uma carta ao Presidente da República Francesa, na época, começando assim: "Meu caro Poincaré". Tratava-o por "você", agradecia a fraternal hospitalidade que recebera nos Campos Elíscos", punha a sua casa em Natal à disposição do ilustre Presidente e finalizava mandando lembranças para Madame Poincaré...

Na hora do julgamento um dos examinadores deu-lhe a nota zero, por entender que os termos da carta expressavam falta de respeito. Mas, os examinadores dividiram-se. Um deles (Cascudo) deu a nota máxima, dez. E o terceiro deu a nota seis. O fiscal do governo criou um impasse, pois não aceitava tamanha disparidade. Afinal, os três professores chegaram a um acordo e prevaleceu a nota seis.

Antonio Soares iniciou estudos superiores na Faculdade de Direito do Ceará, concluindo-os, todavia, na tradicional Faculdade de Direito do Recife, em 1941.

Inicia sua vida profissional como Advogado de Ofício da Justiça Militar, ocupando a seguir os cargos de Procurador da LBA, membro do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, Consultor Geral do Estado, cargo este último depois transformado no de Procurador do Departamento Jurídico do Estado, no qual se aposentou em 1967. Foi ainda Chefe da Casa Civil do Governador do Estado, 1959-1961. É professor titular da cadeira de Direito Judiciário Penal da UFRN, tendo sido vice-diretor (durante 10 anos) da Faculdade de Direito e diretor de 1971 a 1975, além de exercer várias e importantes comissões na nossa Universidade.

Conhecemos Antônio Soares desde os áureos tempos do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Alguns aspectos de sua personalidade, nesta hora de júbilo em que o recebemos na Academia, devem ser considerados. Se nos perguntassem qual o traço mais característico do novo acadêmico, como cidadão e profissional, cremos que não teríamos outro melhor a assinalar senão o seu equilíbrio de comportamento, a sua retilinidade de atitudes, o seu otimismo diante da vida. Antonio Soares é sempre o mesmo homem cordial, impertubável, correto, sociável, tranquilo, bem humorado. Parece-nos que esta é a tônica maior de sua existência. Não temos notícia de que Antônio Soares tenha sido algum dia diferente do que é hoje ou foi ontem. Para ele, parece que não existiu nunca o chamado "tempo ruim". Todos os seus dias são iguais. Não seria esta uma prova do seu equilíbrio emocional e de sua sabedoria?

Alvamar Furtado de Mendonça, o crítico implacável dos nossos confrades, já tem contado em várias rodas de amigos as peripécias de Antônio Soares, numa das suas últimas viagens ao Rio de Janeiro, por terra. Elaborou rigoroso cronograma de chegada e saída em cada cidade, através de amigos, para não perder o episódio seguinte da novela de Televisão... Quem entre nós, teria esse cuidado e preocupação, senão Antônio Soares?

Tudo isso faz parte de sua fórmula mágica para conservar a euforia do comportamento otimista diante do cotidiano. Dir-se-ia que Antônio Soares não descobriu ainda a famigerada "pedra filosofia", mas pelo menos já encontrou a fórmula de um comportamento **sui-generis** pela sua tranquilidade e estabilidade, que está a merecer atenção e estudo dos psicológos.

O ADMINISTRADOR

Como administrador, tanto na direção da Faculdade de Direito quanto na Chefia da Casa Civil do Governador do Estado ou na presidência da Assembléia Legislativa, em todos esses postos ele se destacou pelo equilíbrio de ações e se houve galhardamente. Seu espírito apaziguador e compreensivo, em todas as oportunidades, tem encontrado soluções viáveis para os problemas emergentes. E quando esses problemas quase ultrapassavam a sua capacidade de imaginação, ele ainda vislumbrou uma porta mágica para salvar-se... Queremos nos referir à famosa pasta que criou, quando era Chefe da Casa Civil do Governo do Estado, na qual colecionava processos complexos e alguns sibilinos. Colocou os seguintes dizeres na tal pasta, que estava sempre na gaveta de sua mesa de trabalho: **"Pasta destinada a assuntos que o tempo resolve"**. O dr. Israel Nazareno, no discurso com que o recebeu na Academia Potiguar de Letras, refere o fato e acrescenta: "Contam que, na gestão posterior, a pasta histórica foi achada sem processo, tendo apenas um cartão, em que se lia o seguinte: **"A paciência é uma grande virtude. O tempo resolveu todos os assuntos"**.

Da passagem de Antônio Soares, pela Casa Civil do Governo, há ainda um depoimento sobre o Governador Dinarte Mariz, que não podemos deixar de referir, pelo seu pitoresco. O prefeito do município de Tenente Ananias teve audiência com o então Chefe da Casa Civil e apresentou certas reivindicações, para que fossem levadas ao Governador. Antônio Soares cumpriu a promessa empenhada, mas o chamado acúmulo de serviços, as visitas de políticos e outros óbices fizeram com que o assunto fosse ficando esquecido. Numa tarde, fim de expediente, Antônio Soares dirigiu-se ao Governador lembrando o pedido, nestes termos:

— Governador, e o problema de Tenente Ananias?

Dinarte Mariz, já meio cansado do dia duro que enfrentara, respondeu resolvendo o assunto de uma vez:

— Antônio, mande lavrar ato promovendo esse Tenente Ananias a Capitão!

Uma ressalva: Relembramos o fato com todo respeito e admiração que temos pelo hoje muito querido Senador Dinarte Mariz.

O PARLAMENTAR

Como deputado estadual e presidente da Assembléia, Antônio Soares conseguiu o que reputamos quase um milagre: Não se indispoz com ninguém na nossa Assembléia. Sobreviveu a todas as crises e fez amigos em ambas as bancadas. Foi líder do Governo e posteriormente da Oposição. Cremos que essa foi a prova máxima de equilíbrio e diplomacia no trato com políticos.

Na elaboração da Constituição Estadual de 1947, uma emenda nas Disposições Transitórias provocou agitada discussão, pois iria beneficiar o partido governista. Apesar disto, o deputado oposicionista José Gonçalves de Medeiros manifestou-se favorável à emenda. Djalma Marinho, líder da oposição, combateu veementemente a emenda, mas assim mesmo José Gonçalves opinou pela sua aprovação. Chamando seu colega de ingênuo, Djalma Marinho, num daqueles rasgos de oratória que todos conhecemos, frisou elegantemente:

— Vossa Excelência é um girondino, marchando para a guilhotina cantando a Marselhesa.

Incontinenti, dirigindo-se a José Gonçalves, Antônio Soares aparteou:

— E Vossa Excelência pode cantar a Marselhesa, que é um hino de liberdade!

Pela oportunidade do aparte, Antônio Soares foi depois cumprimentado pelo próprio Djalma Marinho e a emenda foi aprovada.

Noutra ocasião, discutia-se o número exato de deputados que deveria compor a comissão elaboradora do anteprojeto de Constituição Estadual de 1947. O regimento fazia expressa referência à representação proporcional da minoria. Tanto a oposição quanto a bancada do governo queria aproveitar-se de maior número, tendo em vista a fração resultante da operação aritmética. Antônio Soares pediu a palavra e fulminou o impasse com um aparte:

— Não podemos argumentar com frações. É impossível mandar para a comissão um pedaço de deputado...

Entretanto, a intervenção do deputado Antônio Soares que abalou os alicerces da Assembléia se verificou noutra oportunidade,

quando se discutia a mudança de um topônimo tradicional e a transformação de uma vila em município. Por princípio, Antônio Soares era visceralmente contrário à substituição dos nomes tradicionais das vilas e municípios. Nesse dia, todavia, ele abriu uma exceção. Tratava-se da elevação da vila de Cágados à categoria de município, com o nome de "Doutor Severiano". Para justificar o seu voto, Antônio Soares subiu à tribuna e declarou-se favorável à mudança acrescentando:

— ... porque, sr. Presidente, fico em dificuldades para saber como se denomina uma pessoa nascida em Cágados...

O CRIMINALISTA

Como professor universitário, estimado por alunos e professores, nunca teve problemas de relacionamentos na Universidade. Na direção da Faculdade de Direito, solucionou todos os casos que se apresentaram e fez bons amigos e admiradores entre universitários e mestres. Certa ocasião, contou-nos Diógenes da Cunha Lima, seu colega de Faculdade, o saudoso Mestre Edgar Barbosa insurgiu-se contra certa providência administrativa emanada da direção da Faculdade e declarou, com vemência, dirigindo-se ao diretor:

—E não esqueça, Antônio, que você foi meu aluno!

Ao que ele completou, desarmando o Mestre:

— Fui, não. Continuo sendo seu aluno!

Como advogado, temos um depoimento pessoal a respeito do criminalista Antônio Soares. Pela sua cultura jurídica, foi sempre excelente advogado, atencioso, honesto, hábil no trato com as partes, sabendo entretanto, tirar proveito de detalhes mínimos no processo, detalhes que talvez a outros passassem despercebidos.

Na época, exercíamos as funções de Juiz Municipal e realizávamos a instrução de um processo, sendo Antônio Soares advogado das vítimas. O fato girava em torno de um motorista de caminhão do leite, de Baixa Verde, que provocara tremendo desastre no Baldo, por imperícia, ferindo várias pessoas Antônio Soares procurava provar que o réu era portador de deficiência visual, o que determinara o acidente. Era detalhe importante ao ponto de vista que defendia. A certa altura da instrução, ele formulou a seguinte e incrível indagação a uma das testemunhas, por nosso intermédio.

— É verdade que o réu, o motorista, numas das viagens costumeiras a Baixa Verde, passou por cima de um burro em pé e disse apenas isto: "Ô catabi danado!"

A testemunha confirmou o que ouvira. O motorista, como sentiram, era praticamente cego... Passar por cima de um jumento e chamá-lo de catabi só poderia ter sido por deficiência visual grave ou má fé. O réu foi condenado e Antônio Soares ganhou a questão.

O ASTRÔNOMO-AMADOR

Antônio Soares é ainda astrônomo-amador. Fundou em Natal, no ano de 1956, a Associação Norte-Rio-Grandense de Astronomia, entidade que já promoveu aqui um congresso internacional, além de cursos de iniciação à ciência. É membro da Liga Latinoamericana de Astronomia, da qual já foi presidente, entidade que reune 63 associações científicas das Américas e tem apenas 11 sócios honorários, sendo Antônio Soares o único do Brasil.

Como estudioso e pesquisador dos problemas do nosso Cosmos, formulou, em 1956, teoria original que tem dado o que falar tanto em Natal quanto noutras cidades e centros científicos internacionais. É a hipótese de que a Terra tem duas luas, "uma perpetuamente encoberta pela outra para os habitantes do nosso planeta, em virtude dos três corpos se encontrarem em linha reta e os dois satélites percorrerem as órbitas em tempos iguais", — segundo suas próprias explicações. A teoria é apoiada no fato de que a atração do Sol e da Lua é considerada insuficiente para explicar o fenômeno das marés. Há uma preamar máxima teórica, com base nos cálculos de Laplace e a lei de Newton. Mas, outros fatores,como o relevo submarino e as correntes marinhas fazem com que a maré suba ainda mais do que a maré teórica. É tão grande essa elevação em determinados pontos da Terra que ele chegou à conclusão de que deveria haver outro astro influindo para **completar a massa** causadora da atração. Há ainda dois movimentos lunares que até hoje não estão suficientemente demonstrados: O de liberação física e aceleração secular da Lua. Daí concluiu que deve haver outro astro "próximo da Terra", para determinar esses fenômenos. Seria a tal Lua encoberta pelo satélite da Terra. Walt Disney, tempos depois, sem citar a fonte original, — a hipótese de Antônio Soares, — publicou história em quadrinhos denominada "A Lua de 18 Quilates", colocada exatamente onde Antônio a colocou, por traz do nosso satélite visível, para a qual uns cavaleiros texanos partem em busca de ouro... Sabe-se ainda que em 1961 o astrônomo polonês Kordiléwski conseguiu fotografar dois astros em forma de nuvens, que têm massa equivalente a 3% da massa da Lua, correspondendo assim a novo satélite da terra. Antônio Soares admite que essas "Nuvens de Kordiléwski" seriam o **complemento** de massa que ele reclama para a sua teoria.

Como se verifica, a hipótese original de Antônio Soares tem um respaldo científico que não se pode subestimar.

Com todo respeito que temos por Antônio Soares nas suas conquistas nesse campo, pedimos permissão para contar um fato que se passou conosco, já faz alguns anos, e que é marcante do espírito e bom humor do novo acadêmico.

O argumento de que a segunda lua estaria atrás da nossa lua visível era impossível de comprovação na época em que Antônio Soares formulou sua teoria. Quem poderia ir ao outro lado da lua? Mas, os anos se passaram e com eles veio a notícia de que dois astronautas norte-americanos passariam pela primeira vez, num foguete espacial, pelo outro lado da Lua, o chamado lado oculto do nosso satélite. Pensamos logo: Chegara a hora de sabermos se a hipótese de Antônio Soares teria ou não fundamento. Se existisse outra lua, os astronautas a viriam certamente e seria fotografada.

Veio o grande dia. Os jornais informaram sobre o extraordinário feito dos astronautas, mas não vimos a menor referência à possível outra lua de Antônio Soares. Encontrado-o na rua, indagamos:

— Então, Antônio, os astronautas passaram pelo outro lado da lua e não viram a sua famosa lua. E agora?

A resposta dele foi genial, inesquecível. Sem querer entregar os pontos, como se diz, respondeu apenas isto:

— E eles olharam para trás?...

O BIBLIÓFILO E O ESPORTISTA

Antônio Soares é um dos nossos maiores bibliófilos, senão o maior. Possui a maior biblioteca de autores norte-rio-grandenses. Colecionando, desde 1961, livros e publicações de autores de nossa terra, conseguiu reunir alguns milhares de volumes, entre os quais autênticas raridades. Sua biblioteca é hoje fonte de consulta permanente por parte de pesquisadores e estudiosos da nossa literatura e história.

Ainda mais. Antônio Soares é desportista entusiasta, vivamente interessado nos sucessos do seu clube, o América Futebol Clube. Já exerceu cargos de responsabilidade nas atividades esportistas no Estado, sendo ex-presidente da Federação Norte-Rio-Grandense de Desportos, ex-presidente do Tribunal de Justiça Desportista, membro e atual presidente do Conselho Deliberativo do América F. Clube. Está sempre presente ao nosso estádio de futebol e se destaca em campanhas visando reforçar os quadros daquela entidade esportiva e social.

LIVROS E TRABALHOS PUBLICADOS

Fundador da Academia Potiguar de Letras, Antônio Soares é detentor da Medalha de Mérito"Alberto Maranhão" e sócio honorário de várias associações de Astronomia, inclusive no estrangeiro.

Entre seus trabalhos e livros publicados, destacamos: "A TERRA TEM DUAS LUAS" (versão em inglês); "AUGUSTO LEOPOLDO, LÍDER DA OPOSIÇÃO", discurso de posse na APL; "DA

REICINDÊNCIA ESPECÍFICA NO DIREITO PENAL ESPORTIVO", — trabalho apresentado em congresso no Espírito Santo, em 1967; "TENTATIVA DE CLASSIFICAÇÃO DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS ESPACIAIS", — conferência pronunciada em Lima, Peru, durante congresso de Astronomia, e vertida para o inglês, francês e espanhol; "MEU PAI", excelente discurso pronunciado nesta Academia, quando da homenagem póstuma ao ilustre acadêmico; e o livro mais recente, "DOZE TEMAS", no qual reuniu outras conferências, artigos e ensaios, edição da Imprensa Universitária, 1975. Entre os seus inéditos, lembramos o "DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE", que será o primeiro na espécie, entre nós.

Em tudo que tem escrito, Antônio Soares manifesta acurado bom gosto literário, através de estilo direto, claro, objetivo. Porisso é sempre agradável a leitura dos seus trabalhos, ao lado dos ensinamentos que transmite no campo da ciência ou da história.

Na mocidade, como quase todos nós, cometeu versos e fez teatro. Há mesmo uma cena teatral que ficou famosa na cidade, onde ele revelou extraordinária capacidade de improvisação. Como ator, numa peça levada à cena pelo Teatro do Estudante, ele teria de entrar no palco e declarar, diante de outro personagem que acabava de queimar uma carta e atirá-la ao chão:

— Ô cheiro de papel queimado!

Acontece que o personagem esqueceu a caixa de fósforo e a solução que encontrou foi rasgar a carta e jogá-la de lado.

Antônio Soares, entrando em cena, estranhou não vê no palco o papel queimado, mas também não se alterou, ao exclamar:

— Ô cheiro de papel rasgado!

A improvisação foi o que se chama em teatro um tiro, isto é, um sucesso!

Como se vê, suscintamente, srs. acadêmicos, estamos diante de personalidade multifacetada, um homem bom, bem humurado, sensível ao sofrimento dos pobres, amante da justiça e da tolerância, culto e vitorioso na sua especialidade profissional, vivamente interessado em múltiplos aspectos da nossa realidade cultural.

Porisso a Academia é quem hoje se engrandece com a sua presença, acadêmico Antônio Soares. E tanto nos envaidece a sua companhia, que nós já o havíamos escolhido como um dos nossos, antes de sua aquiescência. E nada dirá mais alto da nossa admiração do que esta confissão pública. Neste instante, nos regozijamos com a sua valiosa permanência nesta casa de cultura, aquisição que honra os nossos quadros acadêmicos e que, particularmente, nos distingue por ser intérprete do abraço afetuoso e do melhor apreço que lhe transmitimos por parte de todos que fazem a Academia.

SAUDAÇÃO AO ESCRITOR HÉLIO ALBUQUERQUE MELLO

VERÍSSIMO DE MELO

Rmanhã, dia 6 de agosto de 1977, transcorrerá o primeiro aniversário do falecimento do nosso inesquecível companheiro e Mestre Edgar Barbosa. No dia 7 de agosto do ano passado ocorreria a sua definitiva e triste viagem de volta ao Ceará-Mirim, que Paulo Pinheiro de Viveiros mencionou de modo tão tocante nas suas palavras de despedidas.

Com o desaparecimento de Edgar Barbosa perdeu a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras um dos seus antigos fundadores mais lúcidos e o seu estilista mais fulgurante. Perdemos todos também um amigo generoso, como poucos. Perdeu a cidade um incentivador espontâneo das novas gerações de intelectuais.

Nas palavras que escrevemos, pela imprensa, logo após a sua morte, frisamos um dos aspectos mais marcantes de sua personalidade: A discrição. Edgar Barbosa era discreto nas atitudes, nas palavras, no modo de ser. E acrescentamos: Para ele, viver foi certamente um ato de elegância e boa educação.

Como homem de letras, nos deixou, em traços de ouro, seus livros, ensaios, crônicas, artigos luminosos. Plantou, como educador, a nossa Faculdade de Filosofia, — sementes fecunda que mais tarde se desdobraria em vários Institutos de Letras, Artes, Ciências Humanas da nossa Universidade. E soube distribuir justiça, com dignidade e correção, no exercício do cargo de Juiz de Direito. Em todas as tarefas a que emprestou o brilho de sua inteligência e de sua cultura Edgar Barbosa foi modelar.

Seus confrades e amigos da Academia não quizeram que esta data passasse sem um registro, sem um instante de meditação e de

saudade. Para relembrá-lo, para aprofundar certos ângulos de sua obra literária e de sua vida, convidamos e aqui está o nosso ilustre conterrâneo escritor Hélio de Albuquerque Mello, seu cunhado e amigo.

Afastado desde vários anos do Rio Grande do Norte, pelas contingências de sua carreira das armas, o General Hélio de Albuquerque Mello não perdeu o contato com a sua gente, seus amigos e parentes. Periodicamente visita seus irmãos residentes em Natal. Se não é visto em reuniões sociais, isso decorre de peculiaridade de seu temperamento, sóbrio e discreto, e nesse sentido ele se aproxima daquele cuja memória hoje homenageamos.

Nascido em São José de Mipibu, a 18 de setembro de 1912, é filho do saudoso desembargador Francisco de Albuquerque Mello e d. Maria Lídia Martins de Albuquerque Mello. Ingressando na carreira militar, recebeu o espadim de Caxias a 1.º de abril de 1932, atingindo o posto de General de Divisão a 31 de julho de 1963, quando, a pedido, se transferiu para a reserva. Em Natal, serviu apenas poucos anos, quando comandou a Companhia de Quadros.

Sua folha de serviços ao Exército relaciona honrosamente sessenta e quatro elogios, tendo feito todos os cursos regulares do oficialato superior, além de outros de especializações, sendo promovido, por merecimento, aos postos de Major e de Coronel.

Residindo no Recife, com sua família, desde que se transferiu para a reserva, o General Hélio de Albuquerque Mello tem tido ali participação ativa nas atividades ligadas ao iatismo, sendo fundador do Cabanga Iate Clube e do Círculo Militar do Recife, entidades que reconheceram seus valiosos trabalhos através de placas de bronze afixadas em suas sedes.

Detentor de inúmeras condecorações militares e civis, nos últimos anos o General Hélio tem desenvolvido brilhante atividade cultural, revelando-se escritor e ensaista de indiscutíveis méritos. Tem editado livros e realizado conferências, fundando, com um grupo de intelectuais, a Academia de Artes e Letras de Pernambuco, na qual ocupa a cadeira n.º 2.

Sua honrosa presença, hoje, nesta casa de cultura, também representa uma homenagem às suas virtudes de escritor e de militar, cujos relevantes serviços proclamamos e exaltamos no instante em que lhe dirigimos, em nome da Academia, as nossas saudações mais efusivas e fraternais.

RAIMUNDO NONATO DA SILVA

No dia 18 de agosto de 1977 o acadêmico Raimundo Nonato da Silva festejou o transcurso dos seus setenta anos de idade. Residindo, há vários anos, no Rio de Janeiro, recebeu ali a homenagem dos seus amigos e admiradores, tendo igualmente a data sido alvo de homenagens especiais em Mossoró e Natal, através dos seus numerosos admiradores, parentes e amigos distantes.

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que tem no acadêmico Raimundo Nonato da Silva um dos seus sócios efetivos mais fecundos e brilhantes, fez-se representar nas homenagens que o Centro Norte-Rio-Grandense, do Rio de Janeiro, promoveu pela passagem da efeméride, por intermédio do acadêmico Enélio Petrovich.

Homem simples,, modesto, humilde, Raimundo Nonato é uma afirmação vitoriosa de inteligência e tenacidade do nordestino, que venceu todos os obstáculos de uma formação difícil, num meio de precárias condições, aprimorando-se pelo estudo e decidida capacidade de trabalho. Chegando a Mossoró como retirante da seca de 1919, começou ali a ganhar a vida como engraxate, estudando em escola noturna e posteriormente trabalhando no comércio. Con-

(*) — O historiador e filólogo Arlindo de Souza é autor de mais quarenta livros e ensaios publicados, destacando-se "Cancioneiro de Entre Douro e Mondego", "Origem de Lisboa", "Estudos da Língua Portuguesa", "A Língua Portuguesa no Brasil", etc., além de inúmeros outros inéditos, sobre temas filológicos e antropológicos.

quistando o diploma de professor primário, lecionou em várias cidades da Zona Oeste do Estado, fazendo depois curso de especialização em educação física, no Rio de Janeiro, quando passou a ministrar a disciplina em Mossoró e Natal. Em 1950 já está formado em Direito, pela Faculdade de Alagoas, servindo no secretariado do ex-Governador Dix-Sept Rosado. Colaborou em jornais e revistas do Estado, iniciando uma produção literária das mais lúcidas e abundantes, com a publicação de livros, ensaios e plaquetes.

Memorialista e historiador, Raimundo Nonato escreveu ainda romances, ensaios de folclore, comentando e editando autores regionais, numa atividade diuturna incansável.

Semeador de escolas de comércio no Estado, ao lado de prof. Ulisses de Gois, é ainda fundador das Escolas de Ciências Econômicas tanto de Natal quanto de Mossoró. Foi diretor do SENAC em Natal e secretário do SESC e da Federação de Comércio do Rio Grande do Norte. Aposentando-se como juiz de direito, no Estado, decide fixar residência no Rio de Janeiro, para onde se transportou com a família, na década de sessenta. E lá continua sua incessante atividade intelectual, servindo ao Rio Grande do Norte, através de iniciativas em favor tanto da nossa Academia quanto do Instituto Histórico junto aos órgãos de cultura federais.

Neste breve registro, queremos expressar o contentamento de todos quantos integram a Academia pelo transcurso dos setenta anos de Raimundo Nonato, augurando ainda ao querido companheiro muitos anos de produtiva atividade intelectual, a serviço do Rio Grande do Norte e do Brasil.

A propósito da personalidade e da obra de Raimundo Nonato, o escritor Arlindo de Souza, (*) filólogo e historiador português, em "Temas Luso-Brasileiros" focaliza o nosso conterrâneo, sob vários aspectos de sua produção literária.

Dele recebemos, para publicação, o substancioso trabalho, que constituirá matéria deste e de próximo número da nossa revista.

Inicialmente, traça o roteiro biográfico e bibliográfico de Raimundo Nonato, registrando a identidade, escolaridade, vida associativa, atividades no magistério e na magistratura, seguindo-se judiciosa apreciação do conteúdo de suas obras.

Segue-se a primeira parte do trabalho do escritor Arlindo de Souza:

RAIMUNDO NONATO E PORTUGAL
(Temas Luso-Brasileiro)

INTRODUÇÃO

Jamais o tempo é perdido, quando se procura realizar nele um trabalho duradouro, marcado pelas manifestações efusivas da amizade.

É exatamente o que ocorre atinentemente a esta publicação, em que procuro apresentar aspectos da atividade intelectual de um escritor da área nordestina, mais particularmente do meridiano da cidade de Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte, em cujos livros muito numerosos se conscientiza, se ostenta agradável sopro de lusitanismo, inspiradíssimo bem-querer à terra portuguesa, num colorido forte da influência gracilde seu estilo e do extravasamento de sua fèrtil imaginação, por vezes derramando-se em tons altamente poéticos.

Este começo de retrato obriga-nos, desde já, a meditar nas fantasias do pensamento e na versalidade da dialética, quando se descobre, na vivência deste homem, de coração sempre aberto às grandes alegrias da vida, que seus dias não foram sempre muito macios, pois, na dura luta pela sobrevivência, teve de sangrar os pés nas pedras ásperas dos caminhos, a ponto de, num depoimento a seu respeito, afirmar Câmara Cascudo, das mais impressionantes figuras do mundo cultural brasileiro:

"Tudo em Raimundo Nonato foi iniciativa pessoal. Não sei se nasceu de sete meses, mas posso afirmar, à vista do original, ao qual me reporto, e dou fé, que nada lhe deram gratuitamente".

E, sequentemente, acrescenta na mesma ordem de idéias:

"No Rio de Janeiro, Raimundo Nonato, magistrado, historiador, mestre de indagação artística, econômica, editorial, representa, psicologicamente, um órgão suplementar, sensitivo, indispensável à multidão nordestina que a Guanabara seduziu e fixou. É a voz que não deixa esquecer o Sertão !"

"Risonho e tenaz, devoto dos arquivos e bibliotecas, caçador de confidências, namorado do esforço sem pausa, essa velha e jovem araponga retine a voz incansável sobre a cordilheira dos arranhacéus, situando-se ao alcance da lembrança das terras distantes do Sertão, onde o sol se põe e as estrelas sobem. Trabalha numa continuidade de missão incomparável".

ROTEIRO BIOGRÁFICO E BIBLIOGRÁFICO

IDENTIDADE:

Nome: Raimundo Nonato da Silva
Data do Nascimento: 18 de agosto de 1907.
Filiação: João Cardoso da Silva e Ana de Lima e Silva
Naturalidade: Cidade de Martins, Estado do Rio Grande do Norte
Nacionalidade: Brasileiro.
Estado Civil: Casado com Maria Edite Bessa e Silva. Sete filhos vivos do casal.

CONDIÇÃO HUMANA

Retirante da seca de 1919, emigrado para Mossoró, aos 13 anos de idade, onde começou a vida como engraxador.

ESCOLARIDADE

Na faixa dos 14 anos, alfabetizado na Escola Noturna Dr. Paulo de Albuquerque (Escola Noturna para Adultos, em 1920-1921). Exame de admissão à Escola Normal de Mossoró, em 1922, em que foi aprovado, e, consequentemente, matriculado. Professor normalista, diplomado na turma de 1925. Não concluiu o curso em 1924, por ter sido excluído na cadeira de Desenho, no primeiro ano. Primeiro lugar na turma com a média de nove. Curso Clássico, concluindo no Ateneu Norte-Rio-Grandense em 1950. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Alagoas, em 1955.

VIDA ASSOCIATIVA

Secretário da Conferência de São Tarcísio, em 1921. Sua primeira missão na vida.

Presidente do Grêmio Estudantil da Escola Paulo de Albuquerque, no mesmo ano de 1921.

Bibliotecário da Liga Operária. Anos de 1924-1925.

Secretário do Centro dos Artistas. Ano de 1925.

Membro da Diretoria do Palmeiras Futebol Clube. Ano de 1923.

Representante do Clube na Liga Esportiva Mossoroense. Ano de 1939.

Presidente da União Brasileira de Escritores, Secção do Rio Grande do Norte.

ATIVIDADES NA IMPRENSA

Redator dos jornais **O Correio do Povo, o Festeiro, O Correio Festivo, O Riso,** todos de Mossoró.

Redator das Revistas **ABC** da Associação de Normalistas de Mossoró; **Bando** (órgão da Casa Euclides da Cunha), de Natal;

Pedagogium (da Associação de Professosres do Rio Grande do Norte), de Natal; **Boletim Informativo do Ensino Comercial.** (DEC), do Rio de Janeiro; **Boletim do CNR,** do Rio de Janeiro.

Colaborador dos jornais **O Trabalho, O Nordeste, A República, O Diário de Natal, A Folha da Manhã, A Ordem,** de Mossoró, Natal e Recife; e das revistas **Cáctus, do Instituto Histórico e Geo-**

gráfico do Rio Grande do Norte, Atualidade, Leitura, Diner's, do Instituto Brasileiro do Sal, Juriti, da Academia Norte-Rio Grandense de Letras, do Tribunal" de Justiça do Estado, Ontem e Hoje, ICOP (onze revistas) de Mossoró, Natal Rio de Janeiro.

MAGISTÉRIO E SEUS ENCARGOS

Professor da Escola da Liga Operária (Mossoró).

Professor da Escola Isolada Pedro II (Natal).

Professor da Escola Isolada Padre Cosme (São Miguel) Anos de 1927-1928.

Professor da Escola Isolada Coronel Maria (Serra Negra). Anos de 1929-1930.

Professor do Grupo Escolar 30 de Setembro (Mossoró). Ano de 1931.

Professor da Escola Isolada Ferreira Pinto (Apodi). Ano de 1932.

Professor e diretor do Grupo Escolar Tenente-Coronel José Correia (Açu). Ano de 1933.

Professor do Curso de Educação Física da Escola de Educação Física da Marinha (Rio de Janeiro). Ano de 1933.

Professor de Educação Física da Escola Normal de Natal. Ano de 1934.

Professor do Curso Complementar do Grupo Escolar Augusto Severo de Natal. Ano de 1934.

Professor de Higiene e Educação Física da Escola "Normal de Mossoró, nomeado por concurso de provas, realizado em Natal, em 1935.

Professor do Colégio Diocesano Santa Luzia (Mossoró). Anos de 1931 e 1935-1947.

Professor do Ginásio Sagrado Coração de Maria (Mossoró). Anos de 1938-1946.

Professor e diretor da E.T.C. União Caixeiral (Mossoró) — Anos de 1936-1947.

Fundador da Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró. Ano de 1942.

Professor da Escola Normal de Natal. Ano de 1948. Hoje, Instituto de Educação — Instituto Kennedy.

Professor do Ginásio de Natal (antes, Educandário de Natal). Anos de 1948-1956.

Membro da Comissão Organizadora da Faculdade de Ciências Econômicas de Natal.

Membro da Comissão Organizadora do Regimento da Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Norte.

Membro da Comissão Organizadora do Regimento da Faculdade de Engenharia do Rio Grande do Norte (de nomeação do Governo do Estado).

Membro da Comissão Organizadora do Regimento da Escola Normal de Natal (nomeação do Governador do Estado).

Orientador da Organização e Instalação de 35 escolas de Comércio do Estado do Rio Grande do Norte.

Membro da Comissão de Aperfeiçoamento e Expansão do ensino Comercial, da Comissão do Fundo Nacional de Ensino Médio, e Coordenador do Ensino Comercial no Estado do Rio Grande do Norte.

Registro de Administração de Escola (D.R. do Ministério do Trabalho, de Natal).

Registro de Jornalista profissional (D.R. do Ministério do Trabalho, de Natal).

ENCARGOS E FUNÇÕES

Membro da Liga de Defesa Nacional, como Vice-Presidente (Mossoró). Anos de 1940-1946.

Membro da Comissão de Preços (Mossoró). Anos de 1946-1947.

Secretário de SENAC, no Rio Grande do Norte, na instalação da Delegacia Regional. Ano de 1948.

Secretário do SESC, no Rio Grande do Norte, na instalação da Delegacia Regional. Ano de 1948.

Diretor do Departamento de Ensino do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), na Administração Regional do Rio Grande do Norte.

Diretor Geral do Departamento Regional do SENAC, na Administração do Rio Grande do Norte.

Secretário de Expediente da Federação do Comércio Varejista do Rio Grande do Norte.

SERVIÇO PÚBLICO

Chefe do Gabinete do Governador Dix-Sept Rosado. Ano de 1951, até julho.

Requisitado pelo Ministro da Educação e Cultura ao Governo do Estado do Rio Grande do Norte para prestação de serviços ao DEC.

Assessor do Diretor do Ensino Comercial.

MAGISTRATURA

Juiz de Direito de 3a. Entrância, aposentado em 1957. Comarca de Apodi, Estado do Rio Grande do Norte.

REUNIÃO DE TÉCNICOS

1a. Reunião de Técnicos do SENAC, em Bertioga, Estado de São Paulo. Ano de 1951.

2a. Reunião de Técnicos do SENAC, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Ano de 1955.

3a. Reunião de Técnicos do SENAC, em Araruama, Estado do Rio de Janeiro. Ano de 1956.

SEMANAS DE ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

2a. Semana de Orientação Pedagógica do Ensino Comercial, em Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Ano de 1953.

3a. Semana de Orientação Pedagógica do Ensino Comercial, em Salvador, Estado da Bahia. Ano de 1953.

4a. Semana de Orientação Pedagógica do Ensino Comercial, em Recife, Estado de Pernambuco. Ano de 1953.

OUTROS ENCARGOS

Membro da Mesa Eleitora P. Receptora, nas Eleições, realizadas em Natal, Estado do Rio Grande do Norte. Ano de 1934.

Membro do Tribunal do Júri, em Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte. Anos de 1936-1938.

Membro da Junta Apuradora Eleitoral, na mesma cidade. Ano de 1945.

Membro do Tribunal do Júri, na mesma cidade. Ano de 1955.

Presidente da Comissão Examinadora do Concurso da Guarda Fiscal do quadro da Secretaria das Finanças do Rio Grande do Norte.

LITERATURA E HISTÓRIA

Certificados de comparecimentos na Academia Brasileira de Letras, ao Curso de Modernismo, em 1962. e no Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos ao Curso de Introdução à Realidade Africana, em 1962.

Curso do Centenário de José Bonifácio. Ano de 1963.
Curso IV° Centenário do Rio de Janeiro. Ano de 1963.
Curso de Literatura Americana. Ano de 1963.
Curso dos Centenários. Ano de 1964.

Curso de Extensão Universitária, comemorativo do IV° Centenário do Rio de Janeiro:

História e Desenvolvimento
da Cidade. Ano de 1965.

Curso Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro nos Séculos XVI e XVII. Ano de 1967.

Curso sobre Machado de Assis. Ano de 1964.
Curso do Centenário de Euclides da Cunha. Ano de 1966.

SEMINÁRIOS, SIMPÓSIOS E MISSÕES

II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro, em 1958, em que representou o Estado do Rio Grande do Norte.

I Seminário de Ensino Normal, realizado, em 1958, no Rio de Janeiro, de que foi vice-presidente, credenciado pela Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte.

Integrante do Grupo de Trabalho que elaborou a Reforma do Ensino Primário e Normal do Estado do Rio Grande do Norte, sob os auspícios do ISEP, na gestão do Secretário de Educação Dr. Tarcísio de Vasconcelos Maia.

Certificados de comparecimentos à Missão Pedagógica, realizada em Natal, com orientação do Dr. Lafayette Belfort Garcia, em 1956; aos trabalhos da Missão Pedagógica, realizada na mesma cidade, com orientação do Prof. Manuel Tavares Cavalcante, em 1959; aos trabalhos do Seminário do Sistema de Ensino Funcional para estágios de professores das escolas técnicas de comércio, instaladas pela CAEG e ministrado pelo Prof. Paulo Zanata e sua equipe da Escola Técnica de Comércio Nossa Senhora Aparecida de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, em 1959; aos trabalhos itinerantes da Missão Pedagógica, orientada pelo Prof. Manuel Marques de Carvalho, que percorreu mais de Vinte municípios do interior do Rio Grande do Norte, em 1964; ao Simpósio Formação Profissional nos Países Subdesenvolvidos, promovido, no Rio de Janeiro, pela Confederação Nacional do Comércio e Confederação Nacional da Indústria, em 1964; ao Seminário Nacional

de Educação Musical, promovido pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, em 1965; ao Simpósio de Leitura, promovido pela Associação Brasileira de Educação, em 1966; ao Curso de Orientação e Proteção Comunitária em que figurou como orientador geral do I Simpósio de Educação Assistencial (Curso, promovido pelo Departamento Nacional de Educação, e dirigido pelo Prof. Tarso Dutra, em 1967; e ao Seminário de Educação e Segurança Nacional, realizado, no Rio de Janeiro, em 1967, pela Universidade do Brasil, em que participou como componente do grupo de trabalho.

CONGRESSOS DE ENSINO

Certificados de comparecimentos ao Congresso Brasileiro do Ensino Técnico Comercial, realizado em São Paulo, em 1955; Congresso Brasileiro do Ensino Técnico Comercial, realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1957; Congresso Brasileiro de Ensino Técnico Comercial, realizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1959; Congresso Brasileiro do Ensino Técnico Comercial, realizado em Araxá, Minas Gerais, em 1961; Congresso Brasileiro do Ensino Técnico Comercial, realizado em Poços de Caldas, em 1963; Congresso Brasileiro do Ensino Técnico Comercial, realizado em Porto Alegre, em 1967.

ENCONTROS DOS COORDENADORES DO ENSINO COMERCIAL

Reuniões na Casa do Professor, em Silvestre, Rio de Janeiro, em 1956 e 1957.

ENCONTRO DE TÉCNICOS DO ENSINO COMERCIAL

Curso de Preparação dos Trabalhos do VI Congresso do Ensino Técnico Comercial, realizado em Bertioga, na Colônia Rui Fonseca, Estado de São Paulo, em abril de 1965.

INSTITUIÇÕES A QUE PERTENCE

— Associação de Professores do Rio Grande do Norte
— Instituto Gencalógico Brasileiro
— Casa Euclides da Cunha
— Associação Brasileira de Imprensa
— União Brasileira de Escritores (Presidente da Seção do Rio Grande do Norte)

— Comissão Estadual de Folclore
— Academia Norte-Rio-Grandense de Letras
— Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
— Ordem dos Advogados do Brasil
— Federação das Academias de Letras
— Sindicato dos Advogados do Brasil — Guanabara
— União de Viajantes e Corretores Comerciais — São Paulo
— Instiuto de Pesquisa do Oeste Potiguar — Mossoró
— Sindicato dos Jornalistas Liberais do Estado da Guanabara
— Centro Norte-Rio-Grandense — Guanabara
— Associação Brasileira de Educação
— Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa
— Cenário Brasileiro de Letras e Artes
— Sociedade dos Homens de Letras do Brasil
— Sindicato dos Escritores do Estado da Guanabara

M E D A L H A S

Bronze no XXV aniversário da Faculdade de Direito de Alagoas. Ano de 1956.

Ouro, na Festa das Personalidadse, em Natal. Ano de 1961.

T Í T U L O S D E H O N R A

Aluno honorário da Faculdade de Direito de Alagoas, personalidade do ano, na festa do cronista Paulo Macedo, em 1961, diploma de cidadão mossoroense, por votação da Câmara Municipal de Moçoró, e, 20 de abril de 1960, e promugação, em 25 de abril de 1960, entregue com palavras do vereador José Inocêncio Neto, em sessão da Câmara Municipal de Mossoró; e cidadão Serra Negrense-do-Norte, título concedido em 1972.

P U B L I C A Ç Õ E S

— QUARTEIRÃO DA FOME (Romance) Rio de Janeiro, 1951
— ROTEIRO DA ZONA (Estudos Regionais) Rio de Janeiro, 1952
— MOSSORÓ (*) NO ESPAÇO E NO TEMPO (Centenário da Cidade)
— PROVÍNCIA LITERÁRIA (Ensaios)
— HISTÓRIA DOS MONUMENTOS E PRAÇAS DE MACEIÓ
— LAMPIÃO EM MOSSORÓ (*) (Documentário)

— NEGOCIANTES E MERCADORES (Pesquisa Sociológica)
— ADAUTO CÂMARA (Ensaio)
— MEMÓRIAS DE UM RETIRANTE, Rio de Janeiro, 1957
— FIGURAS E TRADIÇÕES DO NORDESTE, Rio de Janeiro, 1958
— ESTÓRIA DE LOBISOMEM (Pesquisa e Folclore) Rio de Janeiro, 1959
— EM CASA ESTÁ BATENDO, NO MATO ESTÁ CALADO **(Fonte de uma Pesquisa)**
— ZONA DO PÔR DO SOL (O Tempo e os Homens de Província) Coleção Mossoroense, Rio de Janeiro, 1964
— A ESCOLA DE OUTRO TEMPO, Coleção Mossoroense, Rio de Janeiro, 1968.
— DOIS DEPOIMENTOS SOBRE JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS
— OS REVOLTOSOS EM SÃO MIGUEL (1926)
— TERRA E GENTE DE MOSSORÓ (*)
— VISÕES E ABUSÕES NORDESTINAS
— A REVOLUÇÃO DE 1930 EM SERRA NEGRA
— RUAS, CAMINHOS DA SAUDADE, Coleção Mossoroense, 1973
— MEMÓRIAS DE DUAS ÉPOCAS. Rio de Janeiro, 1967
— ASPECTOS DO TEATRO EM MOSSORÓ (*) Rio de Janeiro, 1967.
— TERMOS POPULARES DO RIO GRANDE DO NORTE
— PRESENÇA DA MULHER MOSSOROENSE (*) NO MOVIMENTO ABOLICIONISTA DE 1883. Mossoró, 1974
— CARTAS DE UM DESCONHECIDO
— JACINTO CANELA DE FERRO
— UMA TARDE NA VIDA DAS ACADEMIAS (De colaboração com Walter Wanderley).
— EM REVISTA O CENTENÁRIO DE O MOSSOROENSE (De colaboração com Walter Wanderley)
— JOCELIN VILAR, UM POLÍTICO DA VELHA ESCOLA PARTIDÁRIA POÇO
— POÇO DAS PEDRAS (Romance)
— SOMANDO OS DIAS DO TEMPO
— EVOLUÇÃO URBANÍSTICA DE MOSSORÓ
— JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS — UM HOMEM DE MUITAS LUTAS (De colaboração com Walter Wanderley)
— A ESCOLA NORMAL DE MOSSORÓ — 50 ANOS DA FUNDAÇÃO
— MOSSORÓ NO ESPAÇO E NO TEMPO **(Nas comemorações do Centenário do Município, em 15 de março de 1955)**

Trabalho reproduzido em MEMÓRIAS DE DUAS ÉPOCAS — Rio de Janeiro, 1967.

— PROVÍNCIA LITERÁRIA (**Crônicas Literárias**) — Rio de Janeiro, 1953

— HISTÓRIA DOS MONUMENTOS E PRAÇAS DE MACEIÓ — Natal, 1954

— BACHARÉIS DE OLINDA E RECIFE (Norte-Rio-Grandenses, formados de 1832 a 1932) — Coleção Mossoroense, Vol. VII — Rio de Janeiro, 1960.

— TERRA E GENTE DE MOSSORÓ (Pesquisa sobre o 30 de Setembro) 2a. Ed. do Centro Norte-Rio-Grandense — Rio de Janeiro, 1967.

— POÇO DAS PEDRAS (Romance) — Rio de Janeiro, 1973.

— EVOLUÇÃO URBANÍSTICA DE MOSSORÓ (**Edição Patrocinada pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, para Congresso Nacional de Botânica**) — Coleção Mossoroense, n.º 218 — Natal, 1974.

— PRESENÇA NORTE-RIO-GRANDENSE NA ALÇADA PERNAMBUCANA (**Publicação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, com auxílio do Conselho Federal de Cultura**) — Rio de Janeiro, 1971.

I

QUARTEIRÃO DA FOME (**Romance**) Rio de Janeiro, 1951

Crônica romanceada, de 206 páginas, a respeito da terra e da gente da região das secas, cheia de valiosas referências históricas às antigas famílias que aportaram à rechã, aos conquistadores dos primeiros tempos, aos colonizadores, audazes, como eram denominados os aventureiros portugueses que, em grupos armados, faziam guerra à indiada, penetravam na terra desconhecida. E,nessas viagens perigosas, em que a vida era o que menos valia, iam cortando matas, nunca vadiando, vadeando rios, abrindo picadas, fincando os mourões dos currais, donde surgiria a riqueza da gadaria, levantando paliçadas, erguerdo capelas, cavando alicerces dos lugares que não tardariam a florescer, abrindo, enfim, os caminhos da colonização, com a coragem e o espírito fortes da grei luzitana, senhora dos mares e do Novo Continente, pois, como dizia Fernando Pessoa, para os portugueses "navegar é preciso, viver não é preciso".

II

ROTEIROS DA ZONA OESTE (**Estudos Regionais**) — Rio de Janeiro, 1952.

Obra de 224 páginas, mandada editar pelo Governador do Rio Grande do Norte Dix-Sept Rosado, com fundamento na Lei n.º 145, de 6 de agosto de 1900, do Governo de Alberto Maranhão.

Continuam-se, neste livro, as valiosas referências à gente portuguesa. Acerca da vila de Portalegre na revolução de 1817, narra Raimundo Nonato:

"A pequena Vila de Portalegre entrava, deste modo, para a história de uma revolução, onde o seu nome figura através de inúmeros processos, de autos de deportações e sequestros promovidos contra os seus chefes acusados de alta traição à Coroa".

Pertinentemente a esta curiosa expressão toponímica diz o autor: "Portalegre foi a denominação que acudiu aos viandantes para aquela passagem original e pitoresca. E Portalegre ficou sendo denominação do fertil município daquela região sertaneja".

E lembra o secritor outro pormenor digno de nota: "Na história de Portalegre, registra-se um fato importante com a deportação dos índios, motivada pela execução da Carta Regia, de 14-08-1758, que o Dr. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco, Juiz do Foro da Cidade de Olinda e Vila de Santo Antônio de Pernambuco, mandara cumprir, com ordem de que se afixassem editais na porta da Matriz de S. João Batista do Apodi, marcado o dia 12 de junho, para sua final execução".

"—No dia 23, prossegue o articulista, pernoitaram nas margens de uma Lagoa, onde Caldeira mandou fazer uma grande fogueira e rezar um terço em louvor do glorioso S. João Batista; em comemoração a esta data, se ficou chamando Lagoa de S. João que, ainda hoje, conserva. No dia 24, subiram a Serra de Santana, e, chegando ao cimo da Serra, o Juiz Caldeira, olhando, disse as seguintes palavras: "É uma porta alegre". Desde este dia, ficou sendo chamada de Serra de Portalegre"... (referência curiosa registrada pelo cronista Nonato Mota).

E continua Raimundo Nonato mais minuciosamente:

"A Vila de Porta Alegre foi criada, em 9 de dezembro de 1761, e, no mesmo dia, foi levantado o Pelourinho, aos gritos do Meirinno João Francisco Denis, que bradava, em altas vozes: "Rial! Rial! Viva o nosso Augusto Soberano Rei e Senhor D. José I de Portugal!

Voltando a examinar as conseqüências do movimento Pernambucano, comenta:

"A revolução de 1817 fazia estremecer os governos das capitanias do Norte, que se debatiam na posse de escassos meios de resistência.

Com aquele ato de rebeldia da Capitania de Duarte Coelho, logo se filiaram a Paraíba e Rio Grande do Norte. E sempre bem humorado, o filho de D. Maria I... estava sujeito às crises da irritável Carlota Joaquina.

Depois, volta o autor a falar de Portalegre:

"A Vila da Portalegre encabeçou a intentona. Ali, a notícia de que André de Albuquerque assumira o Governo, no dia 25 de março, foi recebida com o mais vivo entusiasmo, debaixo de foguetões, passeatas e discursos. Regozijado, também, com o acontecimento, o Pe. Cordeiro foi ao público e, lá proferiu uma oração, lembrando aos seus paroquianos, que eles, agora, tinham uma Pátria livre".

Em outro capítulo, esclarece uma interessante denominação regional:

"O nome original do lugar relembra a época do povoamento, as primeiras viagens ao interior, as fazendas de gado que se iniciavam, a luta contra o levante dos índios, que, à força, iam sendo expulsos das suas terras, das suas tabas.

"Conta-se que, durante as terríveis batidas aos silvícolas, um dos comandantes das tropas, que devastavam a região, impressionado com a extensão e uniformidade daquelas plagas, teria exclamado, em meio à adustão das vastas planícies, que se perdiam de vista: "Que campo grande!..."

Falando do velho povoador português que fundou Mossoró narra sua história, sucintamente:

"Do meio para o fim do século XVII, data a época em que Antônio de Sousa Machado se transportou para as terras do Rio Grande do Norte".

"Anteriormente, residia esse colono, em terrenos da Ribeira do Jaguaribe, no lugar Mata Fresca, desempenhando funções de "Sargento-mór, nomeado comandante dessas plagas pelo Governo da Capitania do Ceará-Grande".

"Natural de Braga com o gênio aventureiro da gente portuguesa, e domiciliado, no Brasil, desde os primeiros anos da sua mocidade, Sousa Machado, aqui chegando, fixou morada na Barra de Mossoró, segundo outros, nas planícies de Grossos, onde construiu uma fazenda e começou a criação de gado".

III

MOSSORÓ NO ESPAÇO E NO TEMPO

(Nas Comemorações do Centenário do Município, em 15 de março de 1955) — Trabalho, reproduzido em MEMÓRIAS DE DUAS ÉPOCAS — Rio de Janeiro, 1967.

Estudando os fatores que contribuíram para a formação da cidade de Mossoró, Raimundo Nonato expõe;

"**O Espírito Lusitano** — Foi esta idéia da continuidade e da permanência do espírito da conquista, entre novas terras, novas gentes (**Os Lusíadas**, de Luís de Camões) que animou a colonização lusitana, por toda a parte, confiante no velho princípio da formação espontânea das cidades".

"Deste modo, plantaram-se aqui, os portugueses, indistintamente, sem forma e sem ordem pré-estabelecidas, sem outro cuidado, que não da preferência do local, por utilitarismo de defesa de emergência".

"Depois, ultrapassaram os redutos naturais, subiram os planaltos, avançaram às margens dos rios, cortando os campos, talando os recôncavos, destruindo os matagais bravios, abrindo clareira nas florestas, arrebatando a terra do índio, conquistando o domínio do ouro, como deles fizeram literatura João Ribeiro e Paulo de Setúbal".

"Já então, atingira o padrão de riqueza, o ciclo da cana de açúcar. "O desenvolvimento da indústria açucareira, esclarece Pedro Calmon, tornara-se impetuoso".

"As raízes das Casas Grandes entranhavam-se no chão da Capitania de Duarte Coelho".

E comenta o escritor, judiciosamente:

"Os povoadores — O período áureo não tardara em afastar, para muito longe, a linha demarcatória da fronteira ocidental da Colônia. Eram os bandeirantes, imperando pelo reinado das selvas. A tal ponto penetrando por esse estranho território, bastando, para revivê-los, recordar a audácia e a bravura de um Raposo Tavares que, ao alcançar, com o seu bando, as costas do Pacífico, ainda tinha forças para afirmar: **"se a mais terras não fui, é porque não havia mais terras".**

"Sousa Machado, sargento-mór, de Braga velho povoador do rincão mossoroense, com sua fazenda em Mata Fresca era sangue dessa aventudeira e brava que plantava cidades pelo interior e arrancava o ouro das montanhas".

E, estudando a influência do fator geográfico, esclarece o pesquisador:

"Nenhum rio (refere-se ao Mossoró), nenhum outro rio teve formação histórica tão constante".

"O gado, na opinião de João Calógeras (**Formação Histórica do Brasil**) havia encontrado condições favoráveis de desenvolvimento em toda a região da Bahia e de Pernambuco".

"**A Fazenda Santa Luzia**" — O português reinol, que se alojou nessas bandas, trazia a mesma idéia de aproveitamento do solo, para expandir a criação" (Vingt-Un Rosado, Mossoró)".

"O sociólogo de Casa Grande e Senzala já acentuara numa conceituação definitiva: "**A mobilidade foi um dos segredos** da vitória do português".

IV

PROVÍNCIA LITERÁRIA (**Crônicas Literárias**) — Rio de Janeiro, 1953.

Obra de 176 páginas. É dos livros do escritor Norte-rio-grandense o que apresenta maior número de referências a escritores e livros portugueses. O primeiro capítulo enfeixa um erudito estudo, intitulado **As Catarinas na Vida** de Camões, em que o autor examina o drama dos amores do épico e de Natércia, dama da Corte, E, longamente, comenta:

"A análise difícil, enfadonha, o complicado da construção dos escritores quinhentistas, o amaranhado das orações, enfim o estilo seus segredos, peculiaridades e reentrâncias abriam para os estudantes da época as fontes mais ricas do poder criador e das manifestações do gênio e da língua lusitana.

"Extensão desse campo literário representava, então, um poderoso ciclo de idéias, cujo sentido, vencendo o tempo e as distâncias, ter-se-ia de projetar para o futuro de outras gerações, lampejando o vigor e a beleza, a eloquência e a epopéia de **Os Lusiadas** um desses raros e importantes poemas da espécie:

"Era, pois, o quadro desse livro que a escola abria para as suas aulas e para a formação cultural dos seus jovens educados, e meio por onde deslizavam, como sombras, que emergissem de um tapete mágico, nomes ilustres, **barões assinalados**, heróis, navegadores e soldados, de par com a Geografia de um mundo imaginário, portentoso e desconhecido, cuja toponímia revelava Moçambique,

Quíloa, Mombaça, Goa, Calcuta e Taprobana, terras fabulárias, por onde iam aproando as naus aventurosas com **as armas e os barões assinalados**".

"Camões foi assim, na escola do passado, um mito... E a curiosidade dos amores de Camões nunca foi tema esquecido".

"Daí, as Catarinas nunca lhe deixaram muito sossego".

"Afrânio Peixoto, num vigoroso ensaio, **Camões, o Poeta Social**, assim se refere ao assunto:

"Das Catarinas havemos de dizer, porque há pelo menos três. São as três que atrapalharam, talvez, a "única" vida romanceada de Camões".

Relembrando a decorrência do centenário de nascimento do livreiro Francisco Alves, transcreve da Revista **Autores e Livros** o seguinte:

"Francisco Alves de Oliveira nasceu na freguezia de Santa Maria Maior do Outeiro, em Cabaceiras de Basto, Portugal, em 8 de agosto de 1848. Aos 20 anos, veio para o Brasil e estabeleceu-se com uma loja de livros velhos, na Rua S. José. Pouco depois, tornava-se sócio do seu tio, Nicodemus Alves que tinha fundado, em 1855, a Livraria Alves na Rua Gonçalves Dias. Em 1897, Francisco Alves transferiu a livraria da Rua Gonçalves Dias para a do Ouvidor. Por Carta Imperial de 28 de julho de 1883, naturalizou-se cidadão brasileiro. Ali, trabalhou sem descanso e sem trégua, até, por assim dizer, no dia do seu falecimento, o qual ocorreu a 29 de junho de 1917".

"Sua livraria era lugar de encontros certos de João Ribeiro, Tobias Monteiro, Rodrigo Otávio, Afrânio Peixoto, Olavo Bilac, Sílvio Romero e tantos outros vultos exponenciais da aristocracia do pensamento, da cultura e da inteligência brasileiras".

No exame do livro de José de Santa Rita Durão, escreve:

"... um dos primeiros autores nacionais que se preocupou com o romance de amor da índia brasileira. E fê-lo em versos, no **Caramuru**, seu grande poema épico, por cujas páginas, na forma e no estilo, resplandece o vigor dos lances camonianos. Há até, quem sussurre que há um plágio diluído pelos seus cantos, onde correm, como um fio de ouro, o ritmo e a beleza do famoso soldado de Cauta.

"Grande parte do poema de Santa Rita exalta o enredo do drama afetivo, as notas do primeiro contacto da mulher silvícula com o amor feroz do reinol tempestuoso, tresando a paixão e a volúpia.

"Gilberto Freire assegura que a mulher nativa cedo enfeitiçou o português conquistador... pois se deixava seduzir por qualquer bugiganga ou caco de espelho.

"O caso de Caramuru, nesse particular, é típico. Que o "filho do trovão" se tenha feito um dissoluto, um fauno solto, cevando o instinto no amor fácil das pobres índias, também não é fato muito controvertido.

"De modo geral, ainda aqui argumenta o sociólogo de **Casa Grande e Senzala:** atraídos pelas possibilidades de uma vida livre, inteiramente solta, no meio de muita mulher nua, aqui se estabeleceram por gosto e vontade própria, muitos europeus do tipo que Paulo Prado retrata em traços fortes de realismo. Garanhões desbragados".

Ao tecer comentários, a respeito do livro de Wanderley Pinho, **Damas e Salões do Segundo Império,** expõe:

"É que D. João VI e sua Corte viriam influenciar, com novos hábitos, a rotina de uma sociedade de caráter semifeudal, como era a do Brasil Colônia.

"Com eles, a etiqueta, as apresentações, as danças, os banquetes e as cerimônias de casamentos e batizados, enfim tudo que a nobreza emigrada comportava na sua hierarquia serviu de modelo à nova aristocracia dos senhores de engenho, cujo luxo observado, entre outros, por Maria Graham, Ferdinan de Denis e Marcius, deixava extasiados os viajantes que, por aqui, passavam com a profusão de pedras e adereços que as mulheres ostentavam nas recepções e nas festas".

E, na **Derrota do Livreiro da Província,** Raimundo Nonato conta:

"Metia ordem no Correio e dizia ao gerente da Livraria Alves, no Rio, que lhe mandasse um conto de réis de boa literatura. E, daí a uns 40 ou 60 dias, começavam a chegar os caixotes atufados de preciosidades: os **Sermões** de Vieira; a **Nova Floresta** de Bernardes; **Os Lusíadas** de Camões; a **Velhice do Padre Eterno** de Guerra Junqueira; o **Lunário Perpétuo; Eurico, O Presbítero,** de Alexandre Herculano; o **Amor de Perdição** de Camilo; Eça de Queirós com a **Cidade e as Serras** e o **Crime do Padre Amaro;** além dos autores estrangeiros e nacionais de maior renome".

O comentário do autor estende-se ao nativismo na Literatura, quando aborda o tema ligado à índia brasileira:

"... motivo de sedução e de encanto para o vislumbramento dos primitivos artistas que se ocuparam dos nossos temas da gente e da **terra chá e graciosa** que tanto impressionara o escrivão Vaz de Caminha".

"Para Martins, o aventureiro luso, que, por semelhança aos seus, tinha, no sangue, o destino insaciável das emoções e das con-

quistas, o encontro com a graciosa princesa das solidões, onde frondejavam as famosas acácias silvestres, as oiticicas, os jatobás, as aroeiras e as andirobas, acordou-lhe o sentimento do desejo, no quadro que descobriam seus olhos cheios de cupidez, do cansaço das lutas e das viagens do sem-fim".

"Às jovens índias, sem menor restrição, a elas se referem navegadores, homens de letras, aventureiros e soldados, todos unânimes, lhes reconhecendo e louvando as qualidades, a beleza física, os pendores e os sentimentos afetivos.

"E manda dizer Vaz Caminha, na sua carta a El Rei D. Manuel, esta coisa impressioonante:

"Ali andavam entre eles três ou quatro mulheres moças, bem moças, bem gentis" ... "Também andavam entre eles quatro ou cinco moças, nuas, que não pareciam mal..."

E, assim, em suas andanças, o irrequieto escritor chega ao autor de **O Uruguai** e expõe:

"Sobre o seu poema, que fora publicado, pela primeira vez, em 1769, o Visconde de Almeida Garrett mais tarde viria descobrir-lhe qualidades que escapariam ao espírito da crítica, para se transformarem só em elogios: "**O Uruguai**, escrevia, à época, o autor de **Camões**, é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais muito bem pintadas, de grande e bela execução descritiva, frase pura e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos, e, quando cumpre, sublimes, sem ser guindados; não são qualidades comuns".

"Os brasileiros, principalmente, devem-lhe a melhor coroa de sua poesia, que nele é, verdadeiramente, nacional e legítima americana".

HISTÓRIA DOS MONUMENTOS E PRAÇAS DE MACEIÓ — Natal, 1954.

Livro de 74 páginas, prefaciado pelo Prof. Jaime Tavilla, diretor da Faculdade de Direito de Alagoas, premiado pela Câmara Municipal de Maceió.

Pesquisador incansável da presença do português no Brasil, Raimundo Nonato de novo se encontra com o elemento colonizador dando dele novas notícias sempre atraentes e valiosíssimas:

"Foi, certamente, por contar com o apoio de grandes gabinetes de Ministros ilustres, ora saídos dos conservadores, ora dos liberais, se não dos dois partidos políticos do tempo, que o neto de D. João VI promoveu, no seu longo reinado, uma política de

elevação do nome e do conceito do Brasil, no julgamento dos povos cultos e de tradicionais nações do Velho Mundo".

E de suas visitas a velhos monumentos colheu o autor:

"No obelisco já não são legíveis alguns nomes e datas".

"Na parte anterior, as letras vão desaparecendo, mas a recomposição dá para entender: 7 de setembro de 1822. No lado direito: D. João V. No lado esquerdo: D. Pedro".

"A data está quase desaparecendo, restando só 7... set... 8... 2..."

"O nome deve ser D. João VI. O filho de D. Maria I, mais de perto ligado aos acontecimentos da Indpeendência do Brasil".

Nessa pesquisa, realizada em companhia do acadêmico Edson Zambrano, o autor não faz outra menção acerca do elemento luso em Alagoas.

VI

MEMÓRIAS DE UM RETIRANTE — Rio de Janeiro, 1957.

Livro de 232 páginas, com apresentação de Luís da Câmara Cascudo que dele escreve:

"Os livros de memórias têm, naturalmente, o aspecto valorizador de quem os viveu. Vez por outra valoriza demasiado, mas a recordação incide, deliciosamente, sobre pormenores que o tempo enriqueceu, e foram aumentados por ele. Nestas **Memórias**, não há esse processo. É um depoimento de como o menino da Serra do Martins chegou a ser, sem pensar, mas trabalhando para esse fim, um dos maiores professores do Rio Grande do Norte.

De não menor importância é ter o evocador fixado figuras e fatos que jamais teriam saído do túmulo para um minuto de admiração leitora. Os personagens mais humildes e as cenas mais banais ganharam o relevo e a sonoridade, postas no ritmo acelerado da taquicardia literária.

Livro formoso, simples, emocionador, verídico, humaníssimo. É um documento que moldura a tenacidade do sertanejo e evidencia que outros meninos, a estas horas, caminham, a pé, para as cidades do litoral, olhando o exemplo grande do escritor que soube vencer sem ruídos e dominar sem orgulho. Grande, esplêndido livro !"

Logo nas primeiras páginas, o memorialista situa o homem luso, escrevendo:

"Atravessando, depois, aquela multidão, da outra parte, ficava o beco de Chico Bernardo; o negócio de malas do **português Artur Céa**, a rua da casa de Jeremias Cego; a bodega de "seu" Cali; a Maçonaria".

E acrescenta, "Alguns mais experientes já tinham planos traçados para o futuro, como Antônio de Beta: "Vocês vão ver, no ano vindouro, eu deixo esta malandrice, vou trabalhar, ganhar dinheiro e viver como gente. Já no mês, que entra, **estarei na Oficina de Artur Céa, aprendendo a fazer malas**". Diga-se que este homem já referido, era um cidadão de **nacionalidade portuguesa**, embarcadiço, que respondera por um crime cometido a bordo de um navio, juntamente com um irmão, no Porto de Areia Branca, no ano de 1895. Foi figura muito conhecida e bem relacionada no meio comercial de Mossoró..."

A biblioteca da escola foi um grande mundo, aberto aos olhos do escritor:

"Dessa temporada, conto largas horas de convivência na biblioteca da sociedade, onde se encontravam excelentes livros. Foi aí, que vi, pela primeira vez, o livro de Euclides da Cunha, **Os Sertões**; as coleções de Eça de Qeuirós; de Alexandre Herculano; de Rui Barbosa".

"A esse tempo, também, li e reli, com a emoção da idade, um livro que me sacudiu os sentimentos, o **Amor de Perdição** de Camilo Castelo Branco".

VII

FIGURAS E TRADIÇÕES DO NORDESTE — Rio de Janeiro, 1958.

Trabalho de pesquisa regional, de 170 páginas, editado, como quase todos os seus livros, pelos Irmãos Pongetti Editores. Nesta obra, Raimundo Nonato fixa, mais diretamente, aspectos da área dos sertões e de suas figuras representativas:

"Foi a escritora norte-rio-grandense Nísia Floresta Brasileira Augusta, mulher de invulgar talento que chegou a pronunciar uma conferência sobre tema republicano, **ali mesmo, aos ouvidos da própria Corte de Bragança e ao alcance dos Tribunais do bom gordo Rei D. João VI, que fulminavam, com suas sentenças**, os líricos profetas dos primeiros movimentos da Independência.

Por outro lado, acentua o escritor:

"Não é menos rico o documentário em que se situa a posição do elemento colonizador. O luso aventureiro, dissoluto, pé de chumbo, garanhão e danado por mulher, encontra, enfim, seu mun-

do ideal. Expandiu-se, deu farta ao instinto do sexo, tomou conta das matas, virou bicho nesses sertões bravios.

E encerra assim, este capítulo:

"Também, não era para menos, pois, como lá está escrito, o europeu saltava em terra, esorregando em índia nua".

No capítulo, acerca de Cairu, escreve:

"Assim sucede no caso da abertura dos portos, quando tal medida sugeriu ao Regente do Trono, com erudição causar pasmo a circunstantes e reinós".

"A admitir-se, como acentua Max Fleiuss, que o Brasil nasceu em 1808, historicamente teria nascido com a ação de Cairu".

A respeito do homem que falava com os espíritos, cita o salineiro José Rodrigues:

"Olhe, Lucas, é porque você não entende, e não teve, ainda, a oportunidade de ver. Não é só o conselheiro que aparece aos nossos trabalhos. Numa sessão dessas, conversei com Napoleão Bonaparte, com o Marquês de Pombal e com Cistóvão Colombo. No meio da conversa chegou o Padre Antônio Vieira e mandou que eles metessem a viola no saco".

O Capítulo, em que estuda o Professor Manoel João, é profundamente impressionante:

"Tipo mais completo e mais característico do autoditada causa admiração a quantos o conheceram... como conseguiu, sozinho, sem mestres e sem grandes livros, que o pudessem auxiliar, acumular tão apreciável cabedal de conhecimentos no campo da linguagem".

"Na verdade, o português, ensinado pelo velho catedrático, não era exposição arranjada para a aula, assunto abordado nos limites do ponto, noções ou regras pontilhadas de magras citações, colhidas para cada caso ou perguntas de algibeira das que surgem, por aí, nos roteiros da improvisação com que tantos se lançam às aventuras do ensino. Ao contrário disso, o que ele ministrava aos seus discípulos era o conhecimento certo dos fatos da lingua, dos seus encantos e de sua forma, do modelo dos grandes mestres, a exemplo do autor dos **Lusíadas**, cujo estilo, rigor da construção, tropos e diversidades sintáticas, ele conhecia, explicava e transmitia com a proficiência de verdadeiro mestre".

ESTÓRIAS DE LOBISOMEM (**Regionalismo e Folclore**) — Rio de Janeiro, 1959.

Abre o volume um texto de Oliveira Martins, notável historiador, político e autor dos mais eruditos da língua portuguesa, extraído de seu livro **Sistema dos Mitos**, citado pelo etnógrafo Luís da Câmara Cascudo, em **Geografia dos Mitos Brasileiros:**

"Lobisomem é o filho que nasceu depois de uma série de sete filhos.

Aos treze anos, numa terça ou sexta-feira, sai, de noite, e, topando com um lugar onde um jumento se espojou, começa o fado".

"Daí por diante, todas as terças e sexta-feiras, da meia noite às duas horas, o lobisomem tem de fazer sua corrida, visitando sete adros (cemitérios) de igrejas, sete vilas acasteladas, sete partes do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas, até regressar ao mesmo espojadouro, onde readquire a forma humana. Sai, também, ao escurecer, atravessando, na carreira, aldeias, onde os lavradores recolhidos não adormeceram ainda.

Apaga todas as luzes, passa como uma flecha, e as matilhas dos cães, ladrando, perseguem-no até longe das casas. Diga-se, três vezes, Ave Maria, que ele dará um grande estouro, rebentando e sumindo-se. O sino-saimão (signo-de-Salomão é um fetiche contra o malifício. Quem ferir o lobisomem quebra-lhe o fado, mas que não se suje no sangue; de outro modo, herdará a triste sorte".

IX

ZONA DO PÔR DO SOL (**O Tempo e os Homens da Província**) — Coleção Mossoroense, vol. XII — Rio de Janeiro, 1964.

Zona do Pôr do Sol é denominação topográfica, procedente do povo.

A obra apresenta aspectos de vivo lusitanismo que se observa, logo, ao abrir o primeiro capítulo:

"Que gente turbulenta era essa, que, vindo de outras terras, em pleno século XIX, se digladiava em tiroteios, na **quadra aberta do pequeno arruado e fazia do solitário arraial do português colonizador campo de tumultos** e de sangrentas lutas e combates furiosos?"

"Diz-se que o povoado, e isso é tradição corrente, surgira por iniciativa do português Sousa Machado, que, no local, construiu uma capela sob a invocação de Santa Luzia".

No capítulo, em que se refere aos homens e à política de uma época, o comentarista, relacionando os membros da Sociedade Libertadora Mossoroense, aponta entre eles:

"..... Frederico Antônio de Carvalho (português), Vice-Cônsul de S. M. Fidelíssima ..... Joaquim de Oliveira Torres (português) ..... Manoel Maria Vieira de França (português) ..... e José Damião de Sousa Melo (português)".

A imprensa merece comentário especial do autor, porquanto a cidade possui um jornal centenário **O Mossoroense**, periódico de Jeremias da Rocha Nogueira, fundado em 17 de outubro de 1872. E, a esse respeito, escreve:

"Entre os companheiros de Jeremias, conta-se Joosé Damião de Sousa Melo, o português — brasileiro..."

E mais uma vez apresenta o velho professor da cidade e salienta, exalça a sua erudição da Língua e Literatura portuguesa:

"Apurado mestre do vernáculo, no mais amplo sentido esse que possa entender-se a expressão, intérprete profundo das peculiaridades do idioma, das regras e dos mais complexos segredos do camoniano, onde penetrava com a convicção de autoridade que se tornara nos domínios da língua portuguesa".

E, estudando outros aspectos da vida associativa do lugar, informa o escritor:

"em 1888, segundo registra a crônica, o português Antônio Fernandes fundou, em Mossoró, uma sociedade secreta. O povo não tardou em batizar a instituição chamando-a de Carbonária. Outros apelidaram-na de Panela de Féria (de feras). Certo é que a sociedade tinha lá seu nome oficial: Congregação Livre Popular".

X

A ESCOLA DE OUTRO TEMPO (Professores de Mossoró) — Coleção Mossoroense, série V, vol. XXII — Rio de Janeiro, 1968.

Pesquisa valiosíssima, a respeito dos velhos professores de Mossoró, entre eles Avelino Ildefonso (1), Miguel Carlos da Costa Rocha (2), Liberato (3) Antônio Mendes (4), Quintela Júnior (5), Israel Nazareno — Manoel João (6) e Amâncio Ramalho Cavalcanti (7):

1) "Era homem culto, dotado de pendores literários e de estudos das belezas do camoniano".

2) "Um dia, as irmães do bacharel deram de presente a um menino de rua, chamado Miguel de Canuto (só porque ele se chamava Miguel) um pequeno livro. Era um volume de **Os Lusiadas**, de Luís de Camões".

3) "Em Mossoró, viveu um professor paraibano, de nome José das Mercês Paraiba. Era homem de cor. Em sua aula mais adiantada, o Prof. Liberato ensinava Português, língua de que possuía sólidas noções, pois, a exemplo do que fizera o Dr. Avelino Azevedo, ensinava até análise, utilizando os textos de **Os Lusíadas** de Luís de Camões".

4) "Era de nacionalidade portuguesa. Nome ligado às atividades do comércio de Mossoró, no grande período do seu expansionismo.

"Antonio Mendes era desses aparecidos no lugar."

"O caso dele não é único, pois sabe-se que muitos jovens imigrantes vinham do Recife trabalhar no comércio de Mossoró. Esse foi o caso que ocorreu com, o também português, Bernardo Coutinho que veio daquela metrópole para servir de caixeiro na Casa de Delfino Freire da Silva."

"Mencionando o nome desse estrangeiro (Antônio Mendes), que não figurou em cursos de conferências, prmovidos na cidade, recordo, em seu abono, o julgamento de Romão Filgueira, a seu respeito:

"Um portuguesinho simpático, alegre e bom".

"Em suma: não sabia nada do Brasil. E muito pouco sabia de Portugal".

5) "O jornalista Quintela Júnior era homem de cultura e ensinava a Língua Portuguesa com muita proficiência".

"Nas suas aulas, dedicava longo tempo à análise dos temas camonianos. Seu roteiro gramatical era o do latinista maranhense Sotero dos Reis".

6) "Dentro da gramática, era um professor que sabia de tudo".

"Daí, o caso do seu concurso de Português, realizado em Natal".

"O examinador, Prof. Israel Nazareno, levava um volume de *Os Lusíadas,* anotado do princípio ao fim. E ao Prof. Manoel João entregaram um exemplar de outra edição, sem qualquer nota ou referência explicativa".

"Mas isso não foi motivo de embaraço para o examinando, que, abrindo o livro em qualquer parte, depois de rápida leitura, foi dissertando com segurança de quem dominava a matéria, avançando pelo campo da análise e do regime verbal, explicando figuras, suprindo as elipses e comparando os tropos, ora saindo da construção para a regência, ora penetrando nos esclarecimentos da mitologia e da história, que amplamente, ilustrava a página camoniana".

"... a banca examinadora, também no mais profundo silêncio, ouvia a exposição do velho educador mossoroense".

"Latinista de profundos conhecimentos dos segredos da língua em que se imortalizaram Cícero e Virgílio, Cônego Amâncio Ramalho, o filólogo, possuía o dom da palavra limpa, do aticismo da linguagem e do encanto do bom conversador que o era admirável".

"Sabia dar, nas suas aulas de Português, aos textos e aos comentários, uma interpretação fluente, rica e dominadora, atraente e bela, apontando, com versatilidade, os clássicos que lhe eram familiares, onde se enfileiravam *Camões, Vieira, Garret* e *Herculano,* para só lembrar os que se encontravam vinculados ao domínio luso da Península Ibérica".

"Ainda hoje, são lembradas suas aulas de Português, que ficaram memoráveis entre alunos e estudantes do Ginásio Santa Luzia e da Escola Normal".

XI

BACHARÉIS DE OLINDA E RECIFE (*Norte-Rio-Grandense, formados de* 1832 *a* 1932) — Coleção Mossoroense, Vol. VII Rio de Janeiro, 1960.

Obra longa, de 362 páginas. Abre o Livro um Comentário à Lei de 11 de agosto de 1827 que criou os Cursos Jurídicos de São Paulo:

"O cavalheiresco, arrebatado e irrequieto príncipe D. Pedro de Bragança, rebento histórico do estranho casal coroado, que foi D. João, o Regente do Trono, filho de D. Maria Primeira, a Louca, esposa de D. Pedro III de Portugal, e a desventurada Infanta de Espanha, D. Carlota Joaquina de Bourbon, filha de Carlos IV e de Maria Luisa de Parma, no seu agitado período de menos de dez anos de colegiado, o deixou no Império brasileiro, seu nome ligado ao patrimônio cultural da Nação, com a assinatura da Lei de 11 de agosto de 1827 que criava as Escolas de Direito de São Paulo e de Olinda".

XII

TERRA E GENTE DE MOSSORÓ (*Pesquisa sobre o* 30 *de setembro*) — 2.a edição do Centro Norte-Rio-Grandense — Rio de Janeiro, 1967.

Volume de 106 páginas, em que não se deixam de acentuar as sempre carinhosas referências ao autor à influência do povo português nesta região:

"Desde as primeiras tentativas da ocupação da nova terra descoberta, a incipiente economia da Colônia se processava através das migrações africanas, que se avolumavam nos territórios das Capitanias Hereditárias".

"Daí, porque a entrada dos primeiros escravos se iniciara, no Brasil, também com as primeiras tentativas da colonização organizada pela Coroa Portuguesa".

"No começo, foi Duarte Coelho, que, em 1535, pedia de Pernambuco para resgatar escravos da Guidé".

"Daí por diante, o sistema do donatário foi tomando extensão, e, em 1542, já contava a existência de alguns na sua Capitania".

"Na galeria dos abolicionistas, o autor apresenta os nomes de Joaquim de Oliveira Torres, negociante, de espírito alegre e irrequieto; Manoel Maria Vieira França, comerciante, trabalhando intensamente ao lado dos que combatiam o regime da escravidão; Frederico Antonio de Carvalho, homem de múltiplas atividades na cam-

panha abolicionista e que representou papel de maior saliência nessa luta sem quartel, e José Damião de Sousa Melo, espírito impetuoso e vibrante, jornalista combativo, poeta, sempre empenhado nas campanhas dos grandes ideais da fraternidade humana, todos portugueses".

E, fundamentando-se em documentos do tempo, o autor refere a sessão de 30 de setembro de 1883, em Mossoró:

"A mesa, ricamente decorada com pedras de cristal e de mármore, tinteiros dourados e azuis, em que a matéria é superada pela primorosa mão-de-obra, e por livros simbólicos, nitidamente encadernados, tais como a *Bíblia. Os Lusíadas,* e obras de Littré, de Afonso Esquiros, e, com maior relevo, o *Corpus Inris,* que tinha em cima uma hasta quebrada, e, em uma salva de prata, o anel de ouro que o Imperador Justiniano concedeu aos libertos, como símbolo da liberdade".

"E ilude, de passagem, à Libertadora Mossoroense que possuía, em sua Diretoria, como primeiro secretário, o português Frederico Antonio de Carvalho.

XIII

RUAS, CAMINHOS DA SAUDADE (*Em comemoração do Centenário da Cidade de Mossoró,* 9 *de novembro de* 1970) — Coleção Mossoroense, Vol. XXIII — Ano de 1973 — 151 páginas.

Similmente, nesta obra, Raimundo Nonato evoca a presença do elemento luso, e, assim, escreve no capítulo *A Imprensa e o Telégrafo*:

"Os fios vinham abrindo novos caminhos nos espaços".

"A 17 de outubro desse ano (1872), Jeremias da Rocha Nogueira com José Damião de Sousa Melo (este português) fundavam *O Mossoroense,* o primeiro órgão da imprensa da cidade. Porta-voz do Partido Liberal de Mossoró. Era também, dedicado aos interesses do Município, da Província e da Humanidade".

Ainda, deste ano de 1872, a outro acontecimento se refere:

"Assim é que foi a ocorrência digna de registro: a instalação do Recreio Dramático, sociedade organizada pelo português Manuel Gomes de Oliveira e Silva".

"Que atividades teriam sido as do clube do lusitano, lá pelo ano de 1873?"

E, mencionando outras sociedades, o autor recorda a carbonária:

"No ano de 1888, *o português* Antonio Fernandes Júnior fundava, em Mossoró, uma sociedade secreta, cujos fins de poucos eram conhecidos, denominada Congregação Livre Popular".

"O povo que não entendeu bem os propósitos da instituição, criada pelo luso, logo a batizou de Panela de Feras ou de Carbonária".

"A sociedade do *Português* não deixou tradição em Mossoró, além mesmo do seu nome e do seu patrono".

Traçando os limites da Rua Riachuelo conta o autor: "...na esquina do estabelecimento do *português* Artur Céa, fabricante de malas".

Ao lembrar os transportes urbanos de Mossoró, dá esta informação:

"Mas essa história dos bondes-de-burro vem de longe, pois os de Natal, trazidos pelo Dr. Vale de Miranda, português, foram comprados em Belém do Pará, quando a capital guajarina montara seus serviços elétricos".

XIV

ASPECTOS DO TEATRO EM MOSSORÓ (Serviço Nacional do Teatro) — Rio de Janeiro, 1967.

O autor narra, neste livro, a história do primeiro português que fez teatro no Brasil:

"O palco foi, sem dúvida, iniciativa das primeiras, na hora da colonização. Disso vem notícia sem contestação nas crônicas dos Jesuítas, quando se sabe que, no serviço da catequese, foram Anchieta e Nóbrega os primeiros teatrólogos do Brasil que representaram para os selvagens em plena selva do Novo Mundo".

Recorrendo à memória de Romão Filgueira, grande arquivo humano da cidade, conta Raimundo Nonato:

"Fora criada, em Mossoró, em 1873, uma sociedade dramática, composta de amadores, intitulada Recreio Dramático, sob a iniciativa do *português* Manuel Gomes de Oliveira, a qual dera alguns espetáculos. Em 1880, mais ou menos, (vê-se como era escrupuloso o cronista, quando tratava de datas sem registros determinados). reaparece o Clube Dramático Familiar, ainda sob a direção de Manuel Gomes de Oliveira, que funcionou regularmente, por muito tempo".

"Em 13 de agosto de 1891, fora fundado o clube Dramático Familiar, ainda sob a direção do mesmo Manuel Gomes de Oliveira, que vem funcionando até o presente ano".

Concernentemente as peças encenadas, põe em relevo: "Dessa época, que se tornou memorável, merecem registros as seguintes encenações dramáticas: *Brasileiros e Portugueses* de Segundo Wanderley, das maiores figuras do panorama da poesia Norte-Rio-Grandense; *A Filha do Marinheiro; João; O Corta-Mar;* e *Um Erro Judiciário*".

Outra sociedade, A Mocidade católica também encena peças: "Em 1903, o drama *Amor e Ciúme;* a cena dramática *Camões e João* de Casimiro de Abreu; e a comédia *Os Maçons e o Bispo*".

Em outro período, iria ao palco:

"... 7 de setembro, aniversário da Independência do Brasil, subirá a cena, o muito aplaudido drama, em 2 atos, de Camilo Castelo Branco, *A Justiça*".

Ainda outras r epresentações, no teatro do Chico Ricarte: "Troupe do Ruvira (1911). Esta troupe dum artista castelano exibiu-se em Mossoró. Do conjunto faziam parte Eurico Mamede, *português*, dono de boa voz. Maria Amélia, também de nacionalidade *portuguêsa;* H. Maia e Olegário de Andrade".

Lembra o escritor a passagem, em Mossoró, de uma grande companhia portuguesa:

"Os Geraldos (1917). Afamados *irmãos portugueses* que passaram por Mossoró, em 1917. Formavam uma companhia de variedades, precedida de justo renome, pois já se apresentara em vários países estrangeiros. Teve sempre boas casas. Eram principais artistas da companhia: Alda Magalhães e seu esposo Geraldo Magalhães, *ambos portugueses.* Clarisse Costa, corista, era *portuguesa.* Sales Rubem, também de nacionalidade portuguesa, teror". "Os Geraldos deixaram muitos admiradores em Mososró".

De *O Mossoroense,* jornal de Mossoró, extrai Raimundo Nonato, a notícia da exibição da troupe de Leoni de Siqueira, em Mossoró, ano de 1917:

"Dessa troupe, conforme informa o periódico, faziam parte Leoni de Siqueira, Elza Sorriso (portuguesa) e Rafael Fuster (espanhol)".

XV

PRESENÇA DA MULHER MOSSOROENSE NO 30 DE SETEMBRO DE 1883 (*conferência, pronunciada na Universidade Regional do Rio Grande do Norte — Mossoró,* em 29 de setembro de 1974).

O orador referiu a presença do elemento português em fatos históricos importantes, particularmente na agitada comunidade do Nordeste brasileiro, e situou a posição da mulher de Mossoró na abolição dos escravos:

"Dos registros pessoais de Romualdo Lopes Galvão consta que D. Sinhá Galvão, sua esposa, professava a religião presbiteriana. Era filha do poeta abolicionista José Damião de Sousa Melo, português, mas radicado em Mossoró havia longos anos:

"José Damião era homem de forte lastro cultural, pois fora padre. Por motivos, que não chegaram a ser conhecidos na sua terra adotiva, tirou a batina, queimou as vestes que o ligavam ao clero, veio para o Brasil e apareceu em Mossoró, onde instalou negócio e desenvolveu atividade comercial".

"Com essa filiação religiosa, a filha de José Damião de Sousa Melo, não teve oportunidade de realizar seu casamento em Mos-

soró, onde o velho vigário colado Padre Antonio Joaquim era por demais radical".

"Daí, o casamento ter sido feito em Fortaleza".

"O português José Damião era pai do poeta e polemista Alfredo de Sousa Melo.

XVI

POÇO DAS PEDRAS (*Romance*) — Rio de Janeiro, 1973 — 207 páginas.

Romance de colorido regional, de profunda retentiva psíquica, e em que seus tipos são todos Mossoroenses de fino gosto. Aí se estabelece uma interessante discussão de literatura portuguesa, entre Toinho do Colombo e o conhecido professor de vernáculo Manuel João, de modo, até, pouco amistoso:

"Livro, professor, diz o ex-aluno, é alimento do espírito, presente que não cai à mão de analfabeto".

Ao que o mestre revida com segurança:

"Ora, ora. Mas isto é muito danado! Dizer-se uma coisa destas!"

"Eu que li as orações demostênicas, os discursos de Cícero, as Catilinárias, os Sermões, de Vieira, a Nova Floresta, de Bernardes, os Clássicos da língua, antigos e modernos! Eu que vivo tentando interpretar as dificuldades de Os Lusíadas, que examinei profundamente as particularidades do estilo de Eça, que li e reli Herculano todo, Garrett e Castilho sempre foram autores da minha estante, além do terrível Camilo na sua linguagem rica pelos arcaísmos, que ressuscitou, e exuberante pelas formas neológicas a que deu vida no léxico português! Tudo só da Península para não falar em nossos escritores, particularmente no expressionismo machadiano, visão única da nossa cultura literária, sem dúvida, o maior dos romancistas brasileiros! E vem, agora, este espírito de porco provocar-me com um desaforo deste tamanho!"

"Com esta eu vou saindo, diz o vernaculismo com revolta que não deixava de ser justa!"

Aos que estavam ouvindo a conversa o opositor dizia:

"Eu só faço isso, para ver este velho aperriado, porque na verdade, a língua portuguesa não tem segredos para ele, que sabe de tudo e ensina muito bem".

XVII

EVOLUÇÃO URBANÍSTICA DE MOSSORÓ (Edição, patrocinada pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, para o XXV° Congresso Nacional de Botânica) — Coleção Mossoroense, n° 248 — Natal, 1974.

Breves apontamentos, entre outros assuntos, da influência lusa na terra mossoroense:

1) "A 17 de outubro desse ano (1872), Jeremias da Rocha Nogueira com José Damião de Sousa Melo (português) fundavam *O Mossoroense,* o primeiro órgão da imprensa da cidade".

2) "Vida social e recreativa. Nele se assinala a instalação do Recreio Dramático, sociedade organizada pelo português Manuel Gomes de Oliveira e Silva. Dela fazia parte Romão Filgueira".

3) "1888. Neste ano, o português Antonio Fernandes Júnior fundava uma sociedade secreta com o nome de Congregação Livre Popular que o povo passou, logo, a chamar de Panela de Fera ou Carbonaria".

XVIII

PRESENÇA NORTE-RIO-GRANDENSE NA ALÇADA PERNAMBUCANA (*Publicação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, com o auxílio do Conselho Federal de Cultura*) — Rio de Janeiro, 1971.

O livro espelha, entre outros assuntos, a presença portuguesa na repressão ao movimento separatista que eclodiu, em Pernambuco, em 1817, e que se espalhou pelals vizinhas capitanias da Paraíba e do Rio Grande do Norte. E, porque se trata de trabalho de um norte-rio-grandense, era natural que ele desse maior relevo à relevante figura do Pe. Miguelinho, de quem afirma:

"Assentamento de batismo da matriz da capital: Miguel, filho legítimo de Manuel Pinto de Castro, natural de São Veríssimo de Valbom, bispado do Porto, e de Francisca Antonia Teixeira, natural de Natal..."

"Professou a 4-11-1784 na Ordem dos Carmelitas com o nome de Frei Miguel Bonifácio, apelidado, popularmente, Frei Miguelinho, por ser de pequena estatura (Câmara Cascudo, *história do Rio Grande do Norte*)."

"Viagem a Lisboa: com a necessária licença da metrópole, viajou a Lisboa, na companhia do Procurador de sua Ordem, de cuja estima privava e por quem era sempre distinguido".

"Esta viagem a Lisboa teve influência decisiva na vida de Frei Miguelinho. Durante o tempo em que permaneceu naquela cidade fez muitas amizades e relacionou-se com sábios e homens de pensamento. Além disso, frequentou as sociedades literárias de renome... Seu idealismo fortalelceu-se no contacto dessa convivência, onde os problemas políticos eram abordados através dos pensamentos que animavam a independência dos povos americanos".

"Dessas importantes amizades, feitas por Frei Miguelinho,

na metrópole lusitana, merece especial relevo a que manteve com o ilustre sacerdote D. José Joaquim de Azevedo Coutinho, já então Bispo de Pernambuco, que lhe dedicou grande estima, tratando Miguelinho com o maior apreço".

"O Bispo Azevedo Coutinho é justamente apresentado como um dos precursores da Sociologia no Brasil".

"Pediu e alcançou a secularização que lhe foi concedida por breve da Santa Sé. Descompromissado daqueles três votos, que prestara, ao entrar na Ordem, passa a ser Padre da Igreja Secular, apenas com o voto de castidade".

"Aí, então, deixa de existir Frei Miguelinho, e surge Padre Miguelinho".

"Por volta do ano de 1800, está de volta a Recife".

"Foi então o Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro nomeado Secretário do Governo Revolucionário de 1817".

"Também, é de Miguelinho a famosa proclamação, levada aos pernambucanos, onde afirma que: "grandes incêndios podem originar-se de uma pequena faísca, principiassem a espalhar algumas sementes de um mal entendido ciúme, a rivalidade, entre os filhos do Brasil e de Portugal..."

"Vencida a Revolução, foi arrastado com mais 71 companheiros de infortúnio para os porões do navio carrasco".

"Aproou em Salvador, onde os esperava, como diz o cronista contemporâneo deles, o minotauro Conde dos Arcos".

"Desembarcaram a 9 de junho. A 10, foram interrogados".

"Admirado de um tão grande silêncio em que permanecia quase às portas da morte, perguntou-lhe o Conde dos Arcos, em pleno interrogatório:

"Padre, não cuide que somos bárbaros e selvagens, que somente respiram sangue e vingança. Fale. Diga alguma coisa em sua defesa. E, porque o silêncio continuasse ainda mais profundo, perguntou-lhe o Conde, como querendo insinuar-lhe a evasiva:

"O Padre não tem inimigos, não seria possivel que eles lhe falsificassem a firma, e com ela subscrevessem todos os papéis ou parte deles que estão presentes?"

"A grande resposta que ficou na história:

"Não, senhor (falou, então, pela primeira vez), não são contrafeitas. As minhas firmas, nesses papéis, são todas autênticas. Por sinal, que, num deles, o do meu último sobrenome, Castro, ficou metade por acabar, por que faltou papel".

"A sentença:

"E decidiu o Tribunal, e por todos os seus votos, que as sobreditas culpas achavam-se plenamente provadas, e os réus delas incursos nos §§ 5º e 8º das Ordenações do Reino. E mandam que se executem, nos sobreditos réus, as penas do § 9 da mesma ordenação".

"O arcabuzamento deu-se no dia 12 de junho de 1817, no Campo da Pólvora".

"Apenas expirou, a soldadesca homicida e sanguinária entrou em vivas do estilo, ao Rei, em nome de quem assassinavam!...

Este estudo não se prende, conforme outros nossos de expressão luso-brasileira, a figuras axiais, de alto relevo, de portucalidade no Brasil, como Padre Gonçalo de Oliveira (*) é Manuel Coelho de Almeida Margarida (XX), nem pode ser comparado com outro que editamos em 1954 (XXX) em que nos referimos a João Ramalho, M. da Nóbrega e Manuel de Paiva, como

(*) PADRE GONÇALO DE OLIVEIRA UM DOS PIONEIROS DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 1ª edição da "Revista de História", órgão do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo..., Vol. XXXI. São Paulo, 1965; e separata.

(XX) UM POETA ANALFABETO NA HISTÓRIA DA LITERATURA LUSO-BRASILEIRA DO SÉCULO XIX: MANUEL COELHO DE ALMEIDA MARGARIDA (1829-1885).

(XXX) O DIALETO CAIPIRA DE AMADEU AMARAL — INTRODUÇÃO, A RESPEITO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO, no *Jornal do Comércio* de 7 de março de 1954.

Estaturas exponenciais a serviço de duas pátrias irmãs, nem ainda aos nossos trabalhos muito amplos, atinentes à Língua Portuguesa no Brasil, sua introdução, acomodação, evolução, etc. (XXXX).

Este estudo é mais dispersivo, mais expansivo. Movimenta e irradia aspectos de variadas naturezas, históricos, sociais, religiosos, folclóricos, etc., materiais que, ficando assim reunidos, hão de servir para arquiteturas histórico-sociais, étnicas e linguísticas mais vultosas.

E deste teor muitos outros escritores deveriam ser elaborados, para a agradável e justíssima compreensão dos esforços portugueses na construção desta grande Pátria Brasileira.

(XXXX) ESTUDOS DE LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL. I. ASPECTOS TRADICIONAIS; ESTUDOS DE LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL. III. FONTES. IV. A LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL — Rio de Janeiro, 1960.

Nem só aquele rincão seco do Nordeste Brasileiro estiliza o nome, a tradição e a inteligência da forte, bela e valorosa Terra Lusitana, com há dias, me escreveu o escritor Raimundo Nonato, da área Norte-rio-grandense, autor de cerca de trinta livros concernentes à sua região, de dezoito dos quais extraímos textos para a nossa Antologia.

A presença de Portugal no Brasil não é fenômeno particular das grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo. É necessário

que surja, mais vezes, alguém com o mesmo denodo, entusiasmo e paciência beneditina de Raimundo Nonato a mostrar essa presença gloriosa, projeção pura, exata, em locais distantes, como o examinado pelo portentoso escritor, Mossoró, importante centro de comércio e de expansão cultural, núcleo dos mais propulsores do desenvolvimento industrial do Rio Grande do Norte, projeção, presença, contribuições lusas muito longínquas, que vêm sendo observadas, no tempo, desde os primeiros dias de povoamento, desde os primeiros dias da era do expansionismo econômico e desde os dias memoráveis da campanha abolicionista de 1883. Fatos históricos sociais de tanta evidência, que os cidadãos das duas grandes Pátrias podem desabafar, com euforia, como me escreveu Raimundo Nonato:

"Sinto-me mais enobrecido em ser português!"

"Sinto-me mais orgulhoso de ser brasileiro!"

REGISTROS E INFORMAÇÕES

O nosso confrade Jaime dos G. Wanderley festejou, no dia 16 de outubro passado, seus 80 anos. Comemorando seu octasésimo aniversário, lançou mais um livro de poesia, trabalho inspirado e substancioso.

* * *

O confrade Antônio da Rocha Fagundes completará, no dia 9 de dezembro vindouro, seus 81 anos que será comemorado entre o afeto e o carinho de seus familiares. Há um ano publicou a biografia do Vigário Bartolomeu, livro que alcançou grande sucseso.

* * *

Passaram por Natal e chegaram a Mossoró os nossos confrades Raimundo Nonato da Silva e Walter Wandreley. Escritores e pessoas muito queridas, tanto aqui como na cidade do Oeste, foram eles recepcionados e homenageados.

* * *

O confrade Enélio Petrovich proferiu, em Recife e no Rio de Janeiro, palestra alusiva à Questão Religiosa em Natal, realçando bem a figura incomunicável do Vigário Bartolomeu da Rocha Fagundes.

* * *

Nosso confrade Américo de Oliveira Costa esteve viajando pela Europa, demorando-se em Paris, onde foi matar saudades. A viagem recreativa e cultural, além de agradável, tornou-se bastante proveitosa para as letras potiguares.

* * *

O confrade Paulo Pinheiro de Viveiros, ex-presidente da Academia, foi agraciado merecidamente com o honroso título de Professor Emérito da UFRN.

Outro confrade nosso que temos o dever de destacar é o nosso ex-presidente Manoel Rodrigues de Melo. Homem dedicado às letras e à pesquisa, dedicou-se igualmente à Academia, dirigindo-a seguramente durante 20 anos, doando-lhe todo o seu esforço e lhe emprestando toda a sua devoção. Seu trabalho é inesquecível.

* * *

O confrade Veríssimo de Melo ultimamente tem se demorado pouco em Natal. Convidado por associações literárias, empreendeu diversas viagens a vários pontos do Brasil, onde vem proferindo palestras sobre fólclore e oferecendo informações valiosas sobre literatura de cordel.

* * *

O nosso estimado confrade Alvamar Furtado, que se encontra no Sul do País, acaba de regressar a Natal para rever parentes e amigos. A viagem é sentimental e aqui ele ficará alguns dias no aconchego afetuoso da terra querida.

* * *

Nosso confrade José Tavares submeteu-se, em Belo Horizonte, a melindrosa operação oftalmológica. Encontra-se no Rio de Janeiro em auspiciosa recuperação, preparando-se organicamente para nova intervenção cirúrgica.

* * *

No dia 14 de novembro foi inaugurada solenemente a galeria dos expresidentes da nossa Academia. A cerimônia foi presidida pelo confrade Onofre Lopes que emprestou ao ato expressivo significado. Foram colocados, em lugar de honra, os seguintes retratos: Henrique Castriciano, Antônio Soares de Araújo, Juvenal Lamartine, Paulo Pinheiro de Viveiros (duas vezes presidente), Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa e Manoel Rodrigues de Melo, várias vezes reconduzido à presidência. Em cerimônia de igual sentido, procedeu-se a imposição do retrato de Luís da Câmara Cascudo, fundador da Academia e escritor de reconhecidos méritos.

* * *

O nosso confrade Onofre Lopes, presidente da Academia, viajou, em dias do mês passado, ao Rio de Janeiro, acompanhado de sua esposa, dona Selva Lopes, para comemorar os seus 45 anos de formatura. Médico da turma de 1932, saído da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dr. Onofre Lopes reuniu-se a um grupo de 70 colegas, todos animados do mesmo propósito de recordar o saudoso dia da colação de grau. A turma era de 386 médicos. Aproximadamente 140 já deixaram esta vida; e 70 juntaram-se alegremente no dia 3 de outubro passado para a cerimônia evocativa. As comemorações assim se proseguiram: dia 1.º, almoço de confraternização, no Sindicato dos Médicos e dele participando as esposas. Dia 2, passeio recreativo a Angra dos Reis e à cidade de Paraty.

Dia 3, missa de ação de graça na Candelária, o mesmo templo onde foi celebrada, há 45 anos, a outra missa que abriu os horizontes para a fé e para a profissão. À noite daquele dia 3, jantar de encerramento no Restaurante Le Buffet, um dos mais elegante do Rio de Janeiro. Seguiu-se um espetáculo artístico e se acumularam muitas emoções. Desse modo, o nosso presidente Onofre Lopes comemorou condignamente seus 45 anos de vida profissional. Resta-nos transmitir-lhe os parabens da Academia.

* * *

Ainda na viagem que empreendeu ao Sul do País, o confrade Onofre Lopes proferiu, no Centro Norte-rio-grandense, no Rio, expressiva palestra sobre Universidade e Desenvolvimento.

* * *

Nosso confrade João Medeiros Filho esteve doente e hospitalizado, já se encontrando em sua residência, na praia da Redinha, em excelente estado de recuperação. Dentre em breve retornará às atividades advocatícias.

* * *

O confrade Inácio Meira Pires comemorou, no dia 5 de setembro passado, suas bodas de prata matrimoniais. Houve missa em ação de graça e os festejos se complementaram com muita esponneidade.

* * *

Nosso confrade Ascendino Almeida lançará este mês seu novo livro: **Português para o Vestibular.** O expressivo trabalho traz a apresentação do Reitor Domingos Gomes de Lima e se destina particularmente aos vestibulandos. Divide-se em duas partes: redação e gramática. O livro está fadado ao mais auspicioso sucesso. De parabéns a Academia com a publicação desse trabalho filológico.

* * *

Ainda do nosso confrade Ascendino Almeida, temos grande satisfação em anunciar que ele acaba de obter, em Maringá, o primeiro prêmio no concurso nacional de trovadores. Prepara-se agora para viajar ao Paraná para receber o galhardão.

Também o nosso confrade José Melquíades, que lançou, recentemente, na Academia, seu romance JUCA PORFIRO, cuja primeira edição já esgotou-se, anuncia dois novos livros: CENTENÁRIOS, em que reúne ensaios e estudos sobre Padre Brito Guerra, no ano do seu bicentenário; Auta de Souza e Dom Joaquim Antônio de Almeida, primeiro bispo do Rio Grande do Norte. Este livro tem a apresentação do prof. João Faustino, atual Secretário de Educação do Estado. O segundo trabalho envolve a vida e a obra de William Faulkner, moderno romancista norte-americano e um dos ficcionistas de difícil interpretação. O livro está sendo impresso na Editora Universitária.

Trabalho gráfico
executado pela Editora
da Universidade Federal do
Rio Grande do Norte,
sendo Reitor o Professor
Domingos Gomes de Lima
e Diretor da Editora
Airton de Castro.
Terminou-se de imprimir
em novembro de 1977